

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IVONETE COSTA VILA

**A ESCOLARIZAÇÃO, A EDUCAÇÃO POLÍTICA E A CONSCIÊNCIA
RACIAL DE VELHOS TRABALHADORES NEGROS QUE VIVEM EM
RONDONÓPOLIS - MT**

Cuiabá-MT
2005

IVONETE COSTA VILA

**A ESCOLARIZAÇÃO, A EDUCAÇÃO POLÍTICA E A CONSCIÊNCIA
RACIAL DE VELHOS TRABALHADORES NEGROS QUE VIVEM EM
RONDONÓPOLIS - MT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na Área de Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta

**Cuiabá-MT
2005**

FICHA CATALOGRÁFICA

v695e VILA, Ivonete Costa

A Escolarização, a Educação Política e a Consciência Racial de Velhos Trabalhadores Negros que Vivem em Rondonópolis - MT /Ivonete Costa Vila. -- Cuiabá: UFMT / IE, 2006.

ix, 147p.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade, na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

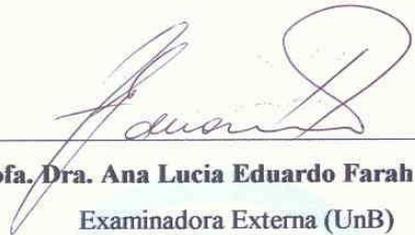
Bibliografia: p. 143 – 147

CDU -37:323.118

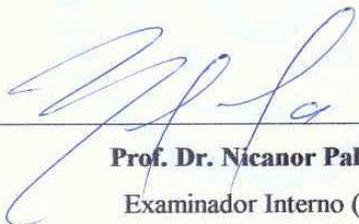
Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação Política
2. Consciência Racial
3. Negros
4. Escola

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFMT



Profa. Dra. Ana Lucia Eduardo Farah Valente
Examinadora Externa (UnB)



Prof. Dr. Nicanor Palhares Sá
Examinador Interno (UFMT)



Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta
Orientador (UFMT)

Dedico este trabalho ao amigo, Paulo Divino Ribeiro Da Cruz, que sempre foi um grande companheiro nessa jornada.

Aos meus pais, Joventino Costa Vila (in memória) e Maria das Graças Sena Vila que sempre me deram forças para lutar, vencer e ser feliz.

Aos meus irmãos e irmãs, Maria Aparecida, Maria Elizabeth, Clarice, Celso (in memória) Carlito e José Carlos, pelo amor incondicional para vencer.

AGRADECIMENTOS

À *Fundação Ford*, representada no Brasil *pela fundação Carlos Chagas* que patrocinou este trabalho tornando-o realidade.

Agradeço também aos amigos que de uma forma ou de outra sempre estiveram presentes: Lane Acildo, Marilu, Andréa, Ulisses, Miranda, Nara, Brás, Rosely, Sebastiana.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas André, Andersom, Adriano, Marilza, Marcos, Gilmar, Luciana, Valtemir, Jéssica, Carlos, Douglas, Gustavo pelo carinho sempre dado sem pedir nada em troca.

Aos entrevistados José Balbino, Sebastião do Nascimento, Fernando Souza Brito e José da Silva que com carinho cederam suas trajetórias de vida para que esse trabalho se tornasse concreto.

Aos professores que contribuíram para que este trabalho se realizasse: Nicanor Palhares Sá e Maria Lúcia Rodrigues Müller.

Ao professor Dr. Ademar Carvalho Lima, que também é responsável por essa construção.

Aos professores Dra. Ana Lucia Eduardo Farah Valente e Dr. Nicanor Palhares Sá que aceitaram prontamente em contribuir na construção deste trabalho.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta, que com sua simplicidade orientou-me não só na construção desta dissertação, mas também na busca de um novo projeto de vida.

RESUMO

Este trabalho investigou como ocorreu a exclusão da escola, a educação política e as manifestações de consciência racial de velhos trabalhadores negros nascidos nas décadas de 30 a 40 e que migraram para Mato Grosso e vivem no município de Rondonópolis. Pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada na tradição teórica marxista este trabalho busca estudar através da memória de nossos entrevistados, resgatando suas história de vidas, desde sua chegada à Rondonópolis, as relações ali estabelecidas, suas relações com os movimentos sociais e a forma como compreendem os mecanismos sobre as relações raciais. Os fatores classe social e raça foram trabalhados associadamente, no sentido de desvendar como estes sujeitos foram construindo sua consciência política de classe social e racial. O que vai levar-nos a concluir que os sujeitos pesquisados apresentam uma rica trajetória, com amplo conhecimento popular, expressivas manifestações de consciência política de classe social e racial, se compreendem negros embora não manifeste uma compreensão clara de terem sido, por diversas ocasiões, atingidos por preconceitos social e racial.

Palavras-chave: Negros, Escola, Educação Política e Consciência Racial.

ABSTRACT

This work research how the exclusion of school, the politics education and the racial conscience and manifestation of the old Negros workers were borne at the decade of 40's and 30's and immigrated to MT and lived in Rondonopolis occurred. Research of qualitative nature, based on the theory Marxist tradition, this works try to study using the memory of our interviewed, bringing their lives history back, since their arrival to Rondonopolis, the relation established, their relations with social movements and the way they understand the mechanism about racial relations. The social classes and the racial factors were associated worked in the sense of discover how these people have been constructing their politic conscience of racial and social classes, what leads us to a conclusion that a vast popular knowledge and considered conscience of politic and racial social classes, although negros doesn't show a very clear comprehension about how they suffer from social racism.

Key words: Negros, School, Polítics Education the Racial Conscience.

LISTA DE ABREVIATURAS

FNB	Frente Negra Brasileira
GO	Goiás
INSS	Instituto Nacional da Seguridade Social
MT	Mato Grosso
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PSD	Partido Social Democrático
SESI	Serviço Social da Indústria
UDN	União Democrática Nacional
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
INEP	Instituto de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
CGTB	Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I	17
CAPÍTULO 1	18
CONDIÇÃO RACIAL NO BRASIL	18
1.1 A Condição do Negro na Educação	21
1.2 Condição Racial e Ação Política.....	24
CAPÍTULO 2	44
CLASSE SOCIAL, CONSCIÊNCIA POLÍTICA, E CONSCIÊNCIA RACIAL	46
2.1 Condição de Classe e Racismo.....	45
2.2 Consciência Política, Classe Social e Racismo	53
2.3 Manifestações de Consciência Racial.....	63
PARTE II	69
CAPÍTULO 3	70
NEGROS VELHOS JOVENS NEGROS	70
3.1 José da Silva	71
3.2 Fernando Souza Brito	74
3.3 Sebastião do Nascimento.....	79
3.4 José Balbino Vieira.....	82
CAPÍTULO 4	87
ESCOLARIZAÇÃO	87
4.1 José da Silva	88
4.2 Fernando Souza Brito	89
4.3 Sebastião do Nascimento.....	93
4.4 José Balbino	95
CAPÍTULO 5	100
EDUCAÇÃO POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO	100
5.1 José da Silva	100
5.2 Fernando de Souza Brito	102
5.3 Sebastião do Nascimento.....	105
5.4 José Balbino	113
CAPÍTULO 6	125
CONSCIÊNCIA ÉTNICA E RACIAL.....	125
6.1 José da Silva	125
6.2 Fernando Souza Brito	127
6.3 Sebastião do Nascimento.....	131
6.4 José Balbino	134
CONCLUSÃO.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

INTRODUÇÃO

Nascida na cidade de Rondonópolis, filha de uma família de trabalhadores negros, imigrantes oriundos de Minas Gerais que aqui chegaram com o objetivo de prosperar financeira e socialmente, cresci ouvindo as histórias contadas por meus pais de suas trajetórias de vida, as dificuldades enfrentadas e as pequenas vitórias cotidianas.

Além das narradas por meus pais, ouvia também, outras histórias, de seus contemporâneos, relatando como era a vida em suas terras de origem. Os motivos que os levaram a buscar novos espaços. A opção por Mato Grosso e mais especificamente por Rondonópolis. Uma cidade que receberam muitos imigrantes negros, uma vez que sua posição geográfica estava inserida no projeto de colonização pública e particular de Mato Grosso, que ocorreu a partir da década de quarenta (TESORO, 2002).

Estes fluxos migratórios intensificaram o povoamento na cidade. Originados da política de ocupação do governo, consubstanciada no sistema de colônias agrícola. A intenção era fazer com que essa região se desenvolvesse como celeiro de alimentos. Tanto é que durante as décadas de cinquenta e sessenta do Século XX, Rondonópolis se destaca pela grande produção de arroz produzido em suas colônias.

As famílias vieram para Rondonópolis em busca de uma vida melhor. Alguns realizaram seus objetivos de ascensão, outros acabaram sendo tragados pelas redes de exploração do sistema e reproduzindo tão-somente a sua força de trabalho. Dentre essas famílias de migrantes muitas eram de trabalhadores negros que vinham em busca de uma vida melhor.

Assim sendo muitas dessas famílias de trabalhadores negros chegaram a Rondonópolis na esperança de conseguir trabalho e ter acesso a um pedaço de terra na época em que esta região de Mato Grosso ainda era considerada fronteira agrícola.

E foram estas histórias, ouvidas desde a infância, que me levaram a procurar, através deste trabalho, dar visibilidade à tão ricas experiências, pois, de acordo com Bosi (1994):

[...] a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, 1994, p 60).

Da mesma forma, Costa (2004) vai ressaltar que todas as trajetórias de negros e de negras merecem atenção e visibilidade, independente da camada social a qual pertença:

A outra parcela de negros que compõe a sociedade brasileira, ou seja, aqueles que não conseguem ascender e permanecem nas camadas populares, não sejam importantes, ou a suas trajetórias mereçam menor visibilidade. Ao contrário, entendemos que todas as trajetórias são relevantes (COSTA, 2004, p.15).

A tomada de consciência de minha negritude e de minha condição de classe social só veio a ocorrer, após uma experiência profissional malsucedida, pautada pela discriminação e o preconceito, bem como com meu ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, no campus de Rondonópolis.

Essas experiências aprimoraram meu censo crítico e minha capacidade de compreensão, levando-me, conseqüentemente a interessar-me pelos temas que abordo neste trabalho. Antunes, (1988), define esta tomada de consciência como a expressão do momento em que o proletário compreende a totalidade e impõe uma nova realidade, superando a subordinação estrutural imposta pela ordem capitalista.

Neste trabalho procurei investigar como se deu o processo de exclusão escolar, a educação política e as manifestações de consciência racial de trabalhadores migrantes negros,

com pouca experiência escolar, nascidos nas décadas de 30 a 40 e que vivem na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso.

Para efetivar este estudo sobre a escolarização, educação política e a consciência racial, desses trabalhadores negros, inicialmente desenvolvemos um levantamento bibliográfico com abrangência nas áreas de história do negro no Brasil, história da educação, formação da consciência política, consciência racial e memória. Além desse levantamento bibliográfico, este estudo contemplou o trabalho de campo que foi desenvolvido na cidade de Rondonópolis, no Estado de Mato Grosso.

Foram escolhidos como sujeitos da pesquisa quatro trabalhadores negros que vieram para Rondonópolis naquele movimento de expansão da fronteira agrícola dos anos cinquenta e sessenta, pertencente às camadas populares, com pouca instrução escolar e que hoje podem ser considerados como integrados à comunidade local.

A partir daí elaboramos um roteiro de perguntas que serviu de base à entrevista semi-estruturada que foi realizada com os mesmos. Os registros colhidos nessas entrevistas nos mostraram suas trajetórias de vidas, suas memórias da infância e da adolescência e suas relações com a escola, por que vieram para Mato Grosso, como escolheram Rondonópolis para morar e qual é hoje sua relação com a sociedade. Nosso trabalho, como disse foi desenvolvido com pessoas que nasceram de 1930 a 1940. Eles têm hoje em 2005 em torno de 66 a 77 anos. Através das entrevistas, afloraram-se suas histórias, as suas negritudes e a expressão de suas consciências.

Importa ressaltar, no entanto, que no primeiro momento de contato com os entrevistados houve por parte de José Balbino e de José da Silva uma certa resistência inicial não querendo nós receber.

José Balbino falou que não tinha com que contribuir, que nós que, “éramos jovens” que tinham histórias pra contar não ele, “um velho”. Perguntei se poderia deixar um roteiro de perguntas, um resumo do projeto e qual era o propósito da entrevista. Concordou. Retornei várias vezes, mas somente dois meses depois ele me concedeu a entrevista. Nesse encontro ele foi muito gentil, pediu desculpas e falou que pensou que nós éramos do Partido dos Trabalhadores. Por isso não queria falar nada. Conhecido como histórico militante comunista no Estado de Mato Grosso e respeitado pela esquerda da cidade até hoje não consegui compreender esse argumento apresentado para explicar essa sua resistência inicial. No entanto, José Balbino concordou em ser entrevistado e fotografado.

José da Silva, no início, também mostrou resistência não querendo nós conceder a entrevista. Não apresentou nesta primeira ocasião nenhum argumento que justificasse sua atitude. A impressão que tive é que nesse primeiro encontro ele não teve um entendimento do objetivo porque ele estaria sendo entrevistado. Em um segundo encontro, após explicar novamente as razões da pesquisa, que se tratava de um trabalho acadêmico de interesse para a comunidade, que estava pesquisando a escolarização, a educação política e consciência racial de velhos trabalhadores negros que vivem em Rondonópolis. Ele nós atendeu, fizemos a entrevista e combinamos que voltaríamos ainda mais uma vez se fosse necessário. Então voltamos novamente para refazer algumas perguntas e tirar fotos, mas ele não quis mais nos atender, chamou sua filha que reafirmou que ele não iria mais falar, argumentando, agressivamente, que não aparecia ninguém pra dar dinheiro a seu pai e que dá informações para trabalhos da universidade era perda de tempo. Ele não quis “tirar” fotos. No final desse encontro perguntou apenas se eu iria ficar triste e se não iria atrapalhar o meu trabalho porque ele não queria mais ser entrevistado e nem tirar fotos.

O mesmo não ocorreu com o Fernando Brito e o Sebastião do Nascimento que foram muitos receptivos, dizendo que nem sabiam que a suas trajetórias de vida poderiam servir de *materiais* para um trabalho acadêmico.

O encontro com Fernando Brito foi de grande alegria, pois o mesmo já me conhecia há muito tempo porque morávamos no mesmo bairro e ficou contente em poder contar um pouco de sua história em um trabalho da Universidade.

Sebastião Nascimento também já me conhecia desde criança, pois fomos vizinhos por um longo período de nossas vidas. Agradeceu por poder me ajudar neste trabalho acadêmico e disse que seria um grande prazer ser entrevistado pela “Rosa” que ele viu crescer. Dessa forma fizemos a entrevista, e almoçamos juntos.

Todas as entrevistas foram gravadas em fitas cassete e transcritas na íntegra. Contemplada a etapa de entrevistas, passamos a análise dos dados e a elaboração das considerações finais. Através da trajetória desses quatro trabalhadores negros residentes na cidade de Rondonópolis, situado ao sul do Estado de Mato Grosso, procuramos estudar o significado de todo esse processo social e político e condição de existência no contexto histórico da sociedade brasileira. Mostrando como se deu o processo de exclusão da escola, a educação política e as manifestações de consciência racial de Fernando Brito, José Balbino, José da Silva e Sebastião do Nascimento que certamente expressam a condição social e política de muitos trabalhadores negros de suas gerações.

Os encontros com os entrevistados ocorreram entre os meses de agosto a outubro de 2004.

Para desenvolvermos este trabalho, fiz a opção de organizá-lo em duas partes. Na primeira desenvolvemos uma reflexão sobre a condição racial no Brasil e suas implicações na

exclusão da escola na educação política e nas manifestações de consciência racial do negro. Na Parte II trabalhamos a análise dos dados obtidos através do registro das memórias dos sujeitos entrevistados sobre suas trajetórias de escolarização, educação política e manifestações de consciência racial.

Por último, atendo-me às conclusões finais do trabalho onde procuro afirmar que os negros e as negras do Brasil não têm permanecido passivos ante os mais diversos tipos de exclusão e violência a que são submetidos.

Conforme Munanga (1996) estamos num país onde ações graves e importantes são praticadas sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrario do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio implícito, a sutileza velada e o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia.

PARTE I



CAPÍTULO 1

CONDIÇÃO RACIAL NO BRASIL

Atualmente, os negros representam 44,2% da população brasileira. Este índice torna o Brasil o país não-africano com a maior população negra do mundo e o segundo maior se considerarmos todo o globo terrestre, perdendo somente para a Nigéria (RIBEIRO, 1996, p. 27). No entanto, a maior parte desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia e trabalho.

Os relatórios feitos por organismos internacionais deixam a nu dois brasis: um moderno, rico e desenvolvido e outro, pobre e anacrônico. “O que chama a atenção nesses dois países contido em um só, são os estoques raciais alojados em cada um deles. No primeiro Brasil, país que mais cresceu neste século, tem-se um povo marcadamente branco e amarelo. No segundo Brasil, a esmagadora maioria é preta e parda” (SANTOS, 1996, p. 14).

Esta realidade vivida diariamente por negros não constitui uma história recente. A libertação dos escravos, no Brasil, 1888, tornou os africanos e afro-brasileiros iguais ao homem branco perante a lei. Aquela data marcou o início de uma “nova” sociedade.

O Brasil teve que lidar depois da abolição com o “problema” posto pelos ex-escravos e descendentes de africanos, que não encontrando espaços na sociedade dos brancos, viram-se excluídos e marginalizados, destituídos de oportunidades de trabalho e de socialização. A

solução adotada pela nação para este “problema” fornece a chave para o entendimento das relações raciais no Brasil Republicano. Esta solução não implicou um sistema de segregação racial semelhante ao dos Estados Unidos, mas o branqueamento e a integração simbólica dos brasileiros não-brancos através da idéia da democracia racial (HANSEBALG, 1990, p. 02).

Constata-se que a lei abolicionista não possibilitou a cidadania para a massa de ex-escravos e de seus descendentes. A partir da promulgação da lei, os ex-escravos e seus descendentes foram segregados social e economicamente.

Despossuídos, com necessidades materiais imediatas para a sua sobrevivência e a de seus familiares, eles passavam a disputar a sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista, na qual técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnica são feitas para que eles permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas (MOURA, 1994, p. 160).

A atual posição de inferioridade socioeconômica do negro não deve ser relacionada unicamente à sua condição no momento da abolição da escravidão. A afirmativa de que as desigualdades raciais contemporâneas estão só residualmente ligadas ao legado da escravidão deve-se “à continua operação de princípios racistas de seleção social” (MOURA, 1994, p. 42).

Conforme Cavalleiro (2000), a ideologia da “democracia racial” aparece como um elemento complicador da situação do negro. Essa ideologia, embora tenha se fundamentado nos primórdios da colonização e tenha servido para proporcionar a toda sociedade brasileira o orgulho de ser vista no mundo inteiro como sociedade pacífica, persiste fortemente na atualidade, mantendo os conflitos étnicos fora do palco das discussões. Embora ainda exerça muita influência na sociedade, pouco contribui para melhorar concretamente a situação dos negros. Representa uma falácia que serve para encobrir as práticas racistas existentes no território nacional e isentar o grupo branco de uma reflexão sobre si mesmo.

Moura, ao questionar a existência dessa ideologia, afirma:

O racismo brasileiro na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece á luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. Não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica, social e cultural (MOURA, 1994, p. 160).

Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, com concentração fundiária e de rendas maiores do mundo, um país no qual a concentração de rendas exclui total ou parcialmente 80% da sua população da possibilidade de usufruir um padrão de vida decente; que tem trinta milhões de menores abandonados, carentes ou criminalizados não pode ser uma democracia racial, como diz Moura (1994, p. 48).

Para Abdias do Nascimento (1983, p. 28), a democracia racial constitui um instrumento da hegemonia branca brasileira que mascara um processo genocida, constituindo uma fachada despistadora que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou da África do Sul.

Outra face perversa dessa ideologia configura-se na sua apropriação pelos próprios indivíduos negros que, em situação social desfavorável, “apreende a visão que a sociedade construiu sobre eles, levando-os a reproduzir preconceitos e atitudes discriminatórias dirigidas a seu próprio grupo étnico, o que, também, tendencialmente, lhe causa a própria autonegação” (HANSEBALG, 1990, p. 16).

Dessa forma, para Cavalleiro (2000, p. 30), o racismo no Brasil foi denominado “racismo cordial”. Mesmo sendo, tal denominação imprópria, ela marca a falência da democracia racial. Esse racismo, erroneamente denominado cordial, acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo “invisível”, que não aparece em hora, situação ou lugar predeterminados. Sua ação, porém, é cruel para aqueles que, sob uma pele negra, buscam a sobrevivência física e emocional próprias e de seus familiares. Em

consequência desse racismo, o negro vê-se impedido de participar de um processo que deveria primar pelos amplos princípios que norteiam a construção da cidadania plena.

Nascimento (1983), aponta que um estado de terror vigora desde 1890, no qual o negro vem sendo o preso político mais ignorado desse país. Por ser negro, por praticar suas tradições de origem, isto é, por razões políticas, até hoje ele é vítima predileta da violência policial. O negro é o primeiro a ser preso, escolhido a dedo em “batidas” e buscas em geral violentas. Tal arbitrariedade confirma o dito popular: “branco correndo é atleta; preto correndo é ladrão”.

Segundo Cavalleiro (2000), são várias as manifestações em que se pode comprovar a existência de discriminação étnica em relação aos negros, considerando que a realidade brasileira apresenta um corte incisivo entre brancos e negros: brancos, na sua maioria, recebem maiores salários e, no caminho contrário, negros, em sua maioria, encontram-se na base da estrutura social, sem vislumbrarem possibilidades de melhoria em sua condição de existência e com mobilidade decrescente. Fatores como esses são encobertos por um “véu alegórico” que falseia a realidade e dificulta aos brasileiros enxergarem o problema existente, bem como a sua contribuição e seu favorecimento para a manutenção desse quadro de desigualdade existente no nosso país.

1.1 A Condição do Negro na Educação

Os estudos de Hasenbalg (1979), sobre as décadas de 40 e 50 mostram as desigualdades entre negros e brancos na educação. Os dados mostrados por ele revelam que o total da população alfabetizada era de 38,2%, sendo 46,9% de pessoas brancas alfabetizadas e 22,6% de negros alfabetizados, havendo uma diferença de 24,3% entre brancos e negros. Na

década de 50, o total de pessoas alfabetizadas era de 42,6% sendo 52,7% de brancos e de 25,7% de pessoas não brancas, resultando numa diferença entre os grupos raciais de 27,0%. Conforme nos diz o autor, a população não branca teve uma expansão de acompanhamento no sistema educacional, elevando sua taxa de alfabetização. Já o processo educacional de não brancos foram mais lento que os do grupo não branco. Com relação ao grupo de conclusão de escolaridade da população negra, quando se considera a educação em nível superior, na década de 40, a desigualdade era exorbitante. Ainda segundo Hasenbalg a possibilidade de os brancos, em relação aos negros, concluírem o curso universitário era de 13,7 vezes maior. Ele nos mostra:

No país como um todo, em 1940, os brancos tinham uma possibilidade 3,8 vezes maior de completar a escola primária que os não brancos. Em 1950, a possibilidade era 3,5 vezes maior na escola primária, 11,7 vezes maior na escola secundária e 22,7 vezes maior no nível universitário. Inequivocamente, entre 1940 e 1950, a população não-branca só manteve sua posição relativa no nível da escola primária, onde o número total de formados aumentou 245% naquela década. Nos níveis secundários e universitários, onde o número de diplomados aumentou de 175% e 48%, respectivamente, a posição relativa dos não-brancos deteriorou-se. Em 1950, os brancos, representando 63,5% da população total, detinham 97% dos diplomas universitários, 94% dos secundários e 84% dos diplomas da escola primária (HASENBALG, 1979, p. 86).

O que se percebe pelos dados apresentados pelo autor é que quanto mais alto é o grau de estudo obtido menor é o número de negros no espaço educacional.

Hasenbalg e Silva nos mostram pelos dados do PNAD de 1982, no que diz respeito ao acesso no sistema escolar, uma proporção mais elevada de crianças não-brancas ingressa tardiamente na escola. Além disso:

[...] a proporção de pretos e pardos que não têm acesso de todo à escola é três vezes maior que a dos brancos. Estas desigualdades não podem ser explicadas nem por fatores regionais, nem pelas circunstâncias sócio-econômicas das famílias. Embora uma melhor situação sócio-econômica reduza a proporção de crianças que não têm acesso à escola independentemente de sua cor, ainda persiste uma diferença clara nos níveis gerais de acesso entre crianças brancas e não-brancas mesmo nos níveis mais elevados de renda familiar per capita (HASENBALG & SILVA, 1990, p. 99).

Rosemberg (1987), que também estuda esta temática nos mostra, analisando dados do PNAD também de 1982 que para todas as séries do primeiro grau, os alunos negros, incluindo pretos e pardos, apresentam índices de exclusão e de repetência superior aos alunos brancos. As crianças negras não só tendia a repetir de ano com maior frequência que as brancas, como também saíam do sistema de ensino antes de completar as séries iniciais. Somente 59,4% das crianças negras que freqüentavam a 1ª série do 1º Grau conseguiram ser aprovadas no final do ano, enquanto que entre os alunos brancos esse índice foi 71,4%. A evasão escolar na passagem da 3ª para a 4ª série era mais comum entre as crianças negras, ocorrendo uma evasão a cada dez crianças. Entre os brancos, a proporção era de uma evasão a cada vinte crianças. As desvantagens na educação do negro são contínuas como podemos notar em dados mais recentes do IPEA, onde confirma o que nos já havíamos concluído.

Para todas as idades a diferença da escolaridade média entre brancos e negros é de dois anos ou mais. O analfabetismo é três vezes maior entre negros de 15 a 25 anos do que brancos da mesma idade. Somente 3% da população negra de 25 anos ou mais tem onze anos de estudo ou mais. A proporção equivalente para os brancos é de 13% ou quatro vezes mais.

Conforme Nigel Brooke, (2002), as desvantagens são ainda maiores do que a população da África do Sul. Tido, por muitos anos, como o pior exemplo da discriminação racial em função do sistema político do *apartheid*, a proporção de negros indo para ensino superior naquele país é de 15%. Enquanto isto, no Brasil, pelos dados do INEP (ano), somente 2,2% dos que cursam o ensino superior no Brasil são negros.

Dessa forma para que exista uma inclusão maior da população negra na escola é necessário que se tenham políticas públicas em que sejam desenvolvidos projetos de ação afirmativa para a população negra. Enfrente as dificuldades encontradas pela comunidade negra em permanecer na escola. Fundamentalmente realizando ações políticas sociais e

pedagógicas no sentido em fazer com que as crianças e os jovens negros e negras não abandonem a escola para trabalhar.

Conforme Nigel Brooke (2002), mesmo havendo prova contundente da desvantagem educacional do negro existem justificativas para um tratamento diferenciado. Pode-se atacar a raiz das diferenças raciais através de políticas de ação afirmativa na esfera educacional. Sem a ação Afirmativa, as mudanças vão ser extremamente lentas. Os mesmo dados do IPEA mostram que entre 1992 e 1999 a proporção de negros de 18 a 25 anos que ainda não ingressaram no ensino superior baixou de 98,5 para 97,7% - uma redução de 0,7 num prazo de sete anos. Ao mesmo tempo, a redução para a prolação branca foi de 3,5% ou seja, no ritmo atual, algumas das desvantagens educacionais dos negros certamente não desaparecerão sozinhas. Pelo contrário, seguindo tendências atuais, podem até aumentar.

Se não houver uma intervenção explícita, com o objetivo de aumentar o acesso e a permanência dos negros e das negras dentro do sistema educacional, as diferenças educacionais perdurarão, com tudo o que isso significa para a manutenção do sistema de estratificação racial, para a distribuição desigual da renda e para perpetuação da desigualdade no exercício dos direitos humanos e civis que tanto dificultam a consolidação da democracia no país.

1.2 Condição Racial e Ação Política

Durante a escravidão, conforme Valente (1994), manifestações de protesto, como fugas insurreições, organização de quilombos ou demonstrações de resistência cultural foram constantes no Brasil. Fatos que também podem ser estendidos para a realidade de Mato Grosso, conforme os trabalhos de autoras como Madureira (2002) e Volpato (1993). Algumas

vezes os escravizados chegavam até cometer suicídio. “Abolida” a escravidão, tendo sido lançado a uma situação de miséria absoluta, os negros procuraram se organizar. Passando o primeiro impacto da “liberdade”, foram várias as associações que surgiram para combater o preconceito e a discriminação raciais. Pode se dizer que associação entre os negros se impôs na medida em que eram discriminados e impedidos de ingressar nas organizações sociais, majoritariamente, “brancas”. Dessa forma os negros, que não são e não podem ser considerados associativos “por natureza”, foram obrigados a construir uma espécie de “mundo paralelo” com características próprias, mas não necessariamente diferente do “mundo dos brancos”.

Cerca de quarenta anos após a abolição da escravatura, houve uma mudança na forma de os grupos e as associações negras lutarem por um espaço na sociedade que os discriminavam. As reivindicações tornaram-se mais combativas e assumiram cunho explicitamente político-ideológico.

Em 1930, época de grande inquietação política no país, foi fundada a Frente Negra Brasileira. A Frente Negra foi um movimento social que ajudou muito nas lutas pelas posições do negro. Existiam diversas entidades negras. Todas essas entidades cuidavam da parte recreativa e social, mas a Frente veio com um programa de luta para conquistar posições para o negro em todos os setores da vida brasileira. Um dos seus departamentos, inclusive, enveredou pela questão política, porque chegaram à conclusão de que, para conquistar o que desejava, teria de lutar no campo político, teria de ter um partido que verdadeiramente os representasse. O êxito imediato dessa organização foi grande. Logo após sua fundação, já contava com milhares de membros. O núcleo dirigente ficava em São Paulo, capital, com ramificações pelo interior e outros estados.

A Frente Negra Brasileira tinha por objetivo integrar o negro à estrutura de classe. Sua proposta era, portanto, de assimilação. O objetivo principal era garantir que o negro fosse bem-aceito e ascendesse na sociedade. Por essa razão, estimulava o trabalho, o estudo, a poupança para a compra da casa própria, entre outros valores que credenciavam os membros da organização como “pessoas sérias e de bem”.

Para melhor divulgar suas idéias, a Frente Negra criou um jornal próprio, de nome *A Voz da Raça*. Em 1936, foi transformado em partido político: Partido Frente Negra Brasileira.

Não foi fácil obter o registro de partido. Muitas discussões sobre a constitucionalidade ou não da criação de um partido político negro marcaram o episódio. A Constituição brasileira declara que todos são iguais perante a lei. Por isso questionava-se a existência de um partido que apontava para a diferença e, por que não dizer, para a desigualdade.

Apesar dessa polêmica de registro da frente Negra como partido, o mesmo acabou sendo aceito, ainda que por um curto espaço de tempo, uma vez que o golpe de 1937, instituindo o Estado Novo e a ditadura de Vargas promoveu o seu fechamento conforme diz Andrews (1998).

Depois da Frente Negra Brasileira, outras entidades negras surgiram, mas não foram tão significativas e durou pouco tempo.

Outro autor que faz uma abordagem da trajetória de negros desde a abolição até o término da segunda guerra mundial é Florestan Fernandes que vai discorrer sobre aspectos da migração da utilização do negro no mercado de trabalho e nas posições intermediárias:

O populismo da alente e as reforçam [...] as novas oportunidades de trabalho e de ascensão social desdobravam para os setores que poderiam retomar a inquietação racial múltiplas vias de classificação no sistema ocupacional[...] A massa negra trabalhadora submerge na luta de classes, que atingia densidade [...] O ‘novo negro’

pretendia a igualdade social conquistada como processo natural (FERNANDES, 1989, p. 39).

Segundo Andrews (1998), a República foi derrubada; o domínio dos fazendeiros estava terminando. Mas o que iria substituí-lo? Entre 1930 e 1937, uma agitação de interesses políticos e econômicos conflitantes entre as elites agrárias, sindicatos, industriais, oficiais militares, classe média urbana, comunistas, fascista, republicanos movimentou, acirradamente, o cenário na tentativa de si definir a nova ordem política, recorrendo em mais de uma ocasião à violência armada. No decorrer da década, de 30 estas lutas tornaram-se suficientemente intensas para que, em 1937, o presidente Vargas e seus conselheiros as usassem como justificativa ou pretexto, para estreitar o processo político, abolir os partidos políticos e impor ao país a ditadura, o Estado Novo de inspiração fascista.

Vargas não desapontou seus partidários negros. Após um mês no cargo, criou o novo Ministério do trabalho e instruiu seus funcionários para começar a trabalhar em um pacote de programas e reformas que visavam melhorar a posição dos trabalhadores brasileiros. Um dos primeiros produtos deste planejamento foi à lei da Nacionalização do Trabalho, promulgada em 1931, cujo objetivo era “defender o trabalhador nacional da concorrência do estrangeiro”, requerendo que as empresas industriais e comerciais mantivessem uma força de trabalho que fosse composta por pelo menos dois terços de brasileiros natos. Vargas também tomou medidas para reduzir as cotas de imigração e falou sobre a necessidade de se proteger contra a formação de “quistos de influência estrangeira” em solo brasileiro. Estas palavras soaram como música aos ouvidos da população negra de São Paulo. Aclamando Vargas como o ‘pai dos pobres’, os afro-brasileiros reuniram-se para apoiá-lo, o que continuaria até o seu suicídio em 1954.

Os afro-brasileiros também se movimentaram para aproveitar a abertura política criada pela destruição da ordem republicana, organizando ‘a legião dos homens negros’ que o *Jornal Clarim da Alvorada* invocou pela primeira vez em 1925.

Um dos participantes de maior destaque da vida cívica negra em São Paulo durante a década de 1920, e freqüente colaborador da imprensa negra, foi Arlindo Veiga dos Santos, um migrante da Bahia que trabalhava como secretário da Faculdade de Direito e jornalista em tempo parcial. Dos Santos trabalhou com José Correia Leite e Jayme Aguiar em seus esforços para organizar o Congresso da Juventude Negra, e também foi presidente do Centro Cívico Palmares. Em setembro e outubro de 1931, Santos convocou uma série de encontros públicos para discutir uma nova organização negra, explicitamente política, para complementar o trabalho de palmares. Tanto a freqüência quanto os sentimentos expressados nesses encontros deixaram claro que havia um apoio público substancial para um movimento desse tipo, e em 12 de outubro do mesmo ano a Frente Negra Brasileira foi oficialmente inaugurada.

Vários fatores combinaram-se para produzir esta onda de apoio. Um deles foi sem dúvida a dificuldade econômica e as pressões exigindo mudanças políticas no Brasil. A suposição de que a política era exclusivamente uma atribuição da elite e da qual o povo estava rigorosamente excluído foi seriamente questionada durante as décadas de 1910 e 1920 e agora parecia ter sido derrubada pela Revolução de 1930. Juntamente com os trabalhadores brancos e com a classe média branca, os negros clamaram para serem incluídos na participação política mais ampla que aquela revolução parecia pressagiar. Uma reportagem de um dos principais jornais negros sobre os encontros de organização da frente comentou sobre a atmosfera palpável de esperança e expectativa.

O negro queria participar da política, pois se sentia como o maior beneficiado daquela revolução de 1930. Apeados do poder foram os escravocratas, os homens que mais espezinhavam os negros. Então era a hora do negro participar (ANDREWS, 1998, p. 231).

Até mesmo jornais negros relativamente conservadores, como o *Progresso*, que durante a década de 1920 havia tentado reduzir a extensão da discriminação e do racismo na cidade, e pedido moderação e acomodação a seus leitores, não pode resistir à excitação:

Na hora em que o Brasil vai reunir o seu congresso constituinte em 1933, dando uma nota ao Brasil novo, os homens e as mulheres da raça negra deveriam compreender e batalhar para que nesse congresso o negro tenha a sua representação de seus legítimos irmãos de raça. Homens e mulheres da raça negra, batalhe com ardor para que no alto conselho da nação a voz do negro se levante como uma tuba de guerreiro impondo ao Brasil, para a raça, os esplendores da justiça (ANDREWS, 1998, p. 231).

A organização expandiu-se rapidamente por todo o Estado de São Paulo, para o sul de Minas Gerais e Espírito Santo, frentes independentes também foram criadas na Bahia e no Rio Grande do Sul.

Níveis comparáveis de esforço foram canalizados para uma variedade de programas destinados a melhorar a situação da população negra de São Paulo. A Frente subvencionou cursos de alfabetização e vocacionais para adultos, e montou uma escola elementar. Criou uma clínica que oferecia cuidado médico e odontológico a baixo custo, e seu departamento legal proporcionava assistência aos membros envolvidos em disputas com os proprietários de terra ou com os patrões. Também oferecia benefícios de auxílio mútuo e estabelecendo uma cooperativa de crédito como parte de uma campanha ‘compre sua casa própria’, destinada a ajudar os afro-brasileiros a escaparem dos porões fétidos do centro da cidade, comprando terrenos e casas no então subúrbio periférico de Jabaquara.

A declaração da organização de um número de 100 mil membros espalhados por todo o Brasil é evidentemente exagerada; até a estimativa de Michael Mitchell (Apud ANDREWS, 1998) de 6.000 membros em São Paulo, mais 2 mil em Santos e um número indeterminado em divisões espalhadas em torno do Estado pode ser elevada. Embora a maior parte dos membros pareça ter sido de origem pobre e da classe operária, somente aqueles que

ascenderam para empregos de colarinho branco ou profissionais liberais podiam aspirar a se juntar à liderança.

Fosse qual fosse o seu número, os membros da Frente eram aparentemente muito poucos para exercer qualquer impacto sobre a política eleitoral do Estado. Apesar de uma longa campanha para registrar seus membros como eleitor e a Frente não ter eleito nenhum candidato durante seus sete anos de existência, e até experimentou alguma dificuldade em seu registro como partido político.

Apesar de suas derrotas eleitorais, a Frente obteve algum sucesso como grupo de pressão e *lobby* em questões que envolviam a discriminação racial. Conseguiu eliminar as políticas de admissão de somente brancos nos riques de patinação da cidade e em outros locais de lazer público. Também retomou a questão do ingresso de negros na Guarda Civil, que o Centro Cívico Palmares havia tentado resolver na década de 1920. Embora não houvesse nenhuma lei nos estatutos impedindo o ingresso dos negros, a discriminação informal continuava a compor um obstáculo aos candidatos negros. Para Andrews (1998, p. 233) “Isto poderia ter sido prognosticado a partir da reação do comandante da Guarda ao decreto de 1928: com a entrada de negros, podemos abrir a porta a morféticos e a portadores de defeitos físicos”.

Responsabilizando a administração interna da *Guarda Civil de São Paulo*, que era composta, em sua maioria, de estrangeiros, a frente apelou diretamente ao presidente Vargas, que, após receber uma delegação da liderança da Frente ordenou à Guarda que alistasse imediatamente 200 recrutas negros. No decorrer da década de 1930, cerca de 500 afro-brasileiros ingressaram na milícia do Estado, um dos quais ascendeu até o posto de coronel.

Durante a República Velha, o governo havia se esforçado para destruir o movimento operário, denunciando seus líderes como estrangeiros sediciosos e os deportando. Na década

de 1920, o Partido Democrático fez acusações similares contra o Republicano, comentando sobre o número substancial de empresários estrangeiros na ala industrial do Partido Republicano e a manipulação fraudulenta pelos republicanos dos ‘votos’ dos colonos italianos no campo. Segundo os democratas, isso resultou no ‘fato tão patente’ que sob o domínio republicano, “São Paulo vai desnacionalizando, graças à contubérnia do partido dominante com esses ignóbeis elementos alienígenas” (ANDREWS, 1998, p. 294).

O nativismo nascente da década de 1920 floresceu plenamente na atmosfera acalorada e politicamente carregada da década de 1930, e o nacionalismo extremo constituiu um tema constante no discurso político daqueles anos, particularmente da Direita. Os integralistas rotineiramente denunciavam o controle da economia do Brasil por banqueiros e capitalistas estrangeiros, publicavam uma literatura anti-semita tão grosseira que atraiu a atenção favorável do jornal nazista alemão *Der Sturmer*, e promovia um programa de barulhento nacionalismo econômico e cultural. Até porque segundo Moura:

O modo de produção que existe no Brasil é o capitalismo independente. As relações de produção determina, em última instância, a estrutura básica da nossa sociedade, alocam no espaço social diversas classes e frações de classes que, por seu turno, são dinamizadas de acordo com o nível da luta de classes (MOURA, 1988, p. 47).

Durante a década de 1920, os jornais negros publicaram repetidas denúncias de discriminação por parte dos imigrantes contra os negros, principalmente nas áreas de emprego e serviços públicos, com a esperança de que os imigrantes daqui se evadissem.

Procurarem outras pátrias, se transportarem para outros países onde não existem exemplares de pretos, dessa gente imbecil, atrasada e inferior que por aqui é encontrada em tão grande escala. Deixe-nos aqui tranqüilos e ignorantes; mudem-se para os grandes núcleos civilizados (ANDREWS, 1998, p. 237).

Ou, como declarou um outro jornal negro, se os imigrantes não quisessem ficar perto dos negros, toda semana havia navios saindo para a Itália.

O ano de 1928 marcou a última afirmação anteriormente otimista de o “*Clarim da Alvorada*, de que vivemos em comunhão perfeita, não somente com os brasileiros brancos, como também com o próprio elemento estrangeiro”. Em 1930, seu editor inverteu o curso para denunciar ‘as colônias estrangeiras’ que se organizavam a fim de promover ações de preconceito, permitindo em seus meios a participação apenas de brasileiros não negros; ao passo que berravam sem receio a inferioridade dos negros. O Progresso concordou, noticiando uma onda crescente de racismo em São Paulo: “São sempre desagradáveis esses fatos, principalmente quando a intolerância parte de elementos que também não estão em casa própria ou seja, os imigrantes” (ANDREWS, 1998, p. 239).

Os paralelos entre a orientação antiimigrantes da frente e aquela do movimento integralista são impressionantes, assim como outros pontos em comum dos dois movimentos. Ambos compartilhavam um grande menosprezo pela democracia liberal e, apesar de sua rejeição das filosofias políticas estrangeiras, uma admiração explícita pelo fascismo europeu. Em um editorial de 1933 saudando a ascensão de Adolf Hitler ao poder, Arlindo Veiga dos Santos parabenizava-o por ter salvado a Alemanha das mãos do ‘cosmopolitismo judaico’ e do ‘ópio entorpecente de 14 anos de Republica Liberal Democrática’. *A Voz da Raça* relatou de forma admirável as realizações do nazismo e do fascismo ao instilar disciplina e patriotismo em seu povo.

Esta admiração pelo autoritarismo estendia-se ao próprio sistema de controle interno da frente: os dirigentes não eram escolhidos por eleição, mas por funcionários encarregados dessa tarefa e, a organização, como um todo, era policiada por uma ‘milícia’ moldada nos camisas verdes integralistas e comandadas por Pedro Paulo Barbosa, um dedicado anticomunista e admirador de Mussolini.

Aliando-se cada vez mais ao fascismo e ao integralismo a organização chegou a adotar como seu o lema dos integralistas ‘pela família, pelo país e por Deus’, modificando-o um pouco e acrescentando ‘pela raça’, no decorrer da década de 1930, a frente progressivamente retirou o apoio aos moderados e a esquerda negra, o que levou os dissidentes na capital a criar o rival Clube Negro de Cultura Social e uma pequena frente negra socialista. A divisão de Santos, finalmente cortou seu vínculo com a organização central e fez uma aliança eleitoral com o partido socialista. Em a *Voz das Raças*, Santos respondeu a esses dissidentes com ataques violentos aos ‘Judas de sua raça’ e enviando uma milícia da Frente Negra Brasileira para destruir o escritório de um jornal negro que criticou a administração de Santos.

Estas divisões amargas, quando associadas ao tamanho pequeno do voto negro, impediam a Frente de algum dia atingir seu objetivo, de se tornar uma força política em São Paulo.

Uma das características importantes de

A voz da Raça – se é que ela possuía alguma - em meados da década de 1930 era a ausência de um comentário político específico e concreto sobre os acontecimentos do dia. Um editorial sobre as eleições para o congresso de junho de 1937 não oferecia endossos específicos, mas simplesmente expressava a confiança de que os negros votariam naqueles candidatos que melhor servissem seus interesses (ANDREWS, 1998, 239).

Em dezembro de 1937, Getúlio Vargas deu o golpe de misericórdia, proibindo todos os partidos políticos e pondo fim á política eleitoral no Brasil. Mesmo neste ponto, a Frente procurou lutar por uma barganha, oferecendo o apoio dos negros á ditadura de Vargas em troca das concessões que ela tinha buscado sem êxito através da política eleitoral. Saudando o Estado Novo como a reafirmação da identidade nacional e a essência da brasilidade, *A Voz da Raça* prosseguiu, expressando que: “estamos certos que os legisladores, conscienciosos de suas altas responsabilidades, não deixaram passar despercebidos, e a margem, os negros que

tantos benefícios prestaram e querem continuar a prestar ao país” como afirma Andrews (1998, p. 240).

Mas os líderes da frente estavam errados. Não havia nenhum legislador no Estado Novo. Os anos de 1937 a 1945 constituíram um ponto alto do autoritarismo no Brasil, um período durante o qual as liberdades políticas e intelectuais estavam severamente circunscritas e não havia vias institucionais para a expressão de dissidências e oposições políticas. As organizações de massas capazes de constituir uma ameaça ao governo eram reprimidas, destino final do movimento integralista, ou mantidas sob controle firme do Estado, destino dos sindicatos. As organizações demasiado pequenas ou divididas para ameaçar o governo tinham permissão de morrer de morte natural, o que acabou acontecendo com a Frente Negra Brasileira em maio de 1938, apenas alguns dias após o abortivo levante integralista no Rio de Janeiro e ironicamente, o quinquagésimo aniversário da abolição.

Os negros e brancos de classe média de São Paulo mostraram-se igualmente vulneráveis a sedução do nacionalismo xenofóbico e do autoritarismo político. Rompida pela resultante polarização entre uma direita de inspiração fascista e uma esquerda mais fraca, apoiada nos trabalhadores, a Frente repetiu em um microcosmo a trajetória da política paulista e brasileira como um todo durante a década de 1930.

Se a pobreza, a ignorância e a confusão evitaram que os afro-brasileiros atingissem seus objetivos políticos, também evitaram que toda a Nação realizasse a aparente promessa da década de 1930 de uma participação ampliada e uma democracia genuína, tanto racial quanto política. Mas mesmo que as causas dos fracassos da Frente Negra tenham transcendido a população negra e afetado toda a sociedade brasileira, a experiência não foi menos amarga para aqueles que dela participaram. Como resultado, quando a ditadura Vargas caiu em 1945 e o Brasil partiu para uma nova experiência na democracia, a Segunda República, os

membros da classe média negra rejeitaram a proposta de fazer reviver uma organização política negra e, em vez disso, dedicaram-se a capitalizar as oportunidades apresentadas pelo crescimento econômico acelerado de São Paulo.

A imposição da ditadura de Vargas em 1937 marcou o fim de um período de intensa mobilização política na comunidade negra e também no Brasil em geral. As organizações negras não desapareceram completamente sob a ditadura; as sociedades de dança e os clubes sociais continuaram a funcionar, e o regime de Vargas estimulou ativamente o desenvolvimento das escolas de samba, embora agora sob controle estrito do Estado. As organizações cívicas também continuaram a operar e uma delas – a Associação José do Patrocínio – teve sucesso ao solicitar ao presidente Vargas que proibisse anúncios de emprego racialmente discriminatórios nos jornais de São Paulo.

O apelo da associação à ditadura sugere algumas das oportunidades que o populismo autoritário de Vargas criou para que os grupos não pertencentes à elite buscassem seus objetivos e interesses coletivos. A administração de Vargas foi muito mais receptiva do que dos seus predecessores republicanos ao interesse dos brasileiros pobres e pertencentes à classe trabalhadora, que logo aprenderam como explorar as aberturas criadas pela mudança de regime. Ao mesmo tempo, entretanto, o objetivo da política social e trabalhista do Estado Novo era estabelecer o controle mais eficiente possível sobre os pobres e a classe trabalhadora do país para usá-los como uma base essencialmente passiva de apoio político, e também como uma fonte de mão-de-obra barata e aquiescente para a economia mundial em expansão. Em vista disso, o Estado Novo não constituiu um ambiente particularmente favorável para a organização política independente e baseada na massa popular, quer na comunidade negra, quer na sociedade em geral.

A queda da ditadura em outubro de 1945 desencadeou uma onda de tentativa de reconstituir o movimento negro da década de 1930. A Convenção Nacional dos Negros Brasileiros teve lugar em novembro, na capital do Estado, com o objetivo de formular uma plataforma de demandas a serem apresentadas à esperada Assembléia Constituinte, que iria escrever a nova Constituição para a segunda República. A imprensa negra de São Paulo, extinta desde 1937, imediatamente reapareceu com a fundação do *Alvorada* em setembro de 1945, do *Senzala* em janeiro de 1946 e de *O Novo Horizonte* em maio de 1946. O editor do *Alvorada*, José Correia Leite – editor de *O Clarim da Alvorada* durante a década de 1920 e 1930 - esperava usar sua publicação como meio para formar uma nova organização cívica, a Associação dos Negros Brasileiros. Mas seu trabalho nesta área não deu fruto, nem os esforços para a candidatura de negros às eleições para o Congresso no início da década de 1950.

Estes esforços dos afro-brasileiros em São Paulo e em outros estados para se organizarem em movimentos raciais e participarem da democracia recém-estabelecida provocou um considerável antagonismo entre os brancos. Os ataques às novas organizações dos negros apareceram na imprensa paulista em 1947 e no Rio de Janeiro durante as eleições de 1950, conforme Andrews (1998) ao transcrever matéria divulgada no *Correio Paulista* de 1950.

Teatro negro, jornal negro, clube de negros. Agora já se fala mesmo em candidatos negros ao pleito de outubro. Pode se imaginar um movimento pior ou mais danoso ao espírito indiscutível da nossa formação democrática? Vale a pena combatê-lo desde de logo, sem prejuízos dos direitos que os homens de cor reclamam e nunca lhes foram recusados. Do contrario, em vez de preconceitos de brancos paradoxalmente teremos preconceito de negros. A tais extremo conduzem não racismo que não existe entre nós mas o espírito de imitação supostamente dos movimentos negros nos Estados Unidos, mal digerido e cuja conseqüência mais nefasta talvez seja o estabelecimento de um sistema por todos os tipos abominável: os indivíduos passariam a ser isto ou aquilo, a ocupar cargos determinados, não pelo seu valor pessoal que os recomendasse, mas por serem pretos ou não serem. A pigmentação cutânea entraria a valer como prova de títulos (*CORREIO PAULISTA*, 1950, apud ANDREWS, 1998, p. 285).

O que incomodava os críticos das organizações negras não era que a cor da pele pudesse se tornar um fator determinante na competição pela mobilidade ascendente; isto não teria sido nada de novo na sociedade brasileira, e os brancos haviam aprendido a conviver com ela de uma maneira absolutamente confortável. Ao contrário, como deixa claro a passagem acima citada, seu medo era que uma preferência pela brancura pudesse ser substituída por uma preferência pela negritude, dadas as realidades da vida no Brasil, tanto as passadas quanto as presentes.

Não obstante, a mera sugestão de um desenvolvimento desse tipo é suficiente para mobilizar um grande segmento da população branca que tenta então se apoderar do terreno elevado da moral através de denúncias piedosas de ‘racismo às avessas’ entre os negros.

Essas acusações revelam a profunda inquietação que a mobilização política dos negros provoca entre a população branca. Duas inquietações originam-se de duas fontes. A primeira é que a mobilização dos negros forçosamente recorda aos brasileiros que seu país não é a democracia racial que declara ser; se fosse os afro-brasileiros não teriam queixas especificamente raciais a fazer e não havia campo para um movimento negro. Os brancos não gostam de ser confrontados com esse passado racial, tanto devido à culpa que sua memória pode inspirar quanto devido ao seu medo do ressentimento e do desejo de vingança que se pode esperar que os negros abriguem dentro de si após gerações desse tratamento.

A segunda fonte de inquietação dos brancos. Os brancos da classe média e alta do Brasil são muito conscientes de que estão sentados no topo de uma sociedade muito tensa, em que a maioria da população sofre as aflições diárias da pobreza e da raça. Estas tensões talvez não sejam tão grandes quanto aquelas de sua sociedade escrava, porque a desigualdade que as causam não são tão extremas quanto aquelas da escravidão. Apesar disso, durante os dias de escravidão, os brancos compartilhavam o pesadelo coletivo do que poderia acontecer se os

pobres ou os negros atingissem um dia uma posição de poder a partir do qual pudessem vingar essas mágoas.

Alguns argumentam que há pouca probabilidade disto algum dia acontecer, e que “se entre negros há ressentimentos e mesmo hostilidade contra os brancos, não constitui estes sentimentos forças explosivas capazes de perturbarem a vida do Estado”. Outros, no entanto, enxergam mais potencial para confrontação violenta e censuram publicamente esses militantes negros e acadêmicos brancos que, atacando o conceito de democracia racial, venham a “lançar as sementes capazes de mais cedo ou mais tarde ver o Brasil, já tão atormentado por problemas de solução tão difícil, às voltas com um (problema) ainda mais explosivo, que o nosso povo, instintivamente, marginalizou para seu orgulho” (ANDREWS, 1998, p. 287).

O principal esforço para amenizar esse antagonismo racial durante a Segunda República foi à lei Afonso Arinos de 1951, que tornou ilegal a discriminação racial nos serviços, educação e emprego público. O autor da Lei, o congressista Afonso Arinos de Melo Franco, de Minas Gerais, declarou que apresentou o projeto de lei em resposta a atos de discriminação que seu motorista negro sofreu nas mãos de imigrantes espanhóis e outros no Rio de Janeiro. “Os agentes da injustiça racial eram quase sempre os gringos, ignorantes das nossas tradições e incessáveis aos nossos velhos hábitos de fraternidade racial”. Na verdade, o papel dos estrangeiros nas origens do projeto de lei foi precisamente o inverso. Franco apresentou o projeto de lei ao Congresso após um episódio bastante divulgado em que a bailarina afro-americana Katherine Dunham teve sua admissão negada no Hotel Esplanada, em São Paulo, e protestou de público e com veemência contra o incidente, algo que a maior parte dos afro-brasileiros, “sensíveis aos nossos velhos hábitos de fraternidade racial, jamais faria”. Em sua contestação escrita do mito da democracia racial, o incidente foi

profundamente constrangedor para a elite brasileira, e impeliu o Congresso a aprovar a primeira lei antidiscriminação do país.

No relatório do comitê do Congresso endossando a lei, o congressista Plínio Barreto, de São Paulo (membro do partido de Franco, a conservadora União Democrática Nacional) lembrou a seus colegas deputados que acontecimentos como o de Dunham era lamentavelmente comum no Brasil, e só serviam para agravar e trazer a tona tensões raciais que todos queriam evitar. A lei devia ser aprovada, declarou ele, como instrumento de transformação da mentalidade racista que se denuncia entre nós, principalmente nas altas esferas sociais e governamentais do país, com seguras e graves conseqüências para a paz social futura.

É sabido que certas carreiras civis, como o corpo diplomático, então fechadas aos negros; que a Marinha e a Aeronáutica criam injustificáveis dificuldades ao ingresso de negros nos corpos de oficiais e que outras restrições existem em vários setores da administração pública. Quando o Estado, por seus agentes, oferece tal exemplo de odiosa discriminação, vedada pela Lei Magna, não é de se admirar que estabelecimentos comerciais proibam a entrada de negros nos seus recintos. Urge pôr paradeiro a tal estado de coisas, cuja agravação contribuirá para que se estabeleça, entre nós, uma verdadeira luta de raças (ANDREWS, 1998, p. 289).

Barreto prossegue, dizendo que se essa discriminação não fosse efetivamente proibida por lei, o Brasil seguiria o caminho dos Estados Unidos, com seu ‘terrível problema’ de antagonismo racial e, embora ele não tenha declarado isso explicitamente, seu atuante e agressivo movimento negro.

A Lei Afonso Arinos mostrou-se singularmente ineficiente na redução dos atos de discriminação no Brasil, como reconheceu seu autor em uma entrevista de 1980. Apesar de numerosas queixas terem sido feitas à polícia amparada na lei, Franco não soube de um único caso de condenação. Em um esforço para superar as deficiências da lei, durante a década de 1980, os congressistas de São Paulo e do Rio de Janeiro introduziram uma série de leis buscando fortalecer e estender suas provisões. Uma delas foi finalmente aprovada em 1988,

quando Carlos Alberto Oliveira e Benedita da Silva, ambos eleitos para o Congresso em 1986, pelo Rio de Janeiro, conseguiram que uma versão mais forte e mais abrangente da Lei Afonso Arinos, com penalidades bastante aumentadas para atos de discriminação, fosse incorporada à nova Constituição. Nessa altura, o próprio Franco estava ainda no Congresso, e se opôs veementemente a este esforço para fazer cumprir a lei, pelas mesmas razões que o motivaram cerca de quarenta anos antes: medo do conflito racial. “Não acho bom; ela é inconveniente e inoportuna. Pode surgir uma situação de antagonismo entre negros e brancos”.

Os líderes negros de São Paulo, e mais em geral no Brasil, têm sido historicamente muito sensíveis a estes medos brancos de conflito racial e tentaram evitar formas de mobilizações políticas e ações que os brancos pudessem perceber como ameaçadoras.

Cinquenta anos mais tarde, a Frente Negra Brasileira informou ao público paulista, através de artigos publicados na imprensa mais destacada, que seus membros “não desejam provocar conflitos de raça, mas unicamente afirmar-se numa força capaz de reivindicar, para os seus membros, uma participação mais honrosa na vida nacional”. Em 1946 e 1947, os organizadores da abortiva Associação dos Negros Brasileiros logo reconheceram que suas denúncias de racismo estavam lhe rendendo poucos amigos no mundo dos brancos; por isso, reduziram estes protestos e reorientaram suas atividades para se concentrar na sua educação, no auxílio mútuo e nos projetos de auto-ajuda.

Apesar disso, os medos com relação à militância negra persistiam, mesmo durante um período como a década de 1950, quando essa militância continuou muito limitada em escopo e não causou praticamente nenhum impacto do sistema público brasileiro.

A debilidade dos movimentos negros nesta época era em parte resultado da experiência amarga da Frente Negra, que dissuadiu muitos afro-brasileiros de tentar mobilizar a população negra ao longo de questões raciais. Entretanto, talvez ainda mais importantes

fossem as orientações das instituições da Segunda República, em particular o sindicato dos trabalhadores e os partidos populistas apoiados nos trabalhadores.

Quando os afro-brasileiros ingressaram no emprego industrial, automaticamente passaram a fazer parte do movimento operário regulamentado pelo Estado criado na década de 1930 no governo de Getúlio Vargas e mantido em vigor durante a Segunda República. Embora não haja dados disponíveis sobre os sindicalistas por raça, a menção freqüente das atividades sindicais na imprensa negra e a regularidade com que as organizações sociais e culturais que utilizavam as salas e as instalações dos sindicatos para suas atividades sugerem que os trabalhadores, e até mesmo as organizações negras, tiveram uma recepção inesperadamente à luz da experiência prévia dos afro-brasileiros com as instituições oficiais brasileiras calorosas no movimento sindical. Em meados da década de 1950, os afro-brasileiros individualmente por estarem começando a se destacar em posições de liderança sindical, uma tendência que se tornou pronunciada nas décadas de 1960 e 1970.

Estes sindicatos formaram a base de apoio eleitoral para os partidos políticos populistas e de esquerda da Segunda República: o Partido Trabalhista Brasileiro, de Getúlio Vargas, o Partido Comunista Brasileiro, e o Partido Social Progressista, fundado pelo governador de São Paulo, Adhemar de Barros. Estes partidos competiam vigorosamente pelo voto da classe trabalhadora e estavam ansiosos para inserir os trabalhadores negros em seu sistema políticos, sob suas bandeiras. A participação nesses termos era bastante preferível à absoluta falta de participação que caracterizou a Primeira República e o Estado Novo, e a maior parte dos trabalhadores negros e brancos apoiaram os partidos populistas em troca dos benefícios, tanto materiais quanto psicológicos, que aqueles partidos, particularmente o Partido trabalhista Brasileiro, era capaz de proporcionar.

Quando os partidos populistas ofereceram aos eleitores negros um lugar nas instituições da República, a maior parte dos afro-brasileiros voltou suas costas à idéia da mobilização racial e, em vez disso, lançou seu apoio ao Partido Social Progressista, de Adhemar de Barros, ou ao “pai dos pobres”, Getúlio Vargas, e seu Partido Trabalhista Brasileiro.

Segundo Andrews (1998), a Segunda República mostrou ser um período em que as organizações negras de São Paulo evitaram participação direta na política e, em vez disso, concentraram suas energias nas atividades sociais, culturais e educacionais. Esta orientação é aparente na dominação da mais bem sucedida dessas organizações, a Associação Cultural do Negro, fundada em 1945, que patrocinou e assumiu um papel de liderança na coordenação das comemorações da cidade do septuagésimo aniversário da emancipação, em 1958. Muitas de suas atividades foram realizadas em conjunção com dois grupos teatrais que, nesse período, também desempenharam um papel proeminente na vida da comunidade negra em São Paulo: o Teatro Experimental do Negro e o Teatro Popular Brasileiro. Originalmente estabelecido no centro da cidade em 1969, a associação mudou-se para os arredores afastados da Casa Verde, onde funcionou até sua dissolução no final da década de 1970. Mas as lutas dos movimentos negros são contínuas em busca de níveis mais elevados na educação formal. As organizações cada vez mais preparadas para lutar contra todo tipo de preconceito e discriminação na busca por um mundo de igualdade onde o negro possa ser respeitado.

Hoje existe um grande debate para implementar políticas públicas que serão desenvolvidas a partir de ações afirmativas. Onde se busca o espaço que é de direito da comunidade negra. Buscando assim igualdade não só na Lei, mas sim a igualdade de oportunidades. E para que isso ocorra é necessário que o negro tenha acesso a todas as áreas de ensino para que possa ascender socialmente na mesma proporção que os brancos. Sabendo que em nosso país, a condição racial constitui um fator de privilégio para brancos e de

exclusão e desvantagem para os não-brancos. Dessa forma os movimentos têm o compromisso de buscar a igualdade e qualidade de vida nas sociedades humanas.

CAPÍTULO 2

CLASSE SOCIAL, CONSCIÊNCIA POLÍTICA, E CONSCIÊNCIA RACIAL

Neste capítulo estaremos abordando, a questão de classes sociais, a consciência política e a consciência racial. Mostrando que o preconceito de cor ou de raça está ligado diretamente com a questão da posição de classe, e que as desigualdades raciais encontradas no sistema capitalista está ligada também às desigualdades de classe. Abordaremos também a forma como se vai tomando consciência lutando por iniciativas políticas que possam reverter a situação marginal dos negros na sociedade brasileira e com isso abrindo novos caminhos para manifestações de conscientização da raça.

As condições materiais de existência – tanto aquelas que o indivíduo encontra formadas, quanto àquelas que ele mesmo cria com o seu trabalho irão determinar o processo de formação da sua consciência social e política e racial. Será a partir do lugar ocupado pelo sujeito dentro do processo de produção que sua consciência começa a ser elaborada. Mostrando que depende da relação que ele constrói que irá determinar a sua existência. Outro ponto que devemos destacar e que será fundamental para compreendermos o processo de formação das classes sociais, da consciência política e a consciência racial, e que elas estão ligadas na condição da formação econômica e social é, antes de tudo, social.

2.1 Condição de Classe e Racismo

O conceito de classe como sabemos, ganhou universalidade e difusão através dos escritos de Marx e dos que o procederam – os chamados marxistas. Para mostrar que na sociedade capitalista moderna, e burguesa, devia sua dinâmica e seu desenvolvimento à exploração dos trabalhadores, Marx, (1967), não dando centralidade em sua análise da relação social de trabalho no capitalismo as formas de coerção não econômicas tais como gênero, etnia, idade, raça, religião, nacionalidade, etc. Sua intenção era encontrar e analisar a relação de exploração entre capital e trabalho que fosse tipicamente capitalista. O argumento político derivado dessa análise, que muito deve ao evolucionismo do século XIX, foi de que as classes sociais capitalistas se formam prescindindo de qualquer uma daquelas formas de sociabilidade, consideradas a partir daí como formas arcaicas, a serem superadas pelo próprio regime capitalista.

Observa Guimarães, que tautologicamente e por definição, não se pode escapar do fato de que as desigualdades raciais no capitalismo sejam também desigualdades de classe. Do mesmo modo o preconceito de cor ou de raça só tem sentido se resultarem em posições de classe, distinguindo branco de negros, no caso específico que estamos tratando. A constante recriação de raças, gêneros e etnias continuam sendo um dos meios mais eficientes de gerar exploração econômica e tal ‘tecnologia’ longe de ser suplantada no capitalismo tardio, tem sido constantemente re-atualizada.

A análise de classe, enquanto estilo de explicação, se fundamenta no princípio de que a estrutura social e sua reprodução dependem, fundamentalmente, da ação das classes. ‘Raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude

negativa frente a certos grupos sociais, informadas por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. O racismo é, portanto, uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais.

A atitude na qual se baseia o racismo, assim como todas as outras formas de naturalização do mundo social, está presente para ficar como exemplos corriqueiros, banais e para muitos, inofensivos quando se considera que alguém, portador de uma certa identidade racial ou regional deve ser tratado de forma diferenciada. Se formos assimilacionistas ao nos identificar, temos forçosamente de discriminar o outro racial pelas diferenças (marcas físicas e culturais) que não conseguimos assimilar.

O racismo brasileiro, para Guimarães (2003), estaria umbilicalmente ligado a uma estrutura estamental, que o naturaliza, e não à estrutura de classe, como se pensava. Na verdade, também as desigualdades de classe se legitimariam através da ordem estamental. O combate ao racismo, portanto, nesse sentido, começaria pelo combate à institucionalização das desigualdades de direitos individuais. Ainda que o racismo não se esgote com a conquista das igualdades de tratamento e de oportunidades, está seria a precondição para extirpar as suas conseqüências mais nocivas.

Os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado. O Brasil pode ser descrito como uma sociedade onde as distinções de classe são profundamente marcadas, onde classe e cor sobrepõem-se, mas não coincidem, onde a ‘raça’ é matéria de foro individual e de preferência pessoal, ao invés de filiação coletiva.

Para Guimarães, a linguagem de classe e de cor no Brasil, sempre foi usado de modo racializado. Tanto a tonalidade de pele quanto outras cromatologias figuradas ‘naturalizaram’ enormes desigualdades que poderiam eventualmente comprometer a auto-imagem brasileira de democracia racial.

Como os negros, no Brasil, não são definidos pela regra ‘uma gota de sangue negro faz de alguém um negro’, e como não há uma regra clara de descendência biológica definindo grupos raciais, mas, ao contrário, as classificações seguem diferenças de aparência física e a “interação entre uma variedade de status adquirido e adscritos” (GUIMARÃES, 2002, p. 42). Ainda segundo o autor isto parece significar, para alguns autores, que não se pode falar, nem mesmo, de grupos raciais no Brasil, mas apenas de ‘grupos de cor’.

Os sociólogos aceitaram amplamente a idéia segundo a qual no Brasil e na América Latina, em geral não havia preconceito racial, mas apenas preconceito de cor. Thales de Azevedo (1955, p. 31), escreveu: “funcionando a cor e os traços somáticos, em grande parte, como símbolo de status, as resistências aos intercasamentos traduzem ao mesmo tempo preconceito de classe e de raça ou melhor, de cor”. Winthrop R. Wright (apud GUIMARÃES, 2002, p. 43), foi ainda mais explícito em suas discussão sobre a Venezuela: “mas os venezuelanos consideram negros apenas os indivíduos de pele negra. A cor, e não a raça a aparência, e não as origens influenciam muito mais a percepção dos venezuelanos sobre os indivíduos”.

Florestan Fernandes já havia apontado para o fato de que o ‘preconceito de cor’ deveria ser usado como uma noção nativa conceitualizado, no início, pela Frente Negra Brasileira, em 1930 para referir-se à forma particular de discriminação racial que oprime os negros brasileiros. Trata-se de discriminação em que a cor vista como fato objetivo e natural, e não a raça vista como conceito abstrato e científico, é decisivo. A cor no Brasil uma imagem

figurada de 'raça'. Os estudiosos incorporam a cor como critério para referir-se a grupos 'objetivos' eles se recusam a perceber o racismo brasileiro. Alguém só pode ter cor e ser classificada num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais.

No Brasil a nação foi criada por um amálgama de crioulos, cuja origem étnica e racial foi 'esquecida' pela nacionalidade brasileira. A nação permitiu que uma penumbra cúmplice encobrisse ancestralidades desconfortáveis. Com a substituição da ordem escravocrata por outra ordem hierárquica, a 'cor' passou a ser uma marca de origem, um código cifrado para a 'raça'. O racismo colonial, fundado sobre a idéia da pureza de sangue dos colonizadores portugueses, cedeu lugar, depois da independência do país, à idéia de uma nação mestiça (SKIDMORE, 1993, p. 61), cuja cidadania dependia do lugar de nascimento (a nossa 'naturalidade') e não de ancestralidade.

No Brasil o sistema de hierarquização social que consiste em gradações de prestígio formadas por classes social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal funda-se sobre as dicotomias que, por três séculos, sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mútua, simbólica e materialmente. "O preconceito racial servia para manter e legitimar a distancia do mundo dos privilégios e direitos do mundo de privações e deveres" (GUIMARÃES, 2002, p. 49).

A doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava, no Brasil, sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa dos pretos e mestiços.

Fernandes (1965), demonstrou que a elite brasileira incluindo os abolicionistas era prisioneiros dessa lógica justificadora das desigualdades. Para os liberais a escravidão

significava, antes de tudo, um obstáculo para suas idéias. Eles não tinham uma reflexão sobre as relações raciais, nem se preocupavam com a condição dos negros depois da abolição. A admissão da igualdade universal entre os homens era colocada ao nível dogmático e teórico, acima e além de qualquer contato ou engajamento com os interesses reais das pessoas envolvidas. Tal como hoje, esta teoria coexistia, sem maiores problemas, com a enorme distância social e com o sentido de superioridade que separavam os brancos e letrados dos pretos, dos mulatos e da gatinha em geral. O significado da palavra 'negro', portanto cristalizou a diferença absoluta, o não-europeu. Em consequência, nos meios e lugares mestiços do Brasil, somente aqueles com pele realmente escura sofrem inteiramente a discriminação e o preconceito, antes reservados ao negro africano. No Brasil branco é melhor e negro é pior dessa forma quando mais próximo do branco melhor.

Para Hasenbalg (1992) o conceito democracia racial é uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças interraciais fora da arena política, perpetuando-as como conflito latente.

Segundo Guimarães (2002), o racismo se perpetua por meio de restrições fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas. As elites brasileiras proprietários, empresários, intelectuais e classe média representam diariamente o compromisso (comédia, farsa?) entre exploração selvagem e boa consciência. Elas podem se orgulhar de possuir a constituição e a legislação mais progressista e igualitária do planeta, pois as leis permanecem, no mais das vezes, inoperante. O voto universal, por exemplo, permaneceu, até 1988, restrito aos alfabetizados, o que exclui de fato, a população analfabeta, em sua maior parte negra ou cabocla.

Do mesmo modo, o racismo foi considerado contravenção pela Lei Afonso Arinos, 1951 e, em 1988, graças aos esforços do movimento negro, a constituição transformou o racismo em crime. No entanto contam-se nos dedos de uma mão as pessoas até hoje punidas por crime de racismo. Para Guimarães (1988), o mais comum é que casos de flagrante racismo sejam caracterizados em outros capítulos das leis penais pelos próprios advogados das vítimas, que só assim tem chances reais de ganhar as causas.

Assim é o racismo brasileiro: sem cara. Travestido em roupas ilustradas, universalistas, tratando-se a si mesmo como anti-racismo, e negado como anti-nacional, a presença integral do afro-brasileiro ou do índio-brasileiro.

Para os afro-brasileiros, para aqueles que se chamam a si mesmos de ‘negros’, o anti-racismo deve significar, ante de tudo, a admissão de sua ‘raça’, isto é, a percepção racializada de si mesmo e do outro. Trata-se da reconstrução da negritude a partir da rica herança africana a cultura afro-brasileira do candomblé, da capoeira, dos afoxés, etc. Mas também da apropriação do legado cultural e político do ‘Atlântico negro’ isto é, do movimento pelos direitos Civis nos Estados Unidos, da renascença cultural caribenha, da luta contra o apartheid na África do Sul etc.

Guimarães (2002), têm enfatizado o processo de re-identificação dos negros, em termos étnico-culturais. Ao que parece só um discurso racialista de autodefesa pode recuperar o sentimento de dignidade, de orgulho e de autoconfiança, que foi corrompido por séculos de racialismo universalista e ilustrado. O ressurgimento étnico é, quase sempre, amparado nas idéias gêmeas de uma terra a ser recuperada (o território dos antigos quilombos; ou a transformação, largamente simbólica, de bairros urbanos empobrecidos em comunidades ou “quilombos” negros), e de uma cultura a redimir e repurificar, no contato com uma África imaginária, a África trazida e mantida como memória (GUIMARÃES, 2002, p. 53).

No começo deste século, sobretudo nos anos 20 e 30, o conceito de raça e o racialismo passaram a ser fartamente utilizado por estados nacionais com aspirações imperialistas, gerando as tragédias que todos conhecemos. Não existe subdivisão da espécie humana que possam ser de modos inequívoca, identificada geneticamente, e às quais correspondam atributos físicos, psicológicos, morais e intelectuais distintos. As diferenças morais e intelectuais entre os grupos humanos (populações razoavelmente estáveis, num dado território) só poderiam, portanto, ser explicadas por diferenças culturais.

Gilberto Freyre (2002), ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais, e ao apreciar, de modo muito positivo, a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, representou um marco no deslocamento e no prestígio que, daí em diante, sofreram o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues e, principalmente, o pensamento da escola de medicina na legal italiana, ainda influente nos meios médicos e jurídicos nacionais.

Não é, portanto, de estranhar que, nas ciências sociais brasileira, o conceito de raça, além de exprimir a ignorância daqueles que o empregavam, denotava também o seu racismo. ‘Raça’ passou a significar, entre nós, ‘garra’, ‘força de vontade’, ou ‘índole’, mas quase nunca ‘subdivisões da espécie humana’, as quais passaram a ser designadas, apenas pela cor da pele das pessoas: brancas, pardas, pretas, etc.

Segundo Guimarães (2002, p. 51) no Brasil, o ideário anti-racialista de negação da existência de ‘raças’ fundiu-se logo à política de negação do racismo, como fenômeno social. Entre nos existiria apenas ‘preconceito’, ou seja, percepções individuais, equivocadas, que tenderiam a ser corrigidas na continuidade das relações sociais.

O movimento anti-racialista dos anos trinta foi decisivo e eficaz no combate a certas formas de discriminação racial afinal, tratava-se de um discurso desmoralizador do racismo e, por isso, encampado pelo movimento negro de então.

A falta de políticas públicas efetivas para reverter a situação marginal dos negros na sociedade brasileira acabou por reproduzir a ordem hierárquica diferenciadora entre brancos e negros, ampliando as desigualdades sociais e nutrindo uma série de tropos sociais para a raça. O anti-racismo, neste país, passou a incomodar, cada vez mais, a população negra, sobretudo aquela fatia que não queria ser benevolmente embranquecida por nossa terminologia cromática aqueles para quem palavras como ‘escuros’, ‘morenos’, ‘roxinhos’ e tantos outros era percebidas como uma desvantagem.

No Brasil, a teorização de ‘raça’, definidas como formas de classificar e identificar que podem produzir comunidades, associações ou apenas modo de agir e pensar individuais constitui, para a sociologia, o instrumento apto a revelar condutas políticas e instituições que, ainda que inadvertidamente, conduzem a discriminação sistemática e à desigualdade de oportunidade de oportunidades e de tratamento entre grupos de cor.

Silva e Hasenbalg (1992) demonstraram a tese de que tais desigualdades apresentavam um componente racial inequívoco, que não poderia ser reduzido à diferença de educação, renda, classe e, o que decisivo não poderia ser, também, diluído num gradiente de cor. A interpretação de Hasenbalg (1979) constrói-se no sentido de rejeitar a esperança expressa por Fernandes (1965), segundo a qual os negros poderiam ter uma integração tardia na sociedade de classes. Hasenbalg, ao contrario, afirma que a integração subordinada dos negros criou uma situação de desvantagens permanentes que o preconceito e a discriminação racial apenas tendiam a reforçar. Hasenbalg e Silva (1992 apud GUIMARÃES), entretanto parece, com o correr do tempo, cada vez mais descontente com a ausência de estudos

microsociais que pudessem revelar os mecanismos pelos quais os sistemas mantinham-se polarizado, apesar da aparente fluidez das relações raciais.

O principal desses mecanismos é, sem dúvida, o acesso e o aproveitamento diferencial dos negros no sistema educacional, cuja titulação serve de base para uma estruturação hierárquica rígida, legitimada pela noção de mérito individual.

Para Guimarães a legitimidade de diversas formas de violência e de discriminação, que são praticas generalizadas de interação para parcelas significativas da população, acaba, de fato, por limitar o exercício da plena cidadania, tornando bastante plausível, porque invisível, a discriminação racial. Trata-se de um racismo às vezes sem intenção, às vezes “de brincadeira”, mas sempre com conseqüências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos.

2.2 Consciência Política, Classe Social e Racismo

É nesse sentido que este nosso estudo leva em conta a questão da consciência política e racial colocando primeiramente a forma como a sociedade brasileira está organizada do ponto de vista econômico, político e social. Marx considera que o primeiro passo para compreendermos de forma adequada como se dá o processo de formação da consciência dos seres humanos, é compreender que tal processo começa de forma material, ou seja, é condicionado pela maneira como esses seres humanos se relacionam com a natureza através do trabalho. Esse pressuposto é reforçado e esclarecido por uma outra passagem da mesma obra de Marx, onde ele afirma que:

A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercambio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercambio espiritual dos

homens, aparecem aqui como uma emanção direta de seu comportamento material. [...] A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (o grifo é nosso).

Assim, segundo Marx (1989, p. 37), para compreendermos a formação da consciência política, não podemos partir daquilo que os homens imaginam ou representam sobre si mesmos. É a partir do estudo dos processos da vida real, da vida material, do estudo da produção dos meios de vida e das relações sociais daí decorrentes que devemos deduzir a maneira como os homens formam suas consciências: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Nesse sentido, seria lícito afirmar que, de acordo com Marx, são as condições materiais de existência – tanto aquelas que o indivíduo encontra formadas, quanto àquelas que ele mesmo cria com o seu trabalho - que irão determinar o processo de formação da sua consciência social e política. Será a partir do espaço ocupado pelo indivíduo dentro do processo de produção que sua consciência será elaborada: a consciência brota das relações sociais que resultam na existência do indivíduo.

Outro ponto que devemos destacar e que será fundamental para compreendermos o processo de formação da consciência é que esta, de acordo com Marx, sendo condicionada pela formação econômica e social é, antes de tudo, social.

Com isso queremos afirmar que, embora a consciência seja sempre a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, é ante de tudo um produto das relações sociais, sendo assim necessariamente também condicionada pelas relações que o indivíduo estabelece em sociedade: “A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens” (MARX, 1989, p. 44).

Dentre essas relações sociais das quais se origina a consciência, a mais importante é a relação entre as classes que compõem a sociedade. Portanto, compreender o que são as

classes sociais é de fundamental importância para compreendermos a própria consciência política.

Para Lênin (1985), as classes sociais são grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção historicamente determinado, pela sua relação com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pela dimensão da parte da riqueza social que dispõem.

O indício principal, de acordo com Lênin, que caracteriza uma classe é a relação de seus membros com os meios de produção. Para ele essa diferença determina as demais e, na época atual, existiria um antagonismo de interesses econômicos entre as classes que possuem o controle dos meios de produção e aquelas que possuem apenas a sua força do trabalho, que é vendida como mercadoria aos proprietários dos meios de produção. Ainda na esfera do pensamento marxista, de acordo com Tom Bottomore (2001), Marx teria estabelecido uma distinção entre a situação objetiva de uma classe social e a consciência subjetiva dessa situação. Parece-nos que essa distinção a que se refere Marx também pode ocorrer no interior de outros grupos sociais e não apenas necessariamente às classes sociais.

Nesse sentido, a consciência de classe pode ser identificada com a consciência política dessa classe, uma vez que a consciência política surge justamente no momento em que uma classe toma consciência subjetiva de sua situação objetiva no contexto de um sistema de produção historicamente determinado: é somente neste momento que a classe social pode agir de forma correta e conseqüente na defesa de seus interesses. Assim sendo, a consciência política de membros de um determinado grupo social refere-se necessariamente à consciência que esse grupo possui sobre a sua situação no interior da sociedade.

Uma vez que os indivíduos são, pela própria natureza do processo social, subsumidos à sua classe social ou grupo social só podemos falar em consciência política se ela estiver em acordo com a consciência de classe ou de grupo. Em outras palavras, a consciência política de um indivíduo está diretamente relacionada com a consciência de classe, ou do grupo a que esse indivíduo pertence.

Essa concepção de consciência política relacionada com a consciência de classe e extraída de Marx está perfeitamente de acordo com o conceito proposto por Z. Berbechkina (1985 p. 82) para quem a consciência política “é um sistema de opiniões, sentimentos, objetivos e tarefas que se manifestam na atividade das classes e grupos sociais e que estão ligados aos seus interesses econômicos”. Essa consciência, para ele, estaria estreitamente ligada à atividade política através da qual se realiza e manifesta-se na ação das instituições políticas, das classes, dos partidos, das organizações e movimentos de massa.

Parece estar claro que em linhas gerais, Marx propõe que a consciência humana é sempre social, isto é, determinada pelas condições objetivas da existência humana. Porém, as idéias que temos da realidade objetiva, de acordo com Marx, não representam a realidade como ela realmente é. Sobre esse aspecto, Marilena Chauí explica que dentro do contexto do capitalismo e por conta da divisão social do trabalho, embora os trabalhadores sejam responsáveis pela produção de todas as mercadorias, geralmente não possuem condições econômicas de adquiri-las. Este seria, de acordo com Marilena Chauí, o ponto de partida para a criação da ideologia:

Após havê-las produzido, as entregam aos proprietários dos meios de produção, mediante um salário; quando vão ao mercado não conseguem comprar essas mercadorias. Olham os preços, contam o dinheiro e voltam para casa de mãos vazias, como se o preço das mercadorias existisse por si mesmo e como se elas estivessem à venda porque surgiram do nada e alguém as decidiu vender. Em outras palavras, os trabalhadores não só não se reconhecem como autores ou produtores das mercadorias, mas ainda acreditam que elas valem o preço que custam e que não podem tê-las porque elas valem mais que eles. Alienaram nos objetos o seu próprio trabalho e não se reconhecem como produtores da riqueza e das coisas. A inversão entre causa e efeito, princípio e consequência, condição e condicionado leva à

produção de imagens e idéias que pretendem representar essa realidade. As imagens formam um imaginário social invertido, um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes. Tomadas como idéias, essas imagens e esse imaginário social constituem a ideologia (CHAUI, 1995, p. 416).

Dessa forma, no decorrer deste trabalho o termo ideologia será sempre usado no sentido marxista de ‘falsa consciência’, ou seja, produto de uma sociedade marcada fundamentalmente pela divisão social do trabalho e pelo antagonismo dos interesses de classe, onde a uns cabe a produção, a outros o comércio e a outros o consumo dos bens materiais e espirituais, onde as idéias quase sempre aparecem dissociadas de uma prática social existente:

A divisão do trabalho torna-se realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre o trabalho material e o espiritual. A partir desse momento, a consciência pode realmente imaginar ser algo diferente da consciência da práxis existente, representar realmente algo sem representar algo real; desde este instante, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e entregar-se à criação da teoria, da filosofia, da moral, etc., ‘puras’ (MARX, 1989, p. 45).

Nesse ponto é importante esclarecer que um dos efeitos da divisão social do trabalho, além do que foi exposto acima, será a oposição dos interesses entre as classes e dos indivíduos entre si no interior de cada classe: “com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído, cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é importa e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico, e ai deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida” (MARX, 1989, p. 47).

Essa divisão social do trabalho a qual nos referimos e que foi conceituada por Marx não deve ser entendida apenas como uma divisão de tarefas, conforme muito bem assinala Marilena Chauí (1995), ao afirmar que a divisão social do trabalho vem a ser a manifestação de algo fundamental na existência histórica: a existência de diversas formas de propriedade que provoca a desigualdade social. Para ela, atualmente a divisão social do trabalho alcançou seu ápice com a propriedade privada capitalista:

Aqui a divisão social do trabalho alcança seu ápice: de um lado, os proprietários do capital e que também são proprietários dos bens produzidos, e, de outro lado a massa de assalariados ou dos trabalhadores despossuídos, que dispõem exclusivamente de sua força de trabalho, que vendem como mercadoria ao proprietário do capital (CHAUI, 1995, p 62).

Assim, ainda de acordo com Marilena Chauí (1995), a divisão social do trabalho não apenas separa os homens em proprietários e não-proprietários, pois ao fazê-lo dá aos primeiros poderes sobre os segundos, de forma que aqueles que são explorados economicamente devem ser também dominados politicamente, de forma que a divisão social do trabalho venha a se expressar como a dominação de uma classe sobre outra. Para ela essa dominação somente se torna possível através de dois instrumentos, que são o Estado e a Ideologia.

Marilena Chauí (1995, p. 93), explica que através do Estado a classe dominante monta um aparelho de coerção e repressão social que lhe permite exercer poder sobre toda a sociedade, fazendo-a submeter-se às regras políticas: “o grande instrumento do Estado é o Direito, isto é o estabelecimento de leis que regulam as relações sociais em proveito dos dominantes. O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não uma violência deva ser aceita”.

Já a função da Ideologia, dentro desse contexto, continua a autora, seria a de impedir que os dominados se revoltassem contra a situação de dominação que lhes é imposta. Isso ocorre porque através da Ideologia, as classes dominantes seriam capazes de fazer com que o legal pareça legítimo, isto é, como justo e bom: “A dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação ou idéias dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas para todos”.

É nesse sentido que podemos afirmar, de acordo com Marilena Chauí e conforme explicitamos anteriormente que a compreensão do conceito de consciência política passa pela

compreensão do conceito de ideologia. Grosso modo, para Marx, a ideologia é um ‘mascaramento’ do real que permite a legitimação da exploração e da dominação. É por intermédio da ideologia que o falso se torna verdadeiro, o injusto se torna justo.

A ideologia é assim entendida como a negação da consciência política, pois ela consiste justamente em permitir que as idéias sejam tomadas de forma independente da realidade histórica e social, de modo a fazer com que as idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é a realidade que torna compreensível as idéias elaboradas.

Para Mauro Iasi (2002) a relação entre ideologia e consciência consiste no fato de que mesmo sendo a ideologia uma ‘falsa consciência’, ela também brota das relações sociais de existência, embora não corresponda à situação real vivida por um indivíduo, classe ou grupo social, mas apenas sirva para justificar, ampliar e aprofundar uma determinada relação social injusta:

Vimos que para Marx e Engels a consciência e, antes de mais nada, a consciência dos vínculos imediatos da pessoa com os outros indivíduos e com as coisas situadas fora daquele que se torna consciente. Entretanto, num determinado momento, ou no interior de um processo, para ser mais preciso, a sociedade se dividiu em interesses antagônicos. A partir daí as idéias, representações e valores que compõem a consciência dos seres humanos, além de representar as relações reais a que se submetem, devem também justificá-las na direção de manutenção de determinados interesses, ou seja, a consciência pode se tornar ideologia (IASI, 2002, p. 94).

Isso quer dizer que a ideologia pode ser entendida como a negação da consciência de classe ou de grupo, já que é através dela que uma classe explorada economicamente pode vir a ser dominada politicamente, submetida ao sistema de idéias e valores da classe dominante: a ideologia, ao negar a consciência, torna possível a ampliação, o aprofundamento e a garantia da reprodução das relações reais entre as classes. Essa situação é resumida da seguinte forma por Mauro Iasi (2002, p. 95). “O termo ideologia está em Marx inseparavelmente ligado às necessidades de justificar uma determinada relação de dominação e, portanto, de velamento,

inversão e naturalização de relações sociais que marcam o domínio de uma classe sobre outra”.

É por isso que, de acordo com Marx, os interesses de cada indivíduo irão entrar em contradição com os outros interesses individuais, da mesma forma, os interesses de uma classe irão entrar em conflito com os interesses de outra classe, de forma que cada classe que aspirar à dominação de toda a sociedade, deverá apresentar o seu interesse de classe como interesse coletivo, de toda a sociedade.

Isso ocorre porque a dominação econômica de uma classe por outra, de acordo com Marx, está entrelaçada com a dominação política, uma vez que ao controlar os meios de produção, a classe dominante submeteria ao seu controle as instâncias políticas: Portanto, a divisão dicotômica de classes refere-se tanto a divisão da propriedade quanto a divisão de poder: através da verificação de linhas de exploração econômica de uma sociedade, é possível compreender as relações de superordenação e subordinação ali existente.

Assim, da mesma maneira que expressam uma relação entre exploradores e explorados, as classes expressam também a relação entre opressores e oprimidos. A classe dominante procura alicerçar sua posição por intermédio de uma ideologia cuja finalidade é racionalizar a sua dominação política e econômica e explicar à classe subordinada as razões pelas quais ela deva aceitar tal situação. Essa íntima relação entre a divisão da sociedade em classes sociais e sua conseqüente influencia na produção da consciência dos indivíduos é expressa nestes termos por Marx:

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. As classes que tem à sua disposição os meios de produção material dispõem, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, às idéias daqueles que aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto a expressão das relações que tornam

uma classe dominante; portanto as idéias de sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão, e conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e a distribuição das idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época (MARX, 1989, p. 72).

É dentro desse contexto social marcado pela oposição de interesses entre as classes sociais, que se expressa tanto na esfera econômica quanto na ideológica que se dá a formação da consciência política. É por isso que o estudo da formação da consciência política adquire uma importância capital para as classes e grupos sociais que desejam e/ou necessitam transformar a realidade na qual estão inseridos, pois conforme afirma Iasi:

Estudar o processo de consciência é refletir sobre a ação dos indivíduos e das classes em sua pretensão de mudar o mundo. Uma ordem não se mantém por nenhum atributo inato, mas por sua capacidade de produzir e reproduzir continuamente as relações que as constituem. Os seres humanos concretos e as relações que estabelecem são forças que mantêm uma determinada sociedade e que, igualmente, podem mudá-la [...] (IASI, 2002, p. 13).

A possibilidade histórica de que a consciência possa ser a chave para a mudança nos processos sociais decorre do fato de que, embora a consciência seja determinada pelas relações sociais, ela pode também ser uma determinação objetiva dessas relações, conforme Wilhelm Reich:

Na medida em que uma ideologia transforma a estrutura psíquica dos homens, ela não limitou-se a reproduzir-se, mas, o que é mais importante, tornou-se força ativa, poder material, sob a forma de homens que por esse modo foram concretamente transformados e por esse fato agem de modo transformador e contraditório. É dessa maneira, e dessa maneira somente, que se torna possível o efeito de volta de uma ideologia sobre a base econômica da qual proveio (REICH, 1975, apud IASI, 2002, p. 104).

Embora essa passagem refira-se especificamente ao efeito da ideologia sobre a base material, cabe ressaltar que também a consciência política pode passar pelo mesmo processo e exercer um efeito semelhante sobre o contexto social da qual se origina. Isso reafirma o que estamos tentando esclarecer ao longo desse trabalho, que é a maneira como ao adquirir

consciência política, consciência de seu grupo ou de sua classe, um indivíduo pode agir de maneira a transformar radicalmente sua situação na sociedade.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é o de que, ainda de acordo com Mauro Iasi (2002), a consciência não pode ser compreendida apenas como um produto das relações sociais, no sentido de que seja algo dado, um fato em si, acabado. Para ele, a consciência é, antes de tudo, um processo social:

Falamos em processo de consciência e não apenas consciência porque não a concebemos como uma coisa que possa ser adquirida e que, portanto, antes de sua posse, poderíamos supor um estado de “não consciência”. Assim como para Marx, não nos interessa o fenômeno e suas leis enquanto tem forma definida, o mais importante é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, as transições de uma forma para outra (IASI, 2002, p. 26).

Também para o objetivo central deste trabalho, devemos considerar a consciência nesse sentido, ou seja, como um fenômeno, como movimento e não como algo dado. E devemos proceder dessa forma porque entendemos que só é possível conhecer algo se o inserirmos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ela se tornou o que é, assim é também, com a consciência, ela não ‘é’, ‘se torna’. Ao longo dessa exposição, estamos procurando demonstrar exatamente como a consciência política amadurece por fases distintas que se superam, através de formas que se rompem, gerando novas que já indicam elementos de seus futuros impasses e superações. Longe de qualquer linearidade, a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando aparentemente, as formas que abandonou, conforme Mauro Iasi:

Este processo é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo. Como então podemos falar em ‘processo’ como um todo? Acreditamos que a partir da diversidade de manifestações particulares podemos encontrar nitidamente, uma linha universal quando falamos em consciência de classe (IASI, 2002, p. 26).

Conforme pudemos perceber ao longo dessa exposição, o processo de formação da consciência política está diretamente relacionado com as condições sociais vividas pelo indivíduo. É justamente a partir da esfera de suas relações sociais, que envolvem aspectos econômicos, culturais e políticos que a consciência política surge. Para os negros, que são o nosso objeto de pesquisa, o surgimento da consciência política está intrinsecamente relacionado com a consciência racial, o que procuraremos demonstrar na seqüência deste capítulo. Seja pela sua afirmação, ou seja, pela sua negação.

2.3 Manifestações de Consciência Racial

Da mesma forma que para definição do conceito de consciência de classe recorreremos à definição do conceito de classe social, antes de apresentarmos nossa definição de consciência racial, cumpre trabalharmos preliminarmente com o conceito de raça. A idéia de que os seres humanos estariam separados por raças distintas é uma constante há história da humanidade, seja qual for o período ou a civilização estudada. Mas foi a partir do século 16 que associações que se proclamavam científicas buscaram classificar as raças humanas, tentando criar estereótipos.

A arbitrária classificação dos homens em distintas raças em função do aspecto exterior e a partir daí das capacidades de inteligência abriu espaço para teorias racistas, como a do diplomata francês Joseph-Arthur, Conde de Gobineau, que no século 19, foi um dos precursores do racismo com suas teorias sobre o ariano como raça pura (as quais embasaram o anti-semitismo nazista) ao escrever seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1853-1855).

De acordo com Gobineau (1976), a raça branca seria superior à amarela ou à negra. No interior da raça branca haveria ainda seres superiores, como os de sangue ariano, raça “pura descendente dos deuses”. A argumentação de Gobineau era de que entre estes não teria jamais existido a mestiçagem. Esta, aos olhos de Gobineau, levaria à homogeneização da humanidade, o que, a seu ver, seria uma decadência irreversível (GOBINEAU, Apud SKIDMORE, p. 47).

Assim, mesmo que essas teorias supostamente científicas nunca puderam ser comprovadas, não existindo fundamentos científicos que permitissem sustentar a superioridade ou inferioridade física ou intelectual de uma raça em relação à outra, os defensores dessa tese recorreriam à ciência para justificar suas teorias e práticas racistas. O seqüenciamento do genoma humano provou que todos os defensores de teorias racistas estavam equivocados. Graças ao seqüenciamento do genoma humano, ficou provado que não existem raças na espécie humana.

Para chegar a essa conclusão, os cientistas estudaram e compararam mais de oito mil amostras genéticas colhidas aleatoriamente de pessoas de todo o mundo. Segundo os pesquisadores, diferente de outras espécies de mamíferos, não há raças entre humanos porque as diferenças genéticas entre grupos das mais distintas etnias são insignificantes. Para que o conceito de raça tivesse validade científica, essas diferenças deveriam ser muito maiores. Ou seja, não importa a cor da pele, as feições do rosto, a estatura ou mesmo a origem geográfica de qualquer ser humano, geneticamente, todos são semelhantes.

O conceito de raça é puramente cultural. No decorrer desta dissertação trabalharemos com esse conceito de raça: um conceito cultural construído socialmente. Para Guimarães (1999) a raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural:

Raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social,

baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social (GUIMARÃES, 1999, p. 09).

Segundo Ferreira (2000, p. 12), o “Brasil é um país de maior população negra fora da África e por isso mesmo valores ancestrais africanos estão presentes e poderiam atuar no processo de desenvolvimento da identidade e da cidadania”. Mesmo assim, vivemos em uma sociedade na qual os valores determinados por uma cultura branca européia são vistos como superiores, ocasionando aos negros o desenvolvimento de auto-imagem negativa, acompanhada de baixa estima, o que muito contribui para gerar condições desumanas de existência e tende a perpetuar-se em um processo de exclusão, sustentando por complexo mecanismo social.

Portanto é necessário desenvolver trabalhos que possam contribuir na construção de identidades afirmadas positivamente, de maneira que o negro possa se construir como cidadão. Para Valente (1994), a diferença de inserção no trabalho, entre os proprietários e não-proprietários dos meios de produção, implica uma diferença na forma de interpretar e refletir o mundo.

Como são diferentes os interesses dessas classes, elas estão em permanente conflito, em luta. Essa luta caracteriza-se por avanços e recuos, conquistas, cooptações e derrota de ambos os lados. Quando se discute uma questão polêmica quanto a relações entre brancos e negros no Brasil, pode se dizer que o conflito racial faz parte do conflito de classes ou que se confunde com ele.

Marx foi o primeiro autor a empregar continuamente o termo ‘classes sociais’. Sua definição teria sido desenvolvida posteriormente por Lênin, para quem:

As classes sociais são grandes grupos de pessoas que diferem uma das outras pelo lugar ocupado por elas num sistema historicamente determinado de produção social, por sua relação com os meios de produção, por seu papel na organização social do

trabalho e, por consequência, pelas dimensões e métodos de adquirir a parcela da riqueza social de que disponham (MARX/ENGELS, 2002, p. 47).

As classes são grupos de pessoas onde uma pode apropriar do trabalho da outra, devido aos lugares diferentes que ocupam num sistema definido de economia social. Bobbio, (2004), explica que as classes sociais são umas consequências das desigualdades existentes na sociedade. Para ele o conceito de classe se circunscreve ao âmbito restrito das desigualdades sociais, o que permite uma primeira delimitação do conceito, pois nem todas as desigualdades sociais dão lugar à formação de classes. Só originam a formação de classe aquelas desigualdades sociais que se reproduzem ao passar de uma geração a outra: “Classes são agrupamentos de fato, cuja existência não só não é reconhecida, como é em certo sentido, explicitamente negada pelo ordenamento jurídico da sociedade”.

Podemos afirmar que as classes são agrupamentos que emergem da estrutura de desigualdades sociais, numa sociedade que reconhece que todos os homens, ou melhor, todos os cidadãos, são formalmente iguais perante a lei.

É nesse sentido que, para Iasi (2002, p. 13), estudar o processo de consciência é refletir sobre a ação dos indivíduos e das classes em sua pretensão de mudar o mundo. “Uma ordem não se mantém por nenhum atributo inato, mas por sua capacidade de se produzir e reproduzir continuamente nas relações que constituem”. Assim, de acordo com ele, enquanto que para alguns a negação da consciência seria não apenas mais fácil, mas um ato regamente compensador; para boa parte da humanidade, no entanto, a consciência seria algo de que não se poderia se livrar, nem vender no mercado, nem empenhar como garantia no jogo das alianças políticas, mas uma adaga que precisa ser usada para realizar a profecia ou se voltar contra seu próprio peito.

A civilização nada oferece aos trabalhadores a não ser uma cooptação subordinada. A consciência da não identidade como ordem, a não correspondência dos valores dessa ordem com a realidade em constante movimento produzem a consciência

como uma roupa que serve a quem tem frio. A consciência continua a se produzir apesar dos devaneios ideológicos daqueles que querem dar forma permanente a sociedade atual. A consciência é filha do movimento e das contradições e não das certezas, quaisquer que sejam (IASI, 2002, p. 19 e 21).

No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx (2002, p. 29), não apenas afirma ser a história até aqui a história da luta de classes, como também que nenhuma classe da sociedade civil consegue desempenhar o papel de dominação de toda a sociedade a não ser que possa despertar, em si e nas massas, (nas outras classes, portanto) um momento de entusiasmo em que associe e misture com a sociedade em liberdade, se identifique com ela e seja sentida e reconhecida como representante geral da referida sociedade: “Os seus objetivos e interesses devem verdadeiramente ser os objetivos e interesses da própria sociedade, da qual se torna de fato a cabeça e o coração social”. Desta forma, a luta de classe se expressa também como uma luta entre valores, entre concepções de mundo, entre idéias sobre uma base material em constante mudança.

O conflito racial não pode ser compreendido se descontextualizado da realidade do mercado pelo conflito de classe, mas também não pode ser reduzido a este. O racismo entre negros e brancos teve origem no escravismo e foi mantido nas relações de produção posteriores, adquirindo então novas formas. Mesmo com as mudanças no sistema econômico, nas relações de trabalho e nas formas de opressão, verificamos que os negros continuaram e continuam a ser ideologicamente definido como ‘inferiores’.

Valente (1994), afirma também que a partir dos anos 80, vimos grupos reivindicando por suas especificidades culturais, até então abafadas por uma fachada de harmonia. Os conflitos étnicos na ex-União Soviética são testemunhos de que as soluções teóricas fáceis esbarram na complexidade e dinâmica da vida social. Em nossa sociedade, a cor é um critério importante de seleção de emprego que mantêm os negros nas mais baixas posições da hierarquia social.

Conforme Valente isso só pode ser resolvido à luz da forma de organização social. Portanto a questão do preconceito que envolve negros e brancos não é só um problema de raça ou cor, é também um problema de classe. O negro vive então obrigado a ter uma consciência dupla: uma diante do branco e de si mesmo como membro de outra 'raça', o que implica uma diferenciação social específica; e outra como membro de uma classe social ante os membros de outras classes.

No entanto vários obstáculos impedem o negro de criar essa dupla consciência. Apesar da realidade, em nível mundial, ser marcada pelo conflito de interesses entre classes, não é sempre que esse conflito é contundente, embora esteja sempre explicitado. Basta observar as lutas dos sindicatos de diversas categorias de trabalhadores por reajustes salariais, em busca de melhores condições de vida. Do outro lado empresário e governo dificultando o atendimento das reivindicações.

Tudo indica que, enquanto essas reivindicações forem apenas de caráter econômico salarial, não questionando os princípios do capitalismo, a tendência é a manutenção da relação entre classes. Para que essa relação seja transformada, é preciso elaborar uma nova proposta de organização societária. Por outro lado, não basta também ao negro adquirir somente a consciência racial, uma vez que continuaria inserida dentro de uma sociedade de classes. Qualquer que seja o caminho, o negro necessita dessa dupla consciência, na perspectiva de transformação da forma de organização social.

PARTE II

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Jacques Lê Goff

CAPÍTULO 3

NEGROS VELHOS JOVENS NEGROS

A escolha por quatro sujeitos se deu por serem trabalhadores negros, com famílias constituídas e todos imigrantes. Na pesquisa qualitativa não importa a quantidade dos sujeitos, mas sim a sua relevância. Conforme nos mostra Zago (2003, p. 297), “o número a considerar não é independente dos propósitos do estudo, de sua problemática e seus fundamentos”. Para ela o número é um falso problema porque coloca num mesmo plano, entrevistas com status muito diferentes, com objetivos diferentes.

Ao adotarmos a entrevista, a intenção não foi produzir dados quantitativos e, nesse sentido, as entrevistas não precisam ser numerosas. Como já afirmamos anteriormente, trabalhamos com quatro sujeitos, todos eles trabalhadores negros migrantes com idades entre 66 a 77 anos, residentes em Rondonópolis-MT.

O fato interessante a se observar refere-se à data de chegada dos nossos sujeitos ao Estado de Mato Grosso. Dos quatro entrevistados, o primeiro a chegar em Mato Grosso foi Jose da Silva em 1947, aos 16 anos de idade. É bom lembrar que este foi um ano marcado por fortes acontecimentos políticos. Fatos importantes como a cassação do Partido Comunista do

Brasil e a intervenção de sindicatos em que os direitos democráticos do povo brasileiro foram abalados:

A ameaça contra o partido concretizou-se em 7 de maio de 1947, quando o projeto de Barreto Pinto foi aprovado, cassando o registro do Partido Comunista do Brasil. No mesmo dia, o Ministério do Trabalho decretou a intervenção em 14 sindicatos, o fechamento da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB) e das Uniões Sindicais dos Municípios e Estados em que existiam. A partir de então, desencadeou-se 'uma serie de violentas ações repressivas, visando ao absoluto controle sobre os sindicatos, ao mesmo tempo em que a estrutura oficialista era posta a funcionar a todo vapor', diz Ricardo Maranhão (BERCHT, 2002, p.71).

Os outros três, Fernando Souza, chegou aos 21 anos, Sebastião do Nascimento aos 26 e Jose Balbino aos 36. Todos chegaram na década de 60. Respectivamente, em 1960, 1961 e 1963, quando mais uma vez, o país vivia a iminência da efervescente disputa entre a democracia e os interesses das classes dominantes:

O regime nascido em 1964 eliminou a democracia, perseguiu, torturou e assassinou democratas, nacionalistas e progressistas. E aumentou a dependência externa do país ao ancorar o desenvolvimento do país na busca de capitais estrangeiros e na atração de multinacionais (RUY, 2004, p. 58).

Os motivos que trouxe estes trabalhadores negros, sujeitos de nossa pesquisa, a Mato Grosso e a Rondonópolis, sua relação com a cidade, o envolvimento com o mundo do trabalho, as questões sociais e políticas, as suas crenças, valores e a consciência que possuem da sua negritude estão expressos nos relatos individuais de cada um deles, obtidos através das entrevistas são resultados de suas lembranças, de suas memórias de suas experiências de vida.

3.1 José da Silva tem 77 anos. Nasceu em 03 de fevereiro de 1927, na cidade de Lagoinha, no Estado da Bahia. É viúvo, pai de dois filhos e três filhas. Como nos relata seu José:

Eu vim. Com 16 anos eu sai da Bahia, rodei este mundo todo e pra chegar aqui custou muito, (estala os dedos); faz muito tempo. Nossa senhora! Eu vim para Rondonópolis em 64, na época da Revolução que eu me lembro que prendeu um bocado lá e quando eu cheguei aqui tinha prendido o Bezerra, tinha prendido o Isloé, tava atrás dos Mandioca pra prender, já

tinha largado de mão, mas correro atrás dos Mandioca bem corrido, por isso que eu marquei 64. Eu vivo aqui em Rondonópolis há muito tempo. Eu tinha um comércinho pequeno, depois não deu e eu tirei uma carteira de corretor, fui trabalhar de corretor, dei uma melhoradinha, i não sei mais porque que eu vim. Vim para melhorar a vida (pausa).

Seu José como boa parte dos migrantes nordestinos que vieram para Mato Grosso na década de 40 fizeram uma longa jornada a pé desde o seu Estado de origem até chegar nos garimpos e fazendas.

Nascido na zona rural, José da Silva conta que se viu obrigado a deixar a Bahia, numa tentativa de melhorar de vida, uma vez que lá, o custo de vida era muito alto e, as informações que obtinham acerca de Mato Grosso, falavam de prosperidade. Diz ter saído de lá a pé e na companhia do amigo Zé Miranda, que depois tornou-se proprietário de um grande armazém de *secos e molhados* em Rondonópolis:

Eu vim por causa do dinheiro para melhorar a vida. Não, não, isso é tanta coisa, tanta embrulhada, tanta anarquia, não, isso é muito ruim eu não gosto nem de lembrar, (se emociona). Eu vim da Bahia pra qui de a pé. Gastei mais de trinta dias mais aquele Zé Miranda do armazém Miranda. Morreu já (pausa). Morreu de [...] operou do coração. Acho que não teve assistência direito, é muita coisa se eu for contar tudo (pausa) Deus me livre. Prefiro não falar.

Chegando em Mato Grosso, trabalhou por dois anos em um garimpo. Após este período, vendo-se desempregado, migrou para Minas Gerais, onde se empregou como empreiteiro. De lá seguiu para a cidade de Itumbiara, no Estado de Goiás, onde se casou. Ele relembra, pensativo, que chegar a cidade de Rondonópolis lhe custou muito. Depois, emocionado, diz nem mais se lembrar dos motivos que o trouxeram a Rondonópolis. Diz ter sido para melhorar de vida, mas que muitas coisas lhe aconteceram:

[...] Rodei este mundo todo pra chegar aqui. Custou muito, faz muito tempo muita embrulhada, tanta anarquia. Não, isso é muito ruim eu não gosto nem de lembrar não. Vim porque o custo de vida na Bahia era muito difícil aí a notícia de que aqui se juntava dinheiro com gancho. Aí eu vim juntar aqui.

Aí eu cheguei no garimpo e fiquei dois anos; depois não arrumei quase nada. Voltei para Minas e fui trabalhar na roça de empreiteiro. De Minas fui para Intubiara e casei em Goiás. De lá eu vim para Rondonópolis e não sai mais.

Chegou à cidade no ano do Golpe Militar. Lembra que nesta época, ocorreram diversas prisões como a do Carlos Gomes Bezerra, político mato-grossense que foi deputado federal, senador, prefeito de Rondonópolis e governador do Estado:

Vim para Rondonópolis em 1964. Na época da Revolução. Eu me lembro porque prenderam um bocado lá e quando eu cheguei aqui tinha prendido o Bezerra, tinha prendido o Rosalvo, tava atrás dos Mandioca pra prender. Já tinha largado de mão, mas correro atrás dos Mandioca bem corrido; por isso que eu marquei 64.

As lembranças de José da Silva também são compartilhadas por um jornalista com atuação política na década de 60 que considerou recentemente em entrevista ao *Jornal A Gazeta*, fatos da repressão ocorrida no Estado de Mato Grosso durante a Ditadura Militar.

O ex-vereador por Cuiabá (76-78) e ex-deputado federal por dois mandatos (79-87), Gilson de Barros, disse que a Repressão em Mato Grosso durante o regime militar “foi suave”. Segundo ele, poucos militantes de esquerda e tidos como “subversivos” foram presos. Cita, entre eles, Edgar Nogueira Borges, Silva Freire, Agrícola Paes de Barros, Ronaldo de Castro e o ex-governador e ex-senador Carlos Bezerra (A Gazeta, 12.02.06 – Caderno 7A – Política).

Conta que já possuiu um pequeno comércio, mas que o mesmo não prosperou. As coisas começaram a melhorar mesmo quando tirou a carteira de corretor e foi trabalhar nesta área:

Eu moro em Rondonópolis há muito tempo. Eu tinha um comercinho pequeno, depois não deu. Eu tirei uma carteira de corretor, fui trabalhar de corretor, dei uma melhoradinha é muita coisa se eu for contar tudo (pausa). Deus me livre.

Sobre seus pais, conta que os mesmos faleceram quando residiam em Itumbiara – GO:

Os meus pais já morreram. Morreram em Itumbiara-GO; nasceram na Bahia, não sei aonde. Meus pais eram Maximiliano José da Silva; a mãe Isaltina de Souza Pires.

Ele não se lembra do local exato de suas origens, mas conta que eram naturais da Bahia. Pessoas de hábitos simples, lavradores que lidavam com um sítio e que lhes deixou a lembrança de boa convivência e de um lar sem atritos, fato que ele atribui a ausência de posses materiais:

[...] a minha relação com a minha família era boa. Relação de pobre é tudo boa, não briga, não tem parte que dividir, só se for... (pausa) é tão, é boa porque não tinha nada pra dividir. Então era boa. Não tinha nada.

Sua fala nos remete ao clássico *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* ao fazer referência à riqueza como um instrumento de opressão de seres humanos sobre outros, e mais, a certeza de que os que não possuem bens não têm motivos para divergências, pois não possuem riquezas: *A ambição mais vulgar tem sido a força motriz da civilização, desde seus primeiros dias até o presente; seu objetivo determinante é a riqueza, e a outra vez a riqueza, e sempre a riqueza [...]* (ENGELS, 2002, p. 211).

3.2 Fernando Souza Brito, 66 anos, nasceu aos 16 dias do mês março de 1938, na cidade de Lençóis, na Bahia. *Assim eu nasci na cidade de Lençóis. Conhecida como Lençóis mesmo, no registro do casamento.*

Viúvo, conta que 03 anos após chegar a Mato Grosso casou-se e teve 07 filhos, dos quais 02 faleceram. *Quando eu cheguei era solteiro. Quando eu cheguei aqui, com 3 anos que tava aqui, eu me casei.*

Do alto de seus 66 anos, seu Fernando, este baiano de Lençóis, que vive longe de sua terra há mais de 40 anos, gosta de recordar as suas origens e como foi a sua vinda parra Mato Grosso. Ela conta que veio para Mato Grosso aos 21 anos de idade, em 1960. Após todos estes anos já se considera mato-grossense.

Meus parentes, eles mudaram pra cá pro Mato Grosso, né (?) Eu vim pro Mato Grosso. Eu vim em 1960. Eu vim de caminhão. Paguei mil Cruzeiro até São Paulo. De São Paulo vim de trem, não... aí vim pagando na imigrante. Imigrante é quando pega fiado certo. Fica na rodoviária aí pede pro governo né. Aí eu paguei mil Real, mil Cruzeiros. De lá eu paguei aqui de Rondonópolis 980, um negócio assim. Aí vim pra Dom Aquino. Aí fiquei morando em Dom Aquino com a minha tia. Saí de Dom Aquino fui a Cuiabá, trabalhei só um mês em Cuiabá, voltei de novo pra o município de Dom Aquino. Aí no município de Dom Aquino eu me casei, quando já fiz os 23 ano. Casei em maio. Ih, deixa eu vê; 63. Eu casei porque eu cheguei em 60, 61, 62, 63 eu me casei. Em 25 de maio de 1963.

Os motivos que o trouxeram para cá estão relacionados, principalmente, ao desejo de encontrar a sua descendência materna. Criado por uma tia e uma madrinha, recebeu a informação de que em Mato Grosso estava à chave de sua curiosidade. Além de ter consciência de que seus parentes na Bahia estavam ficando idosos:

Aí procurei cadê minha descendência de minha mãe, cadê? Que eu chamava de mãe. Aí falou: está em Mato Grosso. Aí, como é que eu vô achar notícia desse pessoal? Você tem que ir em Caitite, aquele Bom Sucesso. Aí vim em Bom Sucesso fiz uma carta, mandei pra ela. Já tava com tantos anos de idade. Tava com 19 ano na época né (?). Então aí ela me mandou um dinheiro, 3 mil Ccruzeiro pra mim. Aí eu vendi o que eu tinha lá, interei o dinheiro.

O trajeto, feito da cidade de Lençóis, na Bahia, até São Paulo, de caminhão, aconteceu com passagens dignas de qualquer imigrante do nordeste brasileiro. De São Paulo a Mato Grosso Fernando relembra que contou com a assistência do governo de Juscelino Kubitschek. Este fato marcou-o profundamente. Até hoje ele se recorda do tratamento dispensado aos imigrantes, assim como das referências pejorativas.

Vim de fora. Ah, então pensei que era assim, porque falava sempre a migração porque se fala no estado de São Paulo ficava aquela fila de nordestino né (?) Aí eu acharia que é porque tinha assim. Ah não então é imigrante é porque veio de outro estado né? Justamente.

Fica na rodoviária aí pede pro governo né? Aí eu paguei mil Real, mil Cruzeiros. De lá eu paguei aqui de Rondonópolis 980, um negócio assim. Aí vim pra Dom Aquino.

Aqui chegando, conheceu alguns tios, mas foi morar em Dom Aquino com uma tia, com quem trabalhou por 08 meses em um açougue. Depois foi cuidar da própria vida. Esteve em Cuiabá tentando trabalho, mas só ficou por um mês. Dessa forma vai nos mostrando sua trajetória em Mato Grosso, a convivência com a família e os trabalhos que foi desenvolvendo para sobreviver.

Fui criado com a tia e a madrinha que é filha da tia. Madrinha de crisma compreende? Então o padrinho de crisma, tá entendendo? Mas dava de vim com o dinheiro, mas eu falo; eu vim com uma base duns 5 mil Cruzeiro né. Aí eu vim mais novo né? Então gastei o dinheiro na estrada. Aí eu vim pra cá porque ela mandou dizê que eu ia trabalhar com açougue. Chegou aí e tal, tal. Trabalhei só 8 meses com ela. Aí fui tocar a minha vida por conta. Então vim porque aqui era bom e a os parente mais velho lá já tava já ficando bem velho como a pessoa que me criô e essa daqui é irmã da mãe. Aí vim conhecê os irmão da mãe aqui. Conheci o Bemvindo, que é irmão da minha mãe. Dorinha, Lindaura e José, apelidado de José Baio né, porque ele é galego, entendeu? Aí eu cheguei aqui, não quis mais voltar pra Bahia. Casei e fui trabalhar nas firma. Mudei pra Rondonópolis, criei os filho aqui e to. Viver batalhando né? Tá entendendo? Foi isso, não foi porque eu era um homem destruído não. Pra saber defendê da família pra, pra defender tá velha lá. Como eu passei a conhecer, porque eu não conhecia, tá entendendo? Aí me casei, fui mora com minha esposa. Criei os filho com ela. Aí chegou o tempo que ela adoeceu, levou aí tantos anos doente. As meninas cuidando dela, ela tratando né? Até o dia que ela faleceu né? E falava também que Mato Grosso chegava aqui ficava bem. Era uma fama muito boa. Porque Mato Grosso é realmente Mato Grosso não é ruim. Porque a gente hoje véve como qué..

Retornando a Dom Aquino, casou-se dois anos depois. Com a esposa viveu por quase 35 anos, até o seu falecimento.

Casei, vivi com a família 34 anos, 9 meses que a gente viva junto, com a mulher. Casei, cuidei dos filho, porque quem cria é Deus. A gente dá o trato, mas Deus é quem cria tá entendendo?

Logo que se casou foi morar no sítio, mas, com a chegada dos filhos e a necessidade de mandá-los à escola, mudou-se para Juscimeira, onde foi trabalhar de carroceiro. Como possuía a carroça e os animais, quando avaliou que o serviço estava fraco, vendeu tudo e veio para Rondonópolis, onde criou os filhos. Reforça que a sua vinda para a cidade foi motivada pela necessidade de continuar batalhando e não *porque eu era um homem destruído não*.

Segundo ele, a informação que sempre ouviu era de que, quem vinha pra Mato Grosso chegava aqui e *ficava bem*; e como ele próprio constatou, essa é uma realidade, haja vista que hoje, ele pode viver como quer, fato que não acontecia em sua Bahia.

Lá, ele trabalhava no garimpo, onde começou aos 10 anos de idade nas frentes de diamantes. Nunca teve a oportunidade de pegar uma pedra grande. Aos 20 anos não quis mais saber daquela vida e passou a tocar lavoura, trabalhava por dias seguidos e para diversos patrões:

E na Bahia eu trabalhava no garimpo, tocava a lavoura, trabalhava por dia nos carteados. Jair, José França. Jair, José França, Armando Pereira tudo que é os dono né. Eu fui garimpeiro também e eu comecei trabalhar com 10 anos de idade. Quando eu sai eu tava desde os 20 ano de idade, vinte pra 21. Porque eu sai dali no dia, parece que foi 12, parece não, no dia 12 de fevereiro pra Jaciara. De Jaciara quando eu terminei de chegar em Mato Grosso foi 20 de março tá entendendo? Mas você; imigrante eu não vim porque eles fala a; ami, amigrante quem vai pra rodoviária aí fica pedindo auxílio entende. Aí não, eu vim em cima de grana.

Quando chegou a Rondonópolis foi servente de pedreiro no quartel, depois trabalhou em diversas outras empresas – Ifasa, Cozan, Andrade Gutiérrez, Enco, Femel, Sachetti e André Maggi.

Conta que a sua opção pela cidade consiste no fato de que, mesmo com as dificuldades financeiras a que é submetido, ainda assim, consegue sobreviver com um pouco de dignidade. Sem levar em consideração de que para ele, baiano, pega amor ao lugar onde vive:

Rondonópolis, justamente o lugar que eu falei já a própria família já estavam ficando velho, a pessoa pobre fraca de recurso quando velho. Pobre é uma pessoa que não tem instrução pra nada entendeu. Fraco de recurso, com 5 filho pequeno Neto são 7 pessoa né? Ficar de déu em déu não melhora nunca. Melhora? E ele vai ficando quieto porque se não ele não apruma, ele não fica rico. Ele não fica BILIONÁRIO porque a, a profissão não dá, mas ele, a família não perece tanto, porque sabe onde é necessário eu ta. Daqui vou pra Pedra Preta. Lá na Pedra Preta não tá bom, vou pra Sonora. Você pensa, você é nova, você é inteligente, é professora. Cê acharia que ele vai ter melhora lá porque o baiano, eu sô baiano né? Até a cidade que ele mora ela cria amor. Ela qué fazer amizade com todos né? Então isso aqui ó conheci o Antônio. A princípio você tem que conhecer você né? Eu tinha um arsenal. O Antônio não quis nada sobre esterco, mas respondeu na matéria, na matemática. Aprendeu a namorar. Aí disse: eu vô trabalhar. Porque senão eu tinha virado um bandido tá entendendo? Hoje ele tá amigado, é cidadã. E eu servi a profissão de carteiro, era apenas garimpeiro, mas tinha carpinteiro. Não servia por causa da idade que a firma não pega mais. Mas achei que era necessário que eu saísse com uma carroça particular. Depois fui ser guarda da doutora Janete. Já há 8 anos, que é a idade que ela me aceitou mais. Tá entendendo? Aí que eu, eu sou um cara que eu achei que ia tentá que eu acharia que, eu ia determinar os ano de vida aqui né? Eu tenho que procurar meio de vida, entendeu? Concorda comigo?

Reflete que o trabalhador continua oprimido e explorado, uma vez que começa a trabalhar muito cedo, submetendo-se a péssimas condições de trabalho, salários reduzidos e a oportunidade de se aposentar chega cada vez mais tarde. Trabalham aos sábados, domingos e feriados. Ele diz saber que a única diferença é que não está apanhando e nem amarrado, mas, está debaixo das ordens de alguém e, uma pessoa consciente, segundo disse, não abandona o local de trabalho.

Tô com 66 ano, ainda tô trabalhando em residência dos outros. Então isso é de escravo. Não foi falta de cabeça. Por quê que você não está rico? Eu acho que tem condições de você ter 7 pessoa na casa comer 1 pão? A gente não é porcos, mas tem comer pra alimentar. Porque se você não comer um arroz, feijão pra alimentar pra satisfazer o filho. que nem você que é mãe

dos seus filho, como é que vai sobreviver? Dá uma fraqueza geral, até morre. Eu me sinto um escravo. Fala que acabou a escravidão, mas pra mim ele continua até hoje.

3.3 Sebastião do Nascimento nasceu em 10 de setembro de 1937. Tem 68 anos. Mineiro de Araguari, não esconde o orgulho de sua terra natal: *O senhor é mineiro! — É, graças a Deus. Sou casado, tenho cinco filhos: dois homem e três mulher.*

Sebastião do Nascimento narra a história de sua vinda para Mato Grosso como se fosse qualquer romancista conceituado. Nela percebe-se o toque do romantismo de um jovem de 26 anos, a crença de um cidadão brasileiro, a brejeirice mineira.

Veio com a sua e mais outras quatro famílias, em caravana de caminhão, para trabalhar na lavoura, como seu pai – mineiro de Araguari – sempre o fez. A mãe, também de Araguari, era do lar e segundo ele relata, era uma mulher muito linda e muito brava. Recordase que os pais, apesar de pobres deixaram bons exemplos aos filhos, não medindo esforços para que eles tivessem o máximo do que as condições econômicas lhes permitiam. Rígidos, não se furtavam em castigar os filhos quando necessário. Ainda assim, relata, a sua vida durante a infância foi maravilhosa.

Muito linda, muito linda. De tardizinha com a minha mãe, minha mãe era tipo de mulher brava, sabe? Minha mãe era brava igual a minha mulher; brava né? Mas a gente vivia bem, sabe? Ele deu bom exemplo pros fio. Só vida difícil, pobre, pobre o que ele pode fazê pro filho ele fez né? Tinha estudo bem pouquinho né? Porque aquela época estudo era difícil, a gente andava as estrada pra estudar. A gente andava assim 6, 10 km a pé. Mas ele sacrificou muito, nos criou muito bem, graças a Deus. E educação ele deu pra nós, muito mesmo, né? Nós vivia muito bem. Depois faleceu senti muita falta dele, mas a vida é essa né?

Sobre os irmãos, 11 ao todo, conta que se relaciona muito bem, fruto da educação recebida dos pais:

É com os irmão, nós vivia muito bem. Nós somo 11, tem 7 homem e 4 mulher. Com os irmão a vida é maravilhosa. Eles véve muito bem, todos eles são muito, assim, povo muito educado, muito; Eu não digo; é um pessoal que todo mundo gosta. Meus irmão é; muito educado.

Seu Sebastião nos narra a sua chegada em Mato Grosso:

Olha eu foi o seguinte, a gente tinha uns parente aqui, sabe? (...) A gente vivia lá em Minas assim perambulando, sabe? Fazenda em fazenda. Aí nós viemos pra cá numa caravana. Viemo com 4 família. Se demo muito bem em Mato Grosso. Adorei Mato Grosso. Ah, Rosa, a gente viemos em caravana de caminhão, sabe? Sofremô muito, tivemô mais ou menos uns 4 dia de viaje. Aí depois cheguei aqui, não gostei, voltei. Depois tive lá sozinho sem os meus pra cá e eu lá sozinho. Só resolvi vim por conta dos meu pais. Depois fiquei. Começo a namorar essa mulhé minha, até hoje é minha esposa. Gostei muito de Mato Grosso e eu, trabalhando em fazenda pra, pra aqui, pra li, sabe? Eu sempre trabalhei em fazenda. Eu gosto de trabalhá em fazenda assim, sabe? Qué vê uma fazenda? Só do seu Teco trabalhei 24 ano. Só numa fazenda. Depois adquiri família, casei, adquiri família né? Vim pra Rondonópolis. Adorei Rondonópolis, sabe? Se soubesse, tinha vindo mais cedo. Aí eu adquiri família, fui, comprei uma casinha lá na Vila Mamed. É um barraquinho, sabe? Fui, arrendei pra doutô Valter Uliceia que era prefeito aqui também antigo. Aí venceu o contrato ele me deu um casinha, fiquei feliz. E fui construí lá na Mamed. Moremô, lá com seis né? Como vizinho lá, né? muito tempo. Aí vim aqui nessa vilinha comprei uma casinha aqui. Vim pra cá adorei essa, essa vilinha aqui, né? Aí aluguei lá embaixo. Aí passei pra cá, mas o inquilino tava acabando com a minha casa lá embaixo. Resolvi vendê lá também passei pra cá e hoje eu tô aqui nessa Vila Bela Vista. Aonde eu tenho assim distância, uma tranqüilidade. Beleza, eu adoro, adoro aqui. Muito mesmo. Bom vizinho.

Seu Sebastião nós narra que foi embora, mas a saudade da família o trouxe de volta ao Estado e as lavouras. Orgulhoso conta que só em uma fazenda trabalhou durante 24 anos. Aqui se casou, constituiu família e adquiriu casa própria.

Animado, ele conta que começou a namorar aos 16 anos, fase em que iniciou também as suas peripécias de juventude com festas e namoradas. Lembra que andava muito, 30 km, em uma bicicleta, para ir até a cidade vizinha onde freqüentava um clube.

Passava a noite inteira na farra lá em Araguari. Saia do clube umas 2h da madrugada eu sai da cidade ia pra fazenda. Chegava na fazenda 5h.

Os momentos de lazer não eram justificativas para abandonar o trabalho. Assim sendo, chegava na fazenda, tirava o leite, que era sua responsabilidade, cuidava dos porcos e depois ia para os campos de cebola e das hortaliças. Quando os pais resolveram vir para Mato Grosso, resolveu vir junto. Pouco tempo depois, não tendo se adaptado, retorna para sua terra de origem onde havia deixado uma namorada. Lá, ficou por 02 anos. O namoro terminou logo.

[...] Porque quando eu voltei, voltei porque tinha uma namorada. Voltei pra lá né? Aí cheguei lá a namorada desistiu comigo, eu fiquei lá sozinho também. Aí subi vim pro Mato Grosso onde tá meus pais. Aí voltei pra cá logo comecei a namorar com essa esposa minha, tá? E gostei muito, nunca voltei mais em Minas. (risos).

O relacionamento com a esposa é motivo de boa prosa. Conta que tão logo retornou a Mato Grosso, conheceu a “sua morena”. No início, mantiveram um relacionamento de altos e baixos. Os baixos, ele atribui a sua personalidade forte e ao seu ciúme. Conta que depois, mesmo casados, ele deixava a esposa em casa e saia pra farra. Esta situação, segundo ele, durou em torno de uns 05, 06 anos. Reflete que não era um bom marido, pois, não dava valor a esposa, mas que depois, compreendeu o que é a vida e hoje ela, a esposa, lhe é muito cara.

Briguei, sabe? Desistimo de uma vez. Eu era bravo também e tinha um ciúme danado, né. Aí a gente brigava voltava a namorar eu culpava os pais dela. Aí briguei com meu sogro, né, por causa dela. Aí voltamos a namorar. E foi uma luta sabe.

Argumenta que sua vida apesar de ter sido um tanto quanto atormentada, foi muito boa. Tendo feito tudo o que tinha oportunidade e gostado. Lembra que andou, namorou, farreou bastante, mas afirma que agora é hora de descansar.

Então hoje eu vivo por minha conta aí agora aposentei. Trabalho foi minha vida. Como pobre venci mesmo sozinho trabalhei pra um, pra outro. E a gente assim vai vivendo a vida. Muito boa. Eu adoro a minha vida.

3.4 José Balbino Vieira tem 77 anos, nascido em 31 de março de 1927. É natural do Rio de Janeiro, que conforme ele próprio relata, por ocasião de seu nascimento era o Distrito Federal. Pai de dois filhos, Isabel e Ebalbino, conta com bom-humor que hoje está solteiro. *Até agora, não tem nenhuma doida que qué, (risos). Se você souber de alguma por aí pode mandar que eu tô disponível aqui ainda.*

Personalidade com rica trajetória de vida nós presenteia com sua história. José Balbino um homem nascido na cidade grande. Trabalhador do cais. Apesar dessa origem considera-se alérgico a cidade grande. Admitindo que sempre gostou de cultivar a natureza. Até por que, mesmo conhecedor de outros grandes centros, jamais se viu seduzido por eles, como é o caso do Estado de São Paulo e do Paraná. Para ele:

Oiá eu, diretamente eu, eu tinha vontade de vim pra Mato Grosso, porque eu, eu sou alérgico à cidade. Eu quando morava no Rio de Janeiro eu trabalhava no cais né? Quando saía do cais do porto eu ia pra frente vê a vista, Corcovado. Sempre gostei da natureza. Então, quando o rio enchia em Mato Grosso eu ficava com aquela euforia. E fiquei aqui. Cheguei aqui, conheci São Paulo e Paraná. Mas é aqui Mato Grosso, eu achei um lugar, assim modo de comparar, igual o Rio. Porque um lugar simples, lugar quente. Por isso que eu tô aqui até hoje. E espero que ninguém venha pra cá, si não atrapalha né? Porque aqui é bom demais. Melhor que Guaporé.

Mas não foi seu interesse pela natureza que o trouxe para Mato Grosso. Comunista, foi protagonista no início dos anos 60 de conflitos no cais do Porto que o obrigaram a sair do Rio de Janeiro. Dessa forma sua história vai sendo reconstituída através de sua memória, com muito bom humor.

Ué, justamente que eu tô te falando. Eu tava caçando um lugar pra, pra óia porque é o seguinte, o Rio de Janeiro ele foi bom pra mim até 55. Quando Getúlio suicidou-se eu, eu era comunista esses tempos. Aí eu comecei a vê a os sindicatos, começou a ser comprado pelo estado entende. Aí eu fiquei; pra não virar marginal entende. Que eu sou violento eu, eu vim pra cá. Pra não virar marginal. Se, se não talvez já tinha morrido já. Epa! Dá licença. Não quero morrer aqui.[Rio de Janeiro].

Obrigado a sair do Rio de Janeiro, José Balbino toma o rumo do Centro Oeste. Região que nessa ocasião estava recebendo um fluxo muito grande de trabalhadores de todo país:

Como é que é Mato Grosso? Como é, como é que é Rondonópolis? Porque mata toda hora? Aí que eu falei assim, Rondonópolis é assim, você, você chega numa loja, motorista contando pra mim, mais homem lá enterrado, a gente sempre conversa. Você chega, na cidade Rondonópolis né, lá tem arma em qualquer lugar que você comprar. Arma de fogo. Qualquer arma. A que você qué adquirir. Agora chega lá em Mato Grosso, em Rondonópolis tem um revólver 38 aí pra vender? Tem. Funciona? Funciona. Aí o cara pôs bala assim, ele tava com a pessoa ele atira no cara. Aí eu peguei e esse cara não, não é pego. Então eu vou pra lá ué. Aquela hora que eu vi que era mentira. (risos). O lugar, o lugar de gente boa esse aqui. Ave Maria! Aqui é bom. Ah, Ave Maria. Ah Rio de Janeiro (risos). Óia o que eu já vi aqui, o que eu já vi aqui nesse Rondonópolis, se eu tivesse no Rio já tinha morrido já. Esse aqui é um lugar de gente frouxo. E, é mesmo! Eu falo. (risos). Por isso que eu tô aqui. Aqui não tem bravo não. Aqui tem sabe o quê? Covarde. Mas valente não tem não. Não tem nada (risos).

Quando em 1963 veio para Mato Grosso chegou com uma referência do partido. Procurar o Sr. Rosalvo, motorista de táxi e antigo morador da Vila Operaria um bairro de Rondonópolis, hoje falecido. Encontrando-o referiu-se como “membro da ala esquerda do PTB”, que era a senha para identificar-se como comunista do Partido.

José Balbino (Carioca), como è conhecido, desenvolveu em Rondonópolis diversas atividades laborais: foi saqueiro, pescador, oleiro, funcionário público e vigilante. Atualmente é aposentado, mas mesmo assim continua trabalhando de vigilante.

Filho de uma carioca, José Balbino conta não ter conhecido o pai, mas segundo conta a mãe, ele era oriundo de Laguna, em Santa Catarina- SC. Diz ter pouca lembrança da infância, mas que a mãe era empregada doméstica, trabalhava lavando roupas.

Ó, minha mãe é, é empregada doméstica. Trabalhava, lavava roupa. Agora meu pai eu não conheci. Meu pai tem o quê, minha mãe tinha, me deu um padrasto e eu com 7 anos eu não gostei de apanhar.

Aos sete anos, a mãe casou-se novamente, *presenteando-o* com um padrasto violento e alcoólatra que lhe batia constantemente.

[...] o meu pai chegava embriagado (o entrevistado demonstra intranqüilidade tamborilando com os dedos na mesa) dizia assim: “louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo”, mas chegava bêbado, eu doido pra comer, e enquanto não rezasse, ele não dava comida, não deixava comer, e eu sou pirracento.

Conta não ter gostado de apanhar. *[...] Ainda mais apanhar de homem. Sai fora!* Talvez em função das sucessivas brutalidades recebidas tenha tido uma relação familiar insatisfatória, como ele mesmo afirma e tenha se tornado um “*estranho menino*” que aprendeu a viver solitariamente. Solidão que, segundo ele, o acompanhará por toda a sua existência. O consolo foi encontrado na boemia e na política:

Olha não foi satisfatória não. Eu fui um estranho menino. Aprendi a voar sozinho. Seco. E tô satisfeito. Que estranho isso; É por isso que eu vivo só. É por isso que eu vivo só. É importante isso aí. Porque eu, eu duvido uma pessoa que é criado com a família depois que esse rapaz com 20 anos (pausa) ele se casa. Ele nunca vai ficar solteiro. Mas na época que eu precisava; Sabe onde que eu ia, eu ia... [...] E acostumei com aquela vida de boemia e não deixei rastro... Sei lá. Mas não to, não to triste por causa disso não. Não pense que eu, que eu arrependi, outros por ai esta pior do que eu. Pior.

Outra marca deixada pela infeliz infância foi necessidade de “brigar com Deus”. Afirma nunca ter acreditado de fato em Deus. Mesmo questionando o seu poder, aos 10 anos

resolveu confessar-se a um padre. Em função do que ouviu e considerou uma fala extemporânea a uma criança, denominou-o de *canalha*. Nesse sentido seu entendimento sobre a questão religiosa é marcante:

Ah porque olha; aí me arrepio... Eu acho pra mim a mente é mais do que Deus. Porque, o que é Deus? Deus é um, é o grande marco né, budista. Agora o que é o grande marco? É a natureza. Então o cara fala “graças a Deus”, é “graças a Deus” né. É o, o Deus é uma coisa. É uma coisa. O quê? Mais que o homem, só isso. Mas é lição de homem né. É mais de um homem, porque o homem é um animal né, e Deus a idéia. É uma idéia. Então, Deus tá aqui ó. E o diabo também. (risos). É. Um não vive sem o outro. (risos). E agora? Por isso que eu não tenho nada com nenhum dos dois.

Mas a sua história de violência não era apenas com seu padrasto, mas também com sua mãe que segundo ele lhe foi muito cruel. Diz não culpa-la e sim ao ambiente. Conta uma passagem em que acometido pela gula infantil, pegou algo na cozinha da mãe. Quando questionado por ela, negou o ocorrido, em conseqüência ela lhe queimou a mão.

Disse; meu filho eu vou queimá sua mão, você, você nunca mais roubá e menti. Aí ó. Foi violência foi. Até hoje eu tenho raiva de ladrão mentiroso. Valeu. Foi violência, mas valeu.

Conta esta passagem para opinar sobre a educação que é dada as crianças hoje. Para ele quase ninguém está preocupando com a educação que é dada aos filhos. Ele diz que é necessário que os pais tenham mais cuidado, tenham mais tempo com os filhos, menos displicência com o convívio familiar.

A escola hoje, a escola de hoje eu noto muito; é uma, uma coisa, uma crítica que eu faço na escola é da maneira das professoras ensinar as crianças hoje. Elas não ensinam as crianças como ela foi ensinada. Porque tem, tem professora, eu conheço aqui na cidade, que xinga o aluno de nome que o aluno não sabe. Isso não é bom pra criação. Então, a criança sai de casa em vez lê e aprender boa educação na escola agride até os pais. Os pais deveriam acompanhar melhor o estudo dos filhos, isso que eu vejo. Naquele meu tempo não era assim. No tempo que Dodô jogava no Andaraí. Não era assim não. A criança hoje está muito avançada, naquele tempo não era assim.

Esses trabalhadores negros que por diversos caminhos chegaram a Rondonópolis, participaram do seu desenvolvimento e de suas lutas sociais, revelam em suas trajetórias, experiências em comum no que diz respeito à exclusão da escola, a luta pela sobrevivência, mas vão se distinguir no entendimento que tem da dimensão e da ação política e de sua negritude.

CAPÍTULO 4

ESCOLARIZAÇÃO

Todos eles tiveram uma breve trajetória escolar. Pouco tempo de escolarização será a marca de todos esses trabalhadores negros. O contato com a escola ocorreu para todos eles por volta dos 07 aos 10 anos. Apenas José Balbino Vieira (o Carioca) afirma que concluiu o curso primário. Todos eles foram alfabetizados, e todos valorizam a passagem pela escola. Somente o José Balbino demonstrou ter continuado com sua formação intelectual revelando se um autodidata interessado em conteúdos políticos, literários e filosóficos.

Esse quadro da vida escolar e da formação intelectual desses trabalhadores fica evidenciado no registro de suas falas que expressam seus encontros e desencontros com a escola. Esses quatro trabalhadores de certo modo mostram de forma exemplar a tensão de acesso e exclusão da escola e que marcam a história da condição do negro no Brasil. Demonstrando que todos eles tiveram que abandonar a escola devido a sua condição social.

Expressada nas falas desses trabalhadores negros a exclusão da escola deixa de ser apenas um dado estatístico e se revela objetivamente nessas trajetórias de vida.

4.1 José da Silva

Afirmou que ingressou em uma escola particular, onde conta ter permanecido por 18 dias. Abandonou-a para lidar com a lavoura, cujo resultado era comercializado na feira local. No ano seguinte, retornou para mais um mês de aula e desde então, relembra, tudo o que aprendeu, aprendeu com a vida.

Eu fui para a escola tinha uns 9 a 10 anos eu já trabalhava muito. Hoje disse que não trabalha com 15, não pode. Eu morava na roça num ano eu fui para a escola particular, fiquei 18 dias. Ai tinha que voltar para moer cana e fazer farinha, pra vender na feira. No outro ano eu fiquei um mês e foi a escola que eu tive na vida, aprendi alguma coisinha por ai nas portas dos botecos na estrada né? Nos bar, nos garimpos aprendi assim, igual jogar barro na parede né? Você nunca aprende uma coisa que presta.

José da Silva reafirma que na escola nada aprendeu, diz não guardar recordações deste período referente aos amigos e professores, alegando o pouco tempo que nela permaneceu, nem mesmo o nome da escola ele consegue recordar.

Na escola eu não aprendi nada. Aprendi a ler e escrever fora da escola, na topapor ai. Não foi demorado, aprendi. Escola é muito fácil, muito fácil. A gente era que não tinha como estudar tinha que trabalhar né (?). Sabe não tenho lembrança da escola nem da professora e nem dos colegas por que eu só estudei três meses, e tem muitos anos, muitos anos.

Com um esforço de memória, consegue dizer que o espaço físico da escola era um salão com algumas cadeiras. Aos poucos vai rememorando e relata que para chegar a escola saia cedo de casa e caminhava uma média de 12 km atravessando os pastos em meio ao gado, seja debaixo de sol ou chuva:

Eu sei que eu saia cedo de casa viajava 12 kl de pé, ia pra escola, era um salão, voltava pra almoçar em casa no outro dia andava de novo, debaixo de chuva, de sol, passando no meio do gado. Isso nem um animal tinha para eu montar, um cavalo, um burro, para fazer a viagem eu não quero falar

muito sobre isto é muito nojento, triste, muito doido, eu quero procurar esquecer estas coisas, não quero lembrar não... (se emociona).

Na fala seguinte ele demonstra o quanto a educação representa para si e qual a importância que ele deu a mesma, ao demonstrar com orgulho que todos os seus filhos são escolarizados. Não consegue esconder também, a nota de fracasso por ter deixado a escola.

Dá escola eu não tenho o que contar só que era muito boa, todo mundo era simples, não tinha nada de luxo a professora era muito bacana com nós, ensinava direitinho só isso que consigo lembrar. Meus filhos, todos tem estudo, não têm nenhum burro igual ao pai. Eu parei de estudar porque tinha que ajudar meus pais, a escola era muito longe, muito longe.

O fracasso escolar, a exclusão da escola como bem sabemos, vem sendo estudado e debatido ao longo de muitos anos e por diversos autores, mas é nessa afirmação de Ceccon (1982) que expressamos a compreensão sobre o tema:

De fato, são sobretudo as crianças provenientes das camadas populares e do meio rural que fracassam na escola e são forçadas a interromper seus estudos. Evidentemente, essas crianças constituem a grande maioria da população de nosso país e são elas, justamente, as que mais precisam da escola para poder melhorar de vida. São os pais das crianças que fracassam os que mais fizeram sacrifícios para que seus filhos pudessem estudar. (...) Há poucas alternativas para os atingidos pela exclusão da escola. O destino da grande maioria é aceitar os trabalhos mais duros, de remuneração mais baixa e com maior risco de desemprego na hora da crise (CECCON, 1982, p. 30).

4.2 Fernando Souza Brito

Esta é uma realidade que o atingiu na idade de 07 anos, quando pediu a sua tia para que lhe ensinasse a ler e escrever. Lembra-se de que era a única criança da turma, depois, segundo ele, a mesma foi ampliada para algo em torno de uns 20.

Tava dentro de sete anos. É sete anos. Assim mesmo porque eu pedi pra me ensina particular. Pedi pra minha tia me ensinar também. Aí tava ensinando

de graça na escola depois começaram pagar. Pagaram primeiro quatro mil réis, depois passo a pagá oito. Aí na época que eu sai já tinha uns 20 meninos certo. Tudo pago, particular.

[...] antigamente tinha que fazer primeiro uns risquinho pra equilibra a mão né. E depois fazer a letra de lápis aí cobria com a caneta que chamava-se pena. Já ouviu falar na pena? Ela põe dentro de um vidro chamado tinteiro aí daí pintava com aquela caneta. Aí depois quando ela não prestava ela abre e fala, o baiano fala assim escarranchado né? No, no português nosso lá né? Então é isso, naquele tempo.

Avalia que ainda hoje escreve mal em razão de ter perdido um dedo direito. Apesar de não saber absolutamente nada quando entrou na escola, 90 dias depois já sabia ler, escrever e contar a tabuada.

Não foi já; quando eu entrei na escolinha que eu comecei não sabia fazer nada em casa, riscar nada assim não; tá entendendo? Nada, nada. Já entrei na escola ela já foi marcado, já pediu o caderninho e foi fazendo. O que eu sei hoje eu leio e conto com 90 dias, certo. Porque 90 dias são 3 meses. Hoje menino de ano aí não sabe o que um de 90 dias sabe; certo. Ele não lia uma tabuada de cor, ele não lia nada de cor, certo. E tinha que fechar a tabuada e lê. Contar dois e um, três. Dois e dois, quatro. Dois e três, cinco. Dois e quatro, seis. Dois e cinco, sete. Dois e seis, oito. Dois e sete nove né? Dez, noves fora, um. Noves fora nada. E tudo por diante. Quem é os moleque que hoje estuda assim.

Suas afirmações nos remetem a um entendimento positivo do que era estudado e como se estudava na época. Acredita que isso era o mais necessário, ou seja, como se pode deduzir da sua fala o necessário era aprender a ler, escrever e contar:

[...] ce tinha que dar a lição ali né? Sentava e estudava. Tem vez chegava 11 hora né? Aí eu dava aquela lição ela o que ela passava só ocê ia lê e recordar só aquelas coisa né? É recordação já não tinha né? Dentro de 3 meses não tem nem grandes coisa pro cara né? aprender. Aprende não. Ainda aquele tempo era aprende lê, escreve e contar né? Era o mais necessário.

Segundo o seu entendimento, era muito difícil um pobre se formar. Ainda que já existisse na região instituição escolar que permitiria obter uma formação. Ao se referir a condição de pobreza como o elemento que impediria a escolarização evidencia-se que sua

percepção da dificuldade que o trabalhador negro tem para obter sua formação escolar é de natureza social:

Como, como é que um pobre formava? Era difícil um pobre formar né. E tinha Ponte Nova, Lençóis tinha o Centro Educacional Afrânio Peixoto, que já tinha pra estudar até a quarta, quinta série né. Que lá não falava série era 4º ano, 1º ano, 2º ano, 3º ano né. Hoje em dia é série né. Só que o livro que eu tinha comprado era série brasileira não estudei ele quase nada tá entendendo. Só que eu estudei pouquinho, pouquinho, cartinha eu li brincando. A, a, o pequeno escolar em poucos, em 1 mês eu terminei, né. Agora dizê que eu tenho estudo grande não. Só que eu fiquei trabalhando e estudar foi só isso.

A relação com a professora é apresentada como muito boa; sendo ela uma mulher muito educada e paciente, o que não a impedia de disciplinar seus alunos com castigos e colocá-los de joelhos:

[...] era uma professora uma mulher muito boa, ela muito educada. A morena era educada demais apenas que gente uma que aquele tempo usava aquele dá bença a professora certo. Ela era muito paciente. A mulher era, parece que nasceu pra to... tomar conta de crianças. Porque não era é estúpida, não espancava menino. Ela tinha, aquele tempo usava bate, mas ela não batia em menino né. Só reclamava. Pnhava mais no castigo, ajoelhado tal, esse aí pnhava de castigo certo.

Em sua fala refere-se a ela como uma *Pretinha*. Essa sua referência a sua professora como pretinha nos indica que provavelmente sua professora era negra. O seu comentário seguinte onde ele afirma que sua professora “pretinha” era *uma excelente pessoa branca na, na qualidade viu*. Nos mostra como o preconceito está presente e arraigado. Mesmo dentre a afro-descendência que como nesse caso atribui as qualidades positivas de educadora da professora a uma pretensa condição de “pessoa branca”

Ficou pouco tempo na escola e saiu quando sua família se mudou para o sítio, onde foi lidar com porcos, carregar mandioca e fazer farinha. Isso porem não o impediu de continuar apreciando a leitura.

Tinha oi, eu tinha quatro livros minhas prima estudou bastante tinha 4ª série, tinha todos os livros [...] tinha todo tipo de livros. Tinha até o que eles falavam que um livro chamado Poligrafia, pois esse livro é um livro antigo é pra ensinar caligrafia bonitas. Quem lê-se o Poligrafia, só que eu não estudei ele, quem lê-se o Poligrafia lia qualquer letra de médico. Porque o médico ele não, não faz explicando, ele faz se o, o traço né. Vocês que é professora tem hora que tem letra de médico que embanana né? Pois justamente, pois quem lê-se um Poligrafia, lá tinha um Poligrafia né. Em casa, que era das minha prima. Agora não sei porque que adquiriram aquele livro né. Diz que era pra ensina lê, escrever. Minhas prima até sabia bastante. É lendo em casa. Sempre pegava é lendo, e tinha aquele guardado uma malinha com meus livros né. E aí eu lia sempre em casa e, tanto que eu não deixei de ler até hoje.

Sente não ter podido continuar os estudos. Após esta época, tentou retornar em um curso supletivo, mas, logo desistiu porque tinha que se dedicar ao trabalho.

É, mas só que eu não estudava com as minhas prima em casa não. Eu não obedecia as prima pra estudar em casa, porque todo ali era embolado. Já a professora era educada não dano. Eu não tive dano na escola com a professora não. Mas, é como diz o outro, mas o criador que ele teve não queria que ele soubesse lê. Queria que fosse bom pra trabalhar, certo. É por isso que eu vivo na minha luta. Ah não era bom porque lá era, era escola supletiva, mas aí foram pagá de dia. Mas quem pagava era o Armando Pereira né, mas também saimo logo de novo também. Aí fechou aquela escola do lado que eu estudava chamado baixiu né. Era o uma região de garimpo é, tinha assim uns moradores que era do garimpo de José Sena. Aí eu não fui mais em aula não. Eu fui trabalhar, lê romance essas coisa. Assisti muito o cinema né. Vê aqueles cartaz a gente era apaixonado por filme né. Aquele tempo de Charles Chaplin, Durango Kid né. Isso aí eu era muito de cinema; chorei; eu fui muito em cinema né. Aquilo faz o cara ficar mais civilizado né. Quem era garimpeiro só andava bem vestido, era bem arrumado. Hoje é que nem um porco né sai de qualquer jeito. A patroa ali não gosta que vai lá na casa dela desse jeito não. Tem que arrumar roupa de local pra ir né. São dotô. Eu sou um cara que até que pra muita gente pensa não sabe como eu fui criado ela tem que ter muita moral. É diferente.

Ainda assim, ele relata, que a sua intuição de homem civilizado permitiu que apreciasse um bom romance e a gostar de cinema – uma arte que se considera apaixonado e que permite ao homem ser mais civilizado. Nunca leu livros de formação política, mas lia, qualquer coisa que lhe caísse nas mãos, livros, revistas. Conta que parava a draga, quando estava nos garimpos, e lia por horas, depois pegava outro livro e reiniciava a leitura:

Nunca mais pude voltar na aula, mas sempre eu estudava em casa romance tal. Eu fiquei um pouco assim desenvolvido, fui trabalhar com a família fazendo mandado. Aí eu peguei mais o intuito de se um cara assim civilizado. E assim eu andando, mas isso eu bem compreendi. Então cê pode um cara assim civilizado por se pobre, não ter estudo, mas civilizado. Se você lá chega onde eu estou. Que deseja? A doutora não está? Não. Quem é você? Quem é a senhorita? Não é? Então é o seguinte, que eu sô um cara que eu não sei nem entender o que é que eu sou. Eu sou muito educado ou mal educado né? Tá entendendo. (risos).

4.3 Sebastião do Nascimento

Seu ingresso na escola aconteceu um pouco tarde, aspecto comum entre os sujeitos deste estudo como ele nós diz: *me lembro eu tinha 09 anos quando fui pra escola não falava escola falava Grupo Escolar chamava Santa Lurdes, na cidade de Piratãiba.*

Sobre o Grupo Escolar, rememora que ele era um salão grande, sem paredes, alto, cheio de carteiras. Era um espaço com corredores limpos, a sala continha sempre um pano de limpeza que ficava a frente. O quadro negro ficava distante, o que obrigava alguns alunos se levantarem, irem até a frente para enxergarem melhor. A disposição das carteiras obedecia à separação entre meninos e meninas, que somavam ao todo uma média de 25 a 30 alunos por turno.

A escola era um grupo ne... Grupo Escolar que chamava na época. Tinha um grupão, assim sabe salão grande sabe, bem alto cheio de carteira tinha carteira prum lado pro outro. Corredor sempre bem limpinho. E o paninho sempre ficava lá na frente. E tinha o quadro, o quadro negro né, passava a tarefa assim no quadro assim a gente lá do canto no, no fundo do colégio tinha que olhar e copiar direitinho o ditado. Por isso que eu falo que eu gosto sempre de ditado. O ditado era melhor daquela, aquela letra bem visível né, lá do fundo do colégio do salão tinha que enxergava bem e passava no caderno aquele ditado né. Mas quando você não, não entendia precisa dirigi um pouquinho do lado do quadro. Sempre procurava não atrapalhar ninguém ia lá perto do quadro lia a palavra e voltava passava pro caderno. Direitinho. As carteiras era separada entre meninos e meninas né era assim de 25, 30 aluno. Era assim a gente estudava e tinha aquela alegria né. A gente brincava muito. Era uma vida boa. Eu gostava muito da

aula. Muito mesmo. Tinha umas colega de aula. A gente tinha, tinha muito colega também né, homem. A gente ia pra aula aquela turma assim, voltava aquela turma brincando pela rua afora. Eu adorava. Adorava mesmo. Muito bom.

Para chegar a escola, ele e os irmãos costumavam andar cerca de 06,10 km a pé diariamente. Outra dificuldade relatada estava na forma de conciliar os estudos com o trabalho, além do que, com pais analfabetos, havia a dificuldade do acompanhamento dos estudos em casa.

A gente naquele tempo a gente trabalhava muito [...] Então você não tinha assim aquela mentalidade só de uma coisa entendeu. Você tinha que estudá chegá pra ir pra aula 7 hora manhã, chegava em casa 11 hora almoçava ai pro serviço ou então foi muito difícil da gente aprender lê por causa do serviço né. Porque ficava as vezes estudando mais pensando no serviço lá que era puxado trabalhava na roça é muito difícil. Aí aprender eu vô te falá, foi muito difícil. Porque não tinha, assim aquela mentalidade só numa coisa, só no estudo. Então a gente tem, tem muitos que aprendem. Eu tinha professores, tinha pouca coisa ela era muito rígido, bravo com a gente sabe, porque tem o castigo sabe. Tem negô que é assim se tiver castigo, tiver uma taca de palmatória né lembra como que era batia mesmo que a mão chegava a inchar né. Então tinha medo demais da conta. Tinha que aprender mesmo. Aí aprendi, mas foi, não foi fácil não.

Conta que a disciplina que mais se identificava era o português, sendo muito bom em ditados. Já as disciplinas de matemática e ciências não o agradavam muito: *Eu gostava mais era de português. Português, era bom em português. Não em Matemática, ciência, gostava muito de português ditado. Era bom de Ditado.*

Sua relação com a professora não era das melhores, uma vez que ela era muito brava. Conta que sempre que a via chegava a tremer de medo.

A professora era brava mesmo sabe, eu chegava de ir na, na aula assim quando eu entrava no salão de aula que eu via a professora, eu tremia de medo, porque era brava mesmo. Aí eu ficava com medo, então era umas carteira até aqui. Porque tinha o lugar de pô os caderno em cima assim o lugar de pô o lápis né. Então eu toda vida fui levado na, na aula. Não gosto quando eu tava sentado sempre quietinho assim na carteira foi uma menina sai eu não gostava de sentá mais menino homem. (risos). Mas era, era ruim. Professora era brava demais da conta so. Não gosto quando eu tava sentado

sempre quietinho assim na carteira foi uma menina sai eu não gostava de sentá mais menino homem.(risos). Mas era, era ruim. Professora era brava demais da conta sô.

Já com os colegas, relata que a relação era muito boa. Durante o recreio, interagiu com seus colegas, jogando partidas de futebol, esporte que gostava muito.

Combinava demais dá conta, tinha um recrezinho, recreio de meia hora né. Então ela partia o time de futebol né. Eu adorava jogar bola. Também era pouco tempo, meia hora só né. E a professora quando tocava o apito tinha que entrar pra aula mesmo sabe. Não podia atrasar né!

Aos 13 anos, por conta de um incidente envolvendo a professora, Sebastião, que já contava com um histórico de repetência, resolveu abandonar os estudos quando cursava o então 3º ano da época. Não adiantou a insistência da mãe. Após um período tentando enganar a de que continuava estudando, resolveu contar a verdade e assumir que havia abandonado a escola.

Porque eu tava jogando bola lá na, na, na rua e minha professora passou assim ao lado de mim sabe, menino chutô uma bola e pegou rosto dela né. Menino né. Aí eu fiquei com medo dela pô de castigo, quando cheguei em casa falei mãe eu não vou mais na escola não, porque a Dona Lurdes vai me pô de castigo. Minha mãe, você vai. Pra que você fez isso com ela? Você vai. E eu saía pra aula, daqui de casa pra aula pra ir pra aula eu não chegava no Grupo não entrava de medo dela. Eu ficava na rua até a aula acabá, depois chegava em casa eu mesmo passava tarefa pra mim, fazia em casa. Não eu mentia pra mim mesmo né. Aí eu cheguei mamãe eu não vô mais estudá; eu tinha 3º ano naquele tempo, era 3º ano. Aí a mãe procurou o pai ele vivia pra roça não acompanhava a gente né. Aí não voltei mais na aula de medo da professora. Agora não volto mais (risos).

4.4 José Balbino

Foi à escola pela primeira vez aos 08 anos de idade, em 1935, no Grupo Escolar Machado de Assis. Depois se transferiu para a escola Santa Catarina em Santa Teresa, região

do Rio de Janeiro da qual se orgulha por ter morado. Lá concluiu o curso primário. Dentre os entrevistados ele foi o único a concluir esse nível de formação. É provável que isto ocorreu pelo fato dele ter estudado em uma escola urbana localizada no então Distrito Federal onde as oportunidades de escolarização eram maiores. Recorde-se também que a rede municipal do Distrito Federal nesse período era das mais bem organizadas do país. Sua escola pública possuía os melhores e mais competentes quadros de docentes e era referência para todo Brasil.

Ainda hoje se lembra da primeira professora chamada Evinha, que o acompanhava nas tarefas escolares e que para ele era muito bonita. Recorda-se também do professor Odair da Ponte Negra, que o instigava nos estudos de história e geografia, seus prediletos.

Eu fui na escola pela primeira vez com oito anos em 1935, eu tinha qué vê; a minha, a minha professora primeira chamava-se Evinha. A gente não esquece né. Mas a pessoa que mais que ficou na memória foi Odair da Ponte Negra. E ela falava assim qué vê, “qual e a capital do Alasca?” José Balbino não fala. E eu, eu sou cobra em geografia até hoje. Viu julgou né. (risos). É, geografia, história é o meu hobby até hoje. Creio que eu copiei 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano, a minha nota que me valia era história e geografia. Porque sô ruim de matemática. Agora História e Geografia não. Sempre fui bom. O meu hobby é esse História.

Considera ter sido um aluno indisciplinado para os padrões da época, tendo aprontado diversas travessuras, sendo que uma delas lhe rendeu uma puxada de orelhas e uma surra da professora, Dona Isa.

E num dia eu; a menina foi sentar, óia eu tinha uns 10 anos e eu tirei acho que a cadeira. Ela quase quebrou a espinha. Aí a, a minha professora puxou minha orelha me bateu, Dona Isa Eu, eu era, era o cão. Aí mandou, aí mandou; puxou minha orelha, me bateu. Nunca tinha apanhado. Aí falou assim “você vai levá esse bilhete pra sua casa, onde você mora e só vem aqui com a pessoa, seu, seu responsável não quero bater em você mais”. O quê que eu fiz. [...]

José Balbino passou então a ausentar-se das aulas, preferindo freqüentar a praia do Flamengo. Isso durou até seu padrinho descobrir a atitude do fujão e lhe repreender.

Ali nos arcos, em cima dos arcos. Ali é o Rio de Janeiro. Agora é ali não me lembro o nome a escola minha Magalhães de Santa Catarina Magalhães no Rio de Janeiro, lá no, no corcovado é aquele bondinho. Em vez, de eu ir, eu ir pra escola eu ia pra praia do Flamengo todo dia. Pra pegá vento. Aí um dia meu padrinho falou pra mim assim “o José você não tá indo na escola não?” Eu, eu não podia mentir se não ele batia. Vê que eu não tô mentindo ele batia. Ele falô assim “óia eu não te bato”. Eu falei “não senhor”. Aí que eu fui. Então você vai hoje. Vai hoje, eu não vou te castigar não.

E ele foi. Lá chegando, foi recebido por um abraço carinhoso da professora e um sincero pedido de perdão. O fato transformou não apenas a professora, mas também os demais alunos. Quem saiu verdadeiramente marcado deste processo, entretanto, foi o próprio José Balbino, que ainda hoje se recorda do processo de amadurecimento que o fato lhe possibilitou.

Aí cheguei lá ela me abraçou. Me abraçou. Aí me abraçou e falou eu não sabia que você era carente, rejeitado. Você me perdoa. No duro mesmo. Óia eu mudei, eu mudei tanto que eu adulava ela. Pra você vê como que a gente é carente, criança é passiva fácil de ser conquistada né, afeto. E isso aí até hoje eu sinto de coração sabe. Depois não, não é não, não é, não é, não é, não é assim com segundas intenções, amor. Amor de assim. Amor mesmo, mas filial. Não é nada. Tem hoje nada. Inté hoje tinha amor também, nada disso. É a maneira que ela me tratava. Minha professora falou de hoje em diante ela falou assim “José Balbino é um rejeitado, então eu quero que vocês no dia de hoje todos tratem ele bem, acabou. Foi uma festa pra mim. Quando eu sai do colégio, da escola eu chorei entende. A recordação que eu tenho é essa da minha professora. Até hoje eu não esqueço.

Com serenidade, analisa que o fato de não ter dado prosseguimento aos estudos se deveu ao fato de não possuir condições financeiras para tal. Novamente se evidenciara aqui o caráter social e econômico do processo de exclusão escolar que foram submetidos estes trabalhadores negros. Ainda que as condições oferecidas para a escolarização fossem mais favoráveis ainda assim a condição social e econômica impediu que isso ocorresse. Outro aspecto que possibilitaria o prosseguimento dos estudos, segundo ele, seria o acesso aos padres. O que não era o seu caso. Como nos mostra na sua fala:

Eu terminei o curso lá. E eu queria continuar e tinha que fazer admissão pra entra no, ginásio. Agora meu padrinho que era sacristão de igreja ele ia arrumar pra mim, pra, pra estudar no Colégio Salesiano Santa Rosa. Colégio de padre. Eu não fui. Aí fiquei aí só no primário. Eu era idiota. Igual outros iguais a mim, perdi a oportunidade deixei passar.

Carioca analisa a escola de ontem e de hoje com o olhar de um conhecedor. Posiciona-se contra a privatização do ensino, uma vez que este caminho “(...) *freia, muitos talentos são freados*”. Alega que no passado a escola não possuía condições físicas adequadas, mas, em contrapartida ela era menos violenta, mais humana. Atualmente, critica, os professores não se preocupam muito com as suas práticas pedagógicas, sem contar que a violência está presente no cotidiano de professores e alunos.

Olha era uma escola; não tinha assim a, o conforto é, assim técnico que nós temos hoje. Era mais primitivo. Mas é gostoso aquele tempo. Ela, ela a criança, o jovem era mais, era menos violento, era menos do que é hoje né. Era mais criança. Era mais humano. A escola hoje, a escola de hoje eu noto muito; é uma, uma coisa, uma crítica que eu faço na escola é da maneira das professoras ensinar as crianças hoje. Elas não ensinam as crianças como ela foi ensinada. Porque tem, tem professora, eu conheço aqui na sala do mundo, que ela, ela xinga o aluno de nome que o aluno não sabe. Isso não é bom pra criação. Então, a criança sai de casa em vez lê e aprender boa educação na escola agride até os pais. Isso que eu vejo. Naquele meu tempo não era assim.

A preocupação com a escola, demonstrada por Carioca também tem sido motivos de estudos de vários educadores brasileiros. Paro (1997), ao discutir um objetivo político para a escola pública e o seu fracasso vai afirmar:

A primeira questão a ser enfrentada no exame da situação de calamidade em que se encontra a escola pública fundamental parece referir-se precisamente a sua própria função social, ou melhor, a uma função social que se lhe possa atribuir para cumprir adequadamente um papel consistente de socialização da cultura e ao mesmo tempo de contribuição (por modesta que seja) para a democratização da sociedade [...] A escola hoje, a escola de hoje eu noto muito; é uma, uma coisa, uma crítica que eu faço na escola é da maneira das professoras ensinar as crianças hoje. Elas não ensinam as crianças como ela foi ensinada. Porque tem, tem professora, eu conheço aqui na sala do mundo, que ela, ela xinga o aluno de nome que o aluno não sabe. Isso não é bom pra criação. Então, a criança sai de casa em vez lê e aprender boa educação na escola agride até os pais. Isso que eu vejo. Naquele meu tempo não era assim. No tempo que Dodô jogava no Andaraí. Não era assim não. (risos). A criança hoje está muito avançada, naquele tempo não era assim (PARO, 1999, p. 84).

Sobre o sistema de conta para negros, sistema propondo como se sabe que criaria um percentual de vagas nas universidades só para negros José Balbino tinha conhecimento da discussão e têm posição clara sobre a questão. Ao contrário dos três primeiros entrevistados, José, Sebastião e Fernando, que desconheciam a discussão sobre *Cotas* e disseram que isso é bobagem que todos somos iguais, José Balbino se posicionou disse o seguinte sobre cotas:

Cotas isso é besteira todos são capaz de conseguir estudar a questão não é o preconceito a questão é de classe. A cota não vai resolver a desigualdade já existente. Por isso eu digo a questão é de classe entende.

Revelando sua posição política fundada em uma visão teórica que dá centralidade a dimensão de classe para explicar todo esse processo de exclusão a que foram submetidos enquanto crianças negras das classes populares que tiveram interrompidas suas trajetórias de escolarização.

CAPÍTULO 5

EDUCAÇÃO POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO

O fato de não terem sido escolarizados, não impediu que todos eles adquirissem uma educação política. O destaque sendo José Balbino Vieira que pela sua vinculação com o Partido Comunista demonstra um entendimento que valoriza a participação e a ação política. Sua visão política, como se verá, foi sendo elaborada dentro da tradição comunista de educação política em que os estudos das questões sociais, econômicas e filosóficas, por parte de seus militantes são muito valorizados. Os outros três sujeitos pertencem a uma outra tradição, mais conservadora, que vê com desconfiança a ação e a participação política. Nem por isso deixaram de ter uma participação ativa no movimento social e na luta política.

5.1 José da Silva

Analisa a relação dos homens com o poder e a relaciona aos políticos, numa visão pouco positiva e conservadora da ação política. Sua percepção de como os políticos são e o que eles fazem pelo poder, mostra sua desconfiança com o fazer política:

A política é um coisa triste o político ele não tem amigo não pode confiar em ninguém isso é ruim demais fia”. Olha eu nunca participei de nenhum partido, nunca me filiei. Eu nunca tive tempo, corretor não tem tempo fia bem que eu queria mais, quando ocê num ta correndo pra lá, está esperando uma pessoa, uma hora ta pro mato ou ta mostrando uma terra, não tem tempo, quando cria tempo já ta velho não pode nem andar, nunca participei dos movimentos por falta de tempo.

Apesar desse entendimento revela que participou de atividades política, usando como exemplo uma campanha para vereador que segundo ele foi muito fácil. Isto ocorreu ainda quando morava em Minas Gerais, em que se dedicou à eleição de um amigo que se candidatou e foi eleito a vereador e posteriormente eleito a presidente da câmara municipal.

Olha vou te contar uma coisa, mas só foi uma vez, eu nunca tive interesse de ser político, eu não sei porque, mas nunca quis. Sabe eu acho que política é muito difícil. Ajudar eu já ajudei um candidato lá em Minas, uma vez para vereador, ele disse para mim eu vou lagar disso que não vou eleito, não eu sou muito rui pro povo, eu falei não, eu sou bom eu vou te apoiar se você não ganhar eu pago as despesas. Ganhou foi até presidente da câmara, ele ficou admirado e falou: mas o povo é besta mesmo como que eu sou do jeito que eu sou, e o sujeito ainda votou em mim, digo não mode oce não, mode eu, mas não era não, ele tinha as ruidade dele mas tinha também as bondades, o cara era gozador mesmo.

Para quem diz não dominar o assunto, José da Silva, guarda em sua memória lembranças de uma época em que freqüentava comícios para “*ver as mocinhas bonitas*” e, ainda que negue, do tempo em que se dedicava a ouvir o que era dito pelos então candidatos da época; caso contrário, ele não afirmaria com tanta ênfase que as promessas ali feitas tratavam-se apenas de mentiras:

Eu ia nos comícios lá de vez em quando, quando tinha algum amigo um conhecido que ia sozinho ai eu ia com ele, nem ligava com o que tava falando, eu sei que só bobagem e mentira.

O fato de não ter sido filiado a partidos políticos não o isenta, tal qual pensa, de um envolvimento com as questões políticas. Já de sua chegada a Rondonópolis, suas lembranças estão marcadas pelas perseguições que ali ocorriam em consequência da ditadura militar:

Que eu me lembro que prendeu um bocado lá e quando eu cheguei aqui tinha prendido o Bezerra, tinha prendido o Rosalvo, (Militante Comunista de Rondonópolis) tava atrás dos mandioca (uma família tradicional de Rondonópolis) pra prender, já tinha largado de mão, mas corriero atrás dos mandioca bem corrido, por isso que eu marquei 64.

Em suas falas, atribui ao mundo da política uma série de dificuldades e a sua capacidade de lidar com elas. Deixa transparecer nas entrelinhas, por mais absurdo que considere, que em algum momento de sua vida a idéia de dedicar-se à política não foi tão absurda assim, uma vez que reflete sobre apoios que tenha dado ou possíveis apoios que pudesse ter.

[...] mas só foi uma vez só, foi só uma depois não quis mais, não vou apoiar ninguém, não quero o apoio de ninguém para mim não serve política não (pausa). Eu ajudei eleger esse meu amigo porque era fácil demais, todo mundo da região era meus conhecidos e acreditava muito no que eu falava, política é mais ou menos isso se a gente ganha confiança (pausa) a gente elege qualquer pessoa.

Apesar de negar a importância da participação política contraditoriamente este trabalhador negro acaba tendo uma atuação política que embora não esteja ligada a uma organização, como partido ou sindicato, se aproxima dos interesses político das elites locais.

5.2 Fernando de Souza Brito

Não se considera um homem apaixonado por política. Apesar disso, nos relatou, que sempre participou de comícios, carreatas e passeatas, diz que ia pela farra e pelo movimento, junto com os amigos, depois passou a ir com a família. Afirma não ter deixado de votar um único ano, ainda que por obrigação, pois segundo ele o título de eleitor é um dos documentos exigidos em quase todos os locais:

Não participava assim, nós ia assisti, participar dos comício né. Assisti, nós ia de Patagonha pra Jucimeira. Nós ia pra Jaciara, naqueles caminhão cheio de bastante gente. Aquele trem até parecia água. Agora hoje em dia eu não ligo pra causa da política é ainda não, não tinha casado. E é por causa farra, porque cê fala o cara novo, o cara novo não quer saber de nada. Agora no dia da eleição que eu voto desde da Bahia. Nunca fiquei uma eleição sem votar. Não, todas, porque sempre preciso do documento do título né. Agora esses dia mesmo na Caixa Econômica me exigiram o título pra revalidar o, o CIC né. Senão não revalidava. Tive lá e tive que vim pegar o, o título certo. Aí foi que eu não consegui; aí não aceitava revalidar o título.

Antes de chegar a Mato Grosso, revelou que votava sempre com a UDN. É bom lembrar que esse Partido que durante sua existência expressou os interesses da pequena burguesia urbana. Nunca possuiu filiação partidária. Diz que suas únicas carteirinhas, segundo ele, são do INSS e do SESI. Nem mesmo o sindicato chegou a pagar ou associar-se. Diz que seu voto é consciente e que escolhe seus candidatos pensando nos progressos que o mesmo pode representar para a cidade. Sabe que um político pode ser eleito e reeleito, mas se não for um bom político vai chegar o momento em que o povo vai rejeitá-lo:

Não. Isso eu não vou menti não, não tinha, não vo... Se tinha assim quando era Oswaldo Pereira o seu Fernando vota pra nós esse cara aqui assim. Um cara novo. Então não é um; não explicava. Isso é sobre isso, a favor disso e disso. Aí eu que eu votava naquele lado quando eu votava no UDN antigamente né. Agora quando chegou aqui em Mato Grosso nao teve não. É o que a cabeça pede lá. Agora na Bahia não, já acompanhei a UDN muito tempo. Era udenista né. Depois eu falei, ah isso não tá me dando grandes coisa. Sai fora né. Ai chego pra votar os outros fala pra votar numa candidata vereadora, seu Fernando eu conto com o seu voto. Eu gosto de você demais, você é um senhor bacana e tal. Aí eu faço; dou o voto cê entendeu. Mas também quero saber o que a pessoa vai fazer se merece o meu apoio, né. Eu não me vendo. Eu voto na pessoa que vai trazer recurso pra nós.

Para ele, uma pessoa que se dedica a ser político, deve estar preocupada com o bem estar da cidade, do bairro em que mora. Diz ter consciência disso, mas, não ter a pretensão de entrar na vida política:

Ah sim, de um eu sei o que é política o que, pelo comum. Se a pessoa que dedica ser um homem político, ele tem que apoiar um político pra, pra saber qual que faz o bem-estar da cidade pelo bairro que ele mora, não são issos. Então é isso aí, a gente também entende só que a gente não entra. E depois eu sou pobre não tenho dinheiro pra gastar né. Tô fraco. Aí eu vou perturbar o lar desse ignorante assim, é mas o quê que você vai me dar. Hoje diz que não pode mais dá nada, porque si não é processado não é. Mas mesmo com um, pelo comum tem pessoas que, que tem alguém deles que eles ajuda, da as coisas em troca do voto você pode vê que tem alguém que arruma alguma coisinha. Ah qué dizer que esse fulano quer ser um político não tem nem o couro pra morrer em cima. Não fala não? As pessoas pensam que pra ser político tem que se rico. Por isso as coisas ficam do jeito que ta, mas você pode vê pobre não vota pra pobre né.

Ele argumenta que mesmo a lei eleitoral impedindo a compra de votos, ainda assim, muitos políticos ainda agem desta forma e a maioria das pessoas está condicionada a pedir e esperar alguma coisa em troca do voto. Afirma que uma pessoa consciente não faz certas coisas, ao passo que a pessoa que não tem consciência não assume responsabilidades, não trabalha tanto.

Eu acho que a pessoa que não é consciente ele faz danos né. E a pessoa consciente não. Porque a pessoa que não é consciente ele não, ele não tem não, ele não assume a responsabilidade. Eles toma um cargo seu de uma [...] Pessoa acho que não é consciente, consciente ele é um, uma abelha sem morada é igual uma um pássaro sem ninho.

Como sempre trabalhou muito, ele alega não ter tido tempo de participar dos movimentos sociais. Sabe que no bairro onde morava havia uma associação, mas não participou dela. A igreja frequentou muito pouco. Quando estava na Bahia ia regularmente a missa e procissão; quando chegou aqui a sua periodicidade foi diminuindo.

Não, não tinha jeito nós saia pras firma filha, pras firma saia aí era; eu na minha casa eu era hóspede, era hóspede. Cê vê olha eu fui pra trabalhar na Primavera do Leste eu trabalhei na . Brasil Central já 3 vezes, certo. Chega nos domingo em casa, chega morto de cansado né, cheguei em casa. Lá se tem que tratar da obrigação da família né.. Olha eu não participava da associação porque não dava tempo tinha que trabalhar, quando tava na Bahia eu ia na Igreja, mas depois não deu mais. Porque o homem desempregado é um homem fraco né.

Suas dificuldades são típicas de um trabalhador cuja ação política não se deu em organizações como sindicatos e partidos políticos. Sua educação política o leva a repetir formulações de caráter conservador e que estão presentes naquilo que o senso comum costuma afirmar sobre participação e ação política. Nesse sentido pode se perceber, tanto em sua trajetória quanto no registro de suas memórias, manifestações de uma consciência política que apresenta breves momentos de uma visão crítica e outros em que demonstra uma visão ingênua do significado da participação e da ação política.

5.3 Sebastião do Nascimento

Trabalhador rural se recorda que foi a vida sofrida que não lhe possibilitou uma maior inserção e participação política. Apesar dessa sua afirmação sua trajetória nos revela um lento, mas persistente movimento de crescimento e conscientização política. Sua vida como trabalhador rural nas fazendas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, vai lhe proporcionar uma educação política que o leva a uma consciência da injustiça e da exploração. A morte de sua filhinha com meningite, que morreu, em seus braços, quando tentava recorrer a uma benzedeira, foi um momento dramático nesse seu processo de conscientização:

Muita dificuldade mesmo. Eu que sai sabe pra levar a menina na benzedeira a menina tava com meningite na cabeça. Aí eu sai fui levar a menina na benzedeira e no caminho a menina morre nos meus braços, que tristeza. Aí eu tinha uma caixa de fósforo eu fui e risquei um fósforo pus na mãozinha dela eu fiz de vela não tinha outra. Ela morreu nos meu braço. Olho pra trás e tanta morte lá em casa, Nossa Senhora. Passemo dificuldade demais. Muita dificuldade vixe! Tem que ter fé em Deus. Mas também tinha tempo que a gente não orava, não rezava sabe Rosa a gente deitava na cama igual peda e levantava sem pedi, sem sabe o que né. Era difícil demais. Foi o tempo quando eu conheci a Deus mesmo assim. Foi que a vida melhorou pra nós. Graças a Deus agradeço muito. Até o sofrimento que eu passei agradeço a Deus, porque eu fui, né; Eu realmente não esperava que ia passa por aquilo.

Eu e essa mulher Sofremô muito. Graça à Deus vencemô. Criemô os filho né tudo bem, bem amparado, bem empregado, fez muito bem o serviço patrão gosta demais dele. E graças à Deus é isso aí. Não gosto nem de lembrar. Nossa senhora.

Com o tempo considera, que apesar de tudo sua vida foi melhorando. Recorda-se que um dos seus últimos trabalhos como trabalhador rural foi quando esteve em uma fazenda no Distrito de Galiléia no Município de Rondonópolis. Foram anos neste ritmo. Contraditoriamente suas lembranças e sua relação com os seus patrões nos são mostradas de forma positiva:

Então lá eles me aposentaram hoje eu recebo aposentadoria mais ou menos 2 salário e pouco, 2 salário e meio. E faço um serviço ali, aqui e tudo bem né. Mas trabalhar mesmo trabalhei aqui em Mato Grosso trabalhei em 3 fazenda, porque não era gente de trabáia na fazenda ficava lá 1 mês, 2 não. Sempre que ficava na fazenda, ficava era 4, 5 ano pra frente. Eu me dava bem com o patrão, patrão gostava demais do meu serviço né. Aí foi continuando né mexendo agora mesmo eu pedi conta pra saí. Quando eu saí ele sentiu demais da conta, pediu pra não saí, mas eu tava já cansado de trabalhá né. Muito cansado. Aí pedi a conta e saí ele pago meu tempo direitinho que é muito bom. Me aposentou, ainda ontem me convidou pra ir, ir jantar lá no shopping. Fomos lá no shopping me tratou muito bem me apresentou pra bastante amigo dele. E eu fiquei muito feliz graças a Deus muito feliz.

Nada das dificuldades relatadas, parece tirar a alegria demonstrada por Sebastião. Nem mesmo os momentos mais difíceis.

Emociona-se ao relatar que perdeu duas crianças vítimas do sarampo. Na época, o bairro em que morava localizava-se distante dos centros de atendimento. Sua condição econômica era a pior possível. A esposa lavava roupas para os outros e ele encontrava-se sem serviço fixo.

Nóis morava num lugar muito deserto. Muito longe de tudo. Mais muito longe mesmo. Aí eu; nossa eu vivi uma vida difícil mesmo. Uma pobreza que você precisa vê a quantidade. Essa mulher minha lavava roupa pros outro. Eu trabalhava pro outro, na enxada ganhando por dia, não dava pra nada. Eu tinha 3 filho, quando é fé o sarampo entrou dentro da minha casa foi uma derrota.

Sem atendimento público, conta que se deslocaram, então, da fazenda para a cidade de Jataí, no Estado de Goiás, onde morava seu patrão, para a realização do tratamento. No caminho, uma das crianças veio a falecer.

Eu quando eu morava na frente do Zé Tobia ali no Birro sabe. Eu tive uma vida muito difícil, mas muito difícil. Chegou um ponto até que eu perdi 2 criança à mingua. Que eles nasceram, depois veio aquele sarampo forte nós não entendia de nada. Nós morava num lugar muito deserto. Muito longe de tudo. Mais muito longe mesmo. Aí eu; nós tinha; nossa eu vivi uma vida difícil mesmo. Uma pobreza que você precisa vê a quantidade. Essa mulher minha lavava roupa pros outro. Eu trabalhava pro outro, na enxada ganhando por dia, não dava pra nada. Eu tinha 3 filho, quando é fé o sarampo entrou dentro da minha casa foi uma derrota. Nossa! pegou minhas crianças todinho. A gente saiu pra trata de um lá em Jataí meu patrão morava lá sabe em Jataí. Aí chegou no meio do caminho morreu uma criança. Dentro do ônibus. No caminho pro recurso. Aí ela teve que paga um táxi lá de Alto Araguaí pra trazer, pra fazenda. Chegou na fazenda eu não tinha como pagar esse táxi. Ai que fazer não tinha como pagar. Aí peguei uma máquina costura dela entreguei pro, pro rapaz pra pagar conta sabe.

A outra criança, que também foi acometida pelo sarampo só foi salva pela persistência do pai e pela solidariedade de uma desconhecida.

E tinha ficado mais outra doente. Aí o Carlos eu peguei um dinheiro emprestado no outro dia peguei e embarquei pra Jataí com Ivanil sabe. No caminho e eu não tinha o dinheiro pra, pra paga a passagem. A passagem tinha subido eu não sabia né. Porque pra mim a passagem era o mesmo preço, não tinha como pagar a passagem eu já tava dentro do ônibus, o motorista queria que eu descesse porque não tinha o dinheiro completo. Aí o motorista parou queria me por pra fora do ônibus sabe. Com menino doente. Ai eu fiquei brabo demais. Me deu uma raiva. Daqui eu não saio. Eu não vou descer tô com menino doente aqui. E você fracote, você não é homem pra mim tirá. E daqui eu não saio. Você pode tocar esse ônibus. Lá em Jataí pede dinheiro pro patrão te paga. Não quero receber agora eu sou o responsável, então faz desce do ônibus. Aí eu achei mal né não descí. E tinha uma mulher assim ao meu lado na poltrona assim perguntou, quanto é que falta pra passagem dele. Aí era um tal de trocatilo sabe. Ele falou falta tanto, ela pegou o dinheiro e pagou a, a passagem minha. Foi que eu acabei de chegar sabe. E se eu não chego aquele dia ele tinha perdido o ele porque tava com sarampo. Já tava atacando o pulmão dele. Se eu não chego aquele dia em Jataí tinha perdido.

Aí depois Olice, teve outro menino lá na fazenda. Muita dificuldade mesmo. Eu que sai sabe pra levar a menina na benzedeira a menina tava com meningite na cabeça. Aí eu sai fui levar a menina na benzedeira e no

caminho a menina morre nos meus braços, que tristeza. Aí eu tinha uma caixa de fósforo eu fui e risquei um fósforo pus na mãozinha dela eu fiz de vela não tinha outra. Ela morreu nos meus braços. Olho pra trás e tanta morte lá em casa, Nossa Senhora. Passemos dificuldade demais. Muita dificuldade vive! Tem que ter fé em Deus. Mas também tinha tempo que a gente não orava, não rezava sabe Rosa a gente deitava na cama igual peda e levantava sem pedi, sem sabe o que né. Era difícil demais. Foi o tempo quando eu conheci a Deus mesmo assim. Foi que a vida melhorou pra nós. Graças a Deus agradeço muito. Até o sofrimento que eu passei agradeço a Deus, porque eu fui, né; Eu realmente não esperava que ia passar por aquilo. Eu e essa mulher Sofremô muito. Graça à Deus vencemô. Criemô os filhos né tudo bem, bem amparado, bem empregado, fez muito bem o serviço patrão gosta demais dele. E graças à Deus é isso aí. Não gosto nem de lembrar. Nossa senhora.

Estes momentos de resgates de sua memória o leva refletir sobre as dificuldades encontradas e a fé que deposita em Deus. Segundo ele, houve épocas em que deixava de orar, de pedir graças. Assegura com firmeza: *Tem que ter fé em Deus!*. Diz que a vida só melhorou depois que compreendeu isso. Até então, reforça, ele e sua esposa sofreram muito.

Hoje, avalia, considera que venceu na vida. Criou os filhos, que estão bem amparados, bem empregados. Todos eles possuem suas casas próprias, alguns residem em outros municípios.

Meus filhos todo mundo adora que é o Carlos e o De e as minhas meninas. Quem morava lá comigo era a Claudinha também não morava sozinho. Todo; nós vendemos lá na vila Mamed. A Claudinha fez uma casinha no fundo ali no lote ali né. Aí eu falei vou comprar uma casa de alvenaria. Ah então eu vou com você não deixo vocês mesmo. A Luzia já tinha comprado uma casa lá aquela casa que ela mora ali é da Luzia né. Aí ela pegou a Luzia vendeu pra ela hoje ela reformou a casa. Tá um mundo de casa hoje. Linda a casa dela precisa vê. Então toda vida nós tinha garantia ela serve demais. Ela não vive sem nós também né. De maneira alguma. Pregada demais com nós. E as outras mudaram a Luzia mora em Primavera, Marta tá lá naquele Vila Boa Esperança. E os filhos tá na Botuverá mas tudo ganha muito bem. Todo mundo adora os meus filhos. Não atenta ninguém né. Muito humilde, muito educado. O que eu pude dar pra eles foi educação então todos são bem queridos, são sadios não tem assim envolvimento com nada né. Não tem toda vida foi trabalhador. Nunca envolveu com, com máis elemento, máis companhia, com droga nem nada né. Então meus filhos tudo é honesto, trabalha mesmo, o que eles tem hoje tudo foi adquirido na honestidade mesmo né. E agora tem meu neto também é a mesma coisa nunca envolveu com droga sabe. Fico num nervoso porque ele sai do serviço vai namorar pega a moto chega 1,2 hora um barulhão perco o sono fico

nervoso demais. Mas eu quero compreender porque a vida de rapaz é assim mesmo.

Fica claro que os filhos são seu maior orgulho e a razão de sua existência neste momento. Todo o seu esforço na criação e educação dos filhos é recompensado com a aceitação dos mesmos no meio em que vivem, no respeito que despertam entre os conhecidos.

Agora, com a vida de aposentado, ele pode se dedicar um pouco mais a atividades de que sempre gostou, como por exemplo, a participação na associação de moradores de seu bairro.

Sebastião conta que atualmente, sua participação mais atuante junto ao movimento político se dá através da associação dos moradores de seu Bairro, o Bela Vista, em Rondonópolis-MT do qual faz parte da direção na qualidade de tesoureiro.

Aqui no bairro Bela Vista tem associação eu sô da comissão né daqui do Bela Vista. Aqui tem o presidente do bairro, tem o vice-presidente, tem o secretário, tesoureiro. Então eu sô um deles também sabe. Me meto na comissão daqui, daqui. Então tem tesoureiro, eu sou assim, eu não sou o candidato assim na comissão sabe, então eu participo assim porque eu tenho minha obrigação a fazê como eu tomo conta da limpeza do bairro né. E pra por mensagem de opinião, eu tenho que fazê, prestar conta. Que eu recebo a água aqui né. Então tem que prestar conta direitinho. Honestidade.

Para ele, sua tarefa não é fácil, a de lidar com as pessoas, cobrar serviços públicos como água, iluminação pública, visitar as pessoas nas suas casas, onde às vezes é muito bem recebido e em outras, tratado com descaso.

A minha responsabilidade é muito grande né, porque mexer com gente não é fácil né. E nós somos mais resistente né tudo vem de família. Então a gente tá sempre todo o dia passando, eu cobro a água na rua né. Então tem casa que você chega você é muito bem servido, e tem pessoa já ignorante né. Vai cobrar ele não gosta de ser cobrada, se você não cobrar você não recebe né, tem. A gente tem que levá.

Acredita porem que esta é uma das suas atribuições como membro da associação. Sua participação não é recente. Tendo participado das direções de associações em outros bairros em que morou. Seu interesse de participação em movimentos sociais foi desperto ainda na juventude, quando freqüentava um grupo de jovens da igreja católica, ainda em Araguari. Ainda hoje, participa das atividades da igreja de seu bairro e realiza reuniões em casa para, como ele próprio diz,

[...] pra ensinar como que é a vida, as coisa de Deus né. Eu participei muito eu saia de casa em casa rezando, fazendo novena. Eu participava assim de reunião, de grupo de jovem, sabe. Mesmo lá em, em Araguari nós tinha o nosso grupo de jovem. Então eu participava do grupo de jovem.

Nunca participou de sindicatos e sua relação com os partidos políticos aconteceu apenas quando seu pai era vivo, haja vista que ele seguia o mesmo partido de seu patrão. Atualmente se diz eleitor de pessoas e não de partidos, uma vez que são muitos os partidos em vigor.

[...] meu pai, era do partido do patrão dele. Patrão dele era PSD né. Então quando meu pai morreu aí a gente ficou naquele ritmo, aquele mesmo partido. Aí depois dele ter muito partido, porque nem entende hoje. Eu não entendo partido né, imagina. Hoje tem tanto partido que se não sabe qual seguiu, então eu voto assim, eu não voto no partido, eu voto pela pessoa né.

Ele afirma nunca ter se filiado a nenhuma sigla partidária por se considerar analfabeto e sem condições de dialogar com as pessoas. Reflete que a escola é tudo para o individuo e quem possui estudos tem mais condições, o que não é o seu caso. Fato que também fez com que nunca se lançasse a um cargo de vereador, deputado ou outro qualquer. Isso não o impediu porem, de apoiar o seu próprio genro, que foi candidato a vereador e depois sua filha que também foi candidata à vereadora.

Participei quando a Luzia foi candidata a vereadora; a Luzia trabalhei muita na campanha pra ela. E depois; antes disso foi meu genro, o Valdeir.

Ele também foi candidato a vereador. A gente trabalhou muito tempo. Nesse tempo eu trabalhava com fazenda na Oremeia. Então todo o final de semana a gente ia pra Galileia pedia pros amigo, colega pra votá nele. Depois ele trabalhou muito e depois ele perdeu. Depois ele trabalhou com outra eleição com a Luzia minha filha né também na política né. A gente batalhou muito, trabalhou muito ela teve uma boa votação. Só que não conseguiu chegá né, E política aí; Política é um problema. Porque é uma falsidade. Nesse tempo a Luzia estava bem empregada. Depois que ela perdeu a política, tiraram o emprego dela. Ficou desempregada Foi uma luta coitada, ela viver. Não sabe assim, e intê assim uma colega dela arrumou um escola lá no, no Campo Verde. Campo Verde que eu falei? Campo Verde né. Aí foi que ela foi pra lá e conseguiu serviço. Hoje conseguiu, foi transferida pra Primavera do Leste. Hoje tá, graças a Deus tá resolvido. Mas política é grupo né. Mas mesmo hoje eu, eu trabalho em política assim meu voto prum amigo, mas trabalhar efetivamente, não.

Para ele, política é sinônimo também de falsidade, de grupos. Mas nem por isso, ele deixou de trabalhar para amigos que estejam envolvidos em processos eleitorais. Neste sentido, quando se vê envolvido no processo, participa de comícios, reuniões com candidatos, convida pessoas para essas reuniões. Sobre os comícios, diz que sempre participou. Ia por farra, para fazer companhia aos amigos, festejar, conhecer novos amigos.

Olha eu ia nos comícios, nas reuniões com os candidatos, eu convidava as pessoas para as reuniões. Os comícios eu ia por farra pra fazer amigos. Escutava o que eles falava, mais sabia que era tudo conversa fiada. Assim comício na rua passeando. Essa farta de, de condição os homem ficava naquela algazarra. Não gosto não vô não. Ah ó hoje ocê pra ficar no meio de gente está arriscado a tudo né. Encerrei tudo o que era política, né. E eu gosto da vidinha assim mais quieta, mais no meu canto. Eu gosto duma vidinha mais reservada, mais; pra vivê assim organizada

Sebastião considera-se uma pessoa consciente, querido, mesmo que, segundo seu entendimento, seu nível cultural ser pouco e ser vitima de preconceitos.

Eu apesar de ter a cultura assim pouca. Por exemplo, vamô, vamô dizê assim sempre tem o, tem o preconceito né. Mas eu me considero uma pessoa muito assim querido, todo mundo gosta. Político gosta de mim vem aqui em casa. Bate um papo mais assim aquela conversa de, de admiração mesmo aquele negócio sempre digo. Mas eu me considero assim uma pessoa muito estimada pelos político. Muito mesmo mas o preconceito existe mesmo e difícil pra gente né.

Sobre cursos de formação ele assevera que o mais próximo que chegou a fazer foi um curso de informática. Como nos fala: *Oi não fiz curso de formação só comecei a fazer um de computação.* E assim mesmo, não conseguiu concluí-lo, uma vez que sentiu-se preterido pelos professores em detrimento de algumas colegas mais jovens.

[...] eu tentei fazer um curso agora em computação sabe. Até a firma a Botuverá me convidou pra mim trabáia lá, mas tinha que ter um curso de computação sabe. E eu fiz assim 30 dia de curso ali naquela informática master sabe. Nosso professor era 2 rapaz. Então eu achava que eles atendia mais era as moca sabe. Porque acabava um, um assim uma tarefazinha cê tinha que tá chamando eles lá e aí tava lá junto com as moça, atendendo as moças sabe. Eu pensei comigo esse rapaiz., professor tá interessado mais ensinar só as moça né. Que nós, nós era 4 homem ali, quando acabava uma tarefa em sala ficava esperando por ele pra vim não sabia o quê que nós ia continuar. Aí eu desisti. Desse jeito não quero era covardia chega aqui no mês de agosto, setembro né eu não. Vou mais ia estudava a noite. Chegava da aula sempre as 8 da noite, da noite. Sofri demais dá conta eu ficava queto até que eu acordei. Aí eu desisti normal. Disse ah eu não vô mais estudá isso. Não aprendi nada, computação. Nada mesmo. Nada entrou na minha cabeça.

Relata que a sua consciência foi se formando naturalmente, através de sua vivência, seu aprendizado cotidiano, uma vez que não teve oportunidade de ter contato livros políticos. Afirmando ler poucos livros, jornais em função do pouco tempo que dispõe. O único livro que diz gostar realmente é a bíblia sagrada. Bem informado, rememora momentos das mortes de políticos famosos como Ulisses Guimarães, Mario Covas e Brizola, bem como a mídia deu visibilidade aos fatos.

Não, eu não gostava não, um livro que eu gosto muito é, é Bíblia Sagrada né. O único livro que eu gosto muito. E leio pouco também, porque meu tempo também é, quase não tem tempo, mas outras coisa assim livro, jornal ainda leio. Mas livro político não. Eu gosto tá sempre tá ao lado da mulherzinha. Só nós dois cuida um do outro né. Tem um neto aqui, que mora com nois né. Já é um homem sai pro serviço de manhã cedo só chega, do serviço vai pra, pra casa da namorada fica até um hora. Então tem que vive mais ao lado dela, com ela né.

5.4 José Albino

O seu despertar para a política foi nos movimentos sociais e políticos que aconteciam na capital do Rio de Janeiro no final da década de 40 e nos anos 50 do século XX. Participou ativamente do movimento sindical, de greves e diversas outras manifestações políticas. Participou do sindicato da indústria e derivados do milho, sindicato de saqueiro, de cargueiro, todos no Rio de Janeiro Enfrentou situações muito difíceis como o episódio que aconteceu no cais do porto por ocasião do suicídio de Getulio Vargas:

É aos 24 de agosto vai fazer 50 anos que eu, eu não morri de, de, de apanhar porque eu sei nadar. Dizia pro meu colega daquele negócio, você ainda não era nascida. Negócio do Getúlio né. Getúlio. Aí o meu colega falou assim “o Zé se tu fosse Getúlio o que tu fazia?” Eu ia fechá o meu paletó porque, ele falou que só ele, ele não é homem não? Ele falou que só saia do Catete preso ou morto. Aí fui trabalhá no cais né aí um cara falou assim para agora, não porque? Getúlio morreu”. Eu digo morreu o cacete, porra. (risos). Ah, os cara subiu em cima; pra me bate mesmo. Pra me linchar no estivador. Eu cai n’água. Viu como era idiota. (risos).

Com uma formação política adquirida a partir de leituras de influencia marxista, de sua vivência no partido, no sindicato e no movimento social. Afirmou que sempre pertenceu ao Partido Comunista Brasileiro, o antigo Partidão. Diz que sua adesão ao partido aconteceu quando ao ler o livro de John Reed, *Os dez dias que abalaram o mundo*, não o entendeu. Procurou um amigo para tirar as duvidas e ele lhe emprestou um volume do *Capital*. Ele diz que o está lendo até hoje.

Aí o cara falou assim, o Ceará amigo meu, lá no serviço que eu tinha, eu trabalhava em navio, eu, era corrido. Passei aí um, isso eu não esqueci não. Um, uma pessoa da minha cor né. Negro igual eu professor. Nós fomos no barco eu comecei a discutir com ele né. Porque depois que eu li esse livro Os Dez dias que abalaram o Mundo, é a mesma coisa que o camarada virá crente. Aí comecei lê O Capital que eu tô lendo até hoje. Vou morrer doido com O Capital, pelo comunismo. O comunismo arrebatou. Eu vou guardar um pouquinho também pro partido. Agora o; aí eu comecei a discutir com esse professor. O cara, quando conversa demais não sabe nada, e o cara era professor de teologia. Ele falou assim, ele falou “Getúlio é um bandido”. Eu

falei “olha você vai se arrepender disso que tá falando pra mim”. Ele disse “que arrepender o quê rapaz”. Óia depois, que o Getúlio morreu, óia o Brasil; Getúlio Vargas, na minha opinião foi o maior presidente da república que nós tivemos. Agora sim não existe uma teoria. O problema de Getúlio Vargas que ele era um político. E um político; a profissão de político é a pior que existe. Ele não tinha amigos né. Político não tem amigo. Qué dizê; agora Getúlio Vargas depois tirando por isso daí Getúlio Vargas foi o melhor que teve. Agora mudando de assunto esse homem que tá no poder ele tem chance, de ter o mérito de Getúlio Vargas o Lula. Com mais vantagem, porque ele veio da classe trabalhadora. E eu tô torcendo por ele. Por ele. Porque é; óia minha, minha irmã nunca houve no mundo um presidente eleito pelo povo dá; hora, hora que vocês estuda isso com o professor ela diz não teve no mundo esse milagre similar igual, o Lula. O homem que veio do nordeste, né, num pau-de-arara, eleito democraticamente num país igual o Brasil. [...] O comunismo ele vai triunfar. Ele vai triunfar isso é opinião minha. Mas a prova tá aí. O, o Marx ele, na, antes do Lênin ele, ele falava assim que o capitalismo ele vai ter a crise, final o capitalismo. Agora segundo Lênin, ele escreveu assim qué vê; eu li toda a obra do Lênin ‘se nós pensássemos igual Marx não tomava o poder. Olha aí a prova aí. Você leu isso aí? Isso que Lênin falou?.

Faz uma pausa em suas reflexões históricas e com muita lucidez e pertinência vai analisando a conjuntura internacional e o papel que os Estados Unidos ocupam frente ao capitalismo e sua necessidade de domínio bélico – citando a crise no Iraque. Analisa ainda o papel que cumpre a China no cenário internacional e os equívocos ocorridos na União Soviética, fala do Haiti, da República Dominicana, da Jamaica, de Belize, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Porto Rico, de Hugo Chaves e de Lula. Na sua opinião, Lula é quem pode *agrupar aquilo*, uma vez que tem espaço e tem apoio internacional. O conhecimento de Carioca não é superficial, ele consegue discutir política econômica, mercado internacional e relações exteriores:

O Lula ele tem e tem apoio internacional. Óia essa do Haiti aí. Já viram ali no Haiti querê, geografia eu conheço uma coisa que; Óia tem o Haiti, tem a República Dominicana, tem a Jamaica, tem Belize, tem Nicarágua, tem El Salvador, tem Guatemala, tem Porto Rico que é dominado pelos Estados Unidos. Vê que ali tem o Hugo Chaves que o Lula ele tem a, ele, ele pode agrupar aquilo. Do porque o, os Estados Unidos não é mais a, a maior potência do mundo. Não é mais. Ah não é mais. É, não é mais. Não, ele não precisa; O, o, uma, aquele, a, a Organização Mundial do Comércio, Organização do Comércio, ela conseguiu aquele como é o subsídio. Chaves derrubou os Estados Unidos o subsídio. E de primeiro não era assim. Porque tem outros mercados. Porque se os Estados Unidos boicotar o produto brasileiro a China compra tudo ela tem interesses nas aves do

Brasil. Existe concorrência os Estados Unidos não tão com aquela bola toda não. Há não.

Diz torcer para que o governo de Lula tenha sucesso, pois é a primeira vez que se elege democraticamente um presidente vindo do povo, um homem que veio do nordeste, num pau-de-arara.

Isso é um mérito pra nós. Histórico. Então eu acho que o Lula pode superar o Getúlio Vargas. Ele tem poder pra isso. Porque Getúlio Vargas é um ditador e Lula não. Lula é um presidente eleito da classe trabalhadora. Quê dizê que eu, eu vejo o Lula com esperança dele ser exemplo. Ah, não sei eu penso assim. Por enquanto ele não tá dando sintoma de mudança né.

Ele admite que sua vida sempre foi pautada pelas questões políticas. Nunca gostou muito de carnaval e futebol por entender que são festas comerciais e que desviam a atenção do povo de questões que são importantes de serem refletidas.

E eu, eu sempre gostei de conversar com pessoa mais velha de que eu. Nunca sei conversar com gente mais novo de que eu. Por isso eu sei das coisas. Aí o Batista né, finado Batista, comunista baixinho. Eu falei “o Batista pra que esse povo pula assim com tanta dificuldade?” Aí ele falou assim “ô Zé isso é, é o ópio do povo. Ópio do povo”. Ah, aí eu tive, eu escrevi um, eu escrevi um conto disso aí. Assim naquele romance de Navio Negreiro. Eu fiz um conto. O cara escreveu pra mim qué vê. O navio; quando a Inglaterra ela é demais, o; e tinha já esse, esse filme do esse filme desse cara. Qual é o Russel. Esse australiano. Ele trabalhou no Gladiador né. Ele trabalhou no papel daquele cabo comandante. Aquilo é farsa. Aquele navio o Surprise, que tá atacando o navio francês ele, ele, ele não tá caçando escravo não. Que a Inglaterra tinha uma fonte de escravo lá. Então os navios que, que trazia escravo pra não afundar, pra não afundar, afundar o navio o, quê que o, o comandante do navio fazia. Mandava o; a sim, o escorbuto né era uma doença que dava no pulmão do povo do navio né, falta de vitamina C. O, o; Então eles pegaram os, os remanescentes do porão e dos convés. No convés do navio. Aí eles começavam a bater assim ó. Quê que os caras faziam quem não caia dentro d’água? Pro tubarão não comê ele? Ele tava morrendo de escorbuto né. Ele tava morrendo assim. Eles ficavam bem magrelinho. Aí cai n’água tibum. Quê que o, quê que os caras fazia pra não cai no tubarão? Usa sua mente aí, vão vê. Só tinha um jeito de não cair no tubarão. Qual era? Pular. Um carnaval. Ô! Ê, ê, bom. Povo feliz. É isso que eu vi no carnaval. O povo tá, o povo tá tomando e tá pulando. Só isso me irrita entende? Eu tenho alergia por causa disso. É um povo infeliz, porque dá; então eu já assim não desisto de falar. O que esse povo está pulando. Porque esse povo não pega as armas? Brasileiro só que, brasileiro só quer saber de futebol e carnaval. Até hoje eu tenho essa porra comigo. Porque não, povo, povo; Não, pense bem esse povo não é cego. Tá

pulando no meio da rua e passando fome. Quê dizer que; isso aí até hoje eu sinto. Sinto essa alergia assim esse falta de mentalidade eu sou mais assim passeata em protesto, mais alegria não gosto não. Porque é demagogia. Eu acho que sim né. E já, já muita gente já brigou comigo por causa disso. Discutiu comigo. Não é. Porque carnaval? Pra que carnaval? É carnaval é uma festa religiosa. Não é pra bebum. A festa, a festa é 1º de maio. Essa que é festa. Primeiro de maio. Agora carnaval não, carnaval pra mim é, é onda. É como é, é estranho carioca falar isso né?

Para ele, festa é 1º de maio, dia em que se comemora o dia do trabalhador, dia dedicado aos protestos. Ele afirma que sua posição em relação ao carnaval e futebol pode até ser estranha para um carioca, mas, não para um comunista. Considera festa a pessoa ter uma família, filhos na escola, segurança, dignidade.

Considera-se um pouco anarquista quando analisa que concorda com as posições anticlericais e céticas de George Orwell, conta que leu seus dois romances, *A revolução dos bichos* e *1984*:

O lema mental dele qual era? Nem Deus, nem pátria, nem família. Negação. Eu nego Deus, eu nego a pátria e nego a família. Eu sou anarquista. Ele escreveu essa teoria essa pra mim, encaixa comigo. Então George Orwell ele é anarquista. Ele escreveu foi na Revolução Espanhola. Ele escreveu um romance, ele escreveu 2 romances, A revolução dos bichos e 1984. Tá tudo aqui. 1984 é o que você tá vendo hoje é o Big Brother. O que é o Big Brother? Mentira. Big Brother, Big Brother é mentira. Agora o povo acredita na mentira. E toda, toda mentira que se vê na TV torna-se verdade. É o que se vê aí. Big Brother. O, a, a mídia está fazendo o que? Explorando a, os jovens né. As meninas, as moça pra coisas que eu, ah eu não gosto de dizê, eu não sou moralista, nem, nem quero sê, mas tem que, tem que chegá a idade. Eu, eu não sou moralista, agora tem que chegá a idade. Tem, tem muita criança que eu acho não sou, não tem religião não, sou ateu, agora tem muita criança que tá sendo bombardeada antes do tempo. Tô certo? Tem coisa aí que criança não brincaria. Eu tô errado? Ó uma vez uma vez eu tava na, na casa do Máximo né, e tava as crianças apaixonada no carro do Máximo e tá as crianças brincando né. Agora o que essa crianças qué, o que essas criança vê na televisão imita. Eu olhei assim vi aquilo aí virou e aí aquele seu Golf, mas carioca eles estão brincando (risos). Eles tão brincando Você não tá vendo eles estão brincando. Eles tão brincando. Isso é brincadeira de criança. Eu tô vendo que eles tão brincando. Eles tão imitando vocês, que fazem que eles assistem televisão, entendeu. Agora, agora o, o adulto não pode entrar e sai. Isso é coisa de criança. Que a criança, a criança não faz mal pros outro não. O que faz mal pra criança é o adulto. Criança tem que brincar não tem perigo. Agora o adulto que é perigoso. E que tem de adulto safado, entende, entendeu. Qué dizê que isso que eu sou contra. Isso; eu não, não sou moralista, mas antinatural, isso é

antinatural deixa a criança crescer ta certo. Isso agressiva é o que eu vejo; é aquilo que eu falo nessa; porque nós tamô numa época privilegiada. Mas eu acho, eu acho que tem a fazer que se não for as crianças que será de mim né. As crianças cuidará de mim. Eu quero vivê muito. Então eu tô vendo a maneira que os pais tão criando os filhos um velho igual eu ele mata. Quando eu não puder me defender mais. Eu acho, eu acho a tá havendo muita coisa antes do tempo. E uma coisa que eu, uma que eu vejo nisso aí é a tv, é a televisão. Tem, tem cada filme aí que pro adulto não é bom. E tem criança que vê, vê mesmo, pornografia. Não só é coisa pornográfica como violência também. Violência. E tá demais. Agora será que isso é democracia? Isso é liberdade? Se é amor? Democracia não pode ser assim. É strip-tease. Criança, criança não. Porque sempre vicia. Mas fazer a censura como uma arte. Hoje eles falam é crime não. Direitos humanos. Óia a minha mãe foi violenta demais comigo. Não culpo ela não, culpo o ambiente. Mas ela, ela falou uma coisa pra mim, que até hoje eu sinto o efeito moral. Eu como toda a criança era guloso né, e ergui a mão assim e peguei um negócio lá não sei o que foi. Meu padrasto ele tava bêbado como sempre ele fingiu que não tava vendo continuou a ficá assim e contou pra minha mãe. Minha mãe falou assim “Zequinha”, a marca aí. Eu não faço isso não, mas ela fez comigo, mas eu perdou ela. Eu não faço com ninguém. Ela falou assim “Zequinha quem roubou, quem meteu a mão aí?” Eu falei, “eu não fui”, foi Totinha minha irmã. Disse “meu filho eu vou queimá sua mão, você, você nunca mais roubá e menti. Aí ó. Foi violência foi. Até hoje eu tenho raiva de ladrão mentiroso. Valeu. Foi violência, mas valeu. Porque; A, a, eu acho que tem que tê na criança não é o professor que derruba não. Educação aprende em casa. Agora instrução na escola. Porque tem professor que não tem educação. É eu conheço muitos que não tem xinga teu filho, o, o aluno. Agora educação é em casa. E hoje quase ninguém, quase ninguém ta preocupando com a educação. Quando a pessoa é bem equilibrada deixa a criança na mão da empregada. Aí já tem uma vagabunda né (risos) quando ela vê, quando vai sabe tá tudo perdido. Qué dizê. Eu eu tô achando que é, tem que ter mais cuidado os pais, principalmente a mãe. Tem que ter mais tempo com filho. E é o que eu vejo aí. Tem, direito tem sim porque eu sou velho. Aí de mim se não for jovem. Então esses jovens que vão cuidar dos velhos então eu tô, tô como fala a palavra tô perdido do jeito que anda tudo errado. Porque hoje em dia. Óia eu levei um; há uns 10 anos eu estou vendo o problema da AIDS né. O cara filmando, um menino assim de uns 12 anos. Menino novo. Ele caiu, ele ficou na porta e o cara filmando né, o cara filmando. E o cara filmando o guri. E ele, ele olhou aí ficou olhando assim pro banco né. Aí ficou olhando as pessoas assim. Aí quando chegou um, um cara da minha idade né, um velho da minha idade assim. Aí ele olhou assim, ele botou a bunda aqui assim aqueles óio duro assim. Ficou olhando assim durinho olhando assim o cara filmando ele. Aí quando o velho saiu assim da, da, do banco, com uma pasta assim ele foi andando assim, foi andando. Quando chegou numa escada assim, em São Paulo, ele deu um pulo, ele deu um pulo assim. Ele jogou os dois pés no velho e pegou a, a pasta e saiu correndo. E o velho correu a escada. Eu olhei aquele menino que violência né, né. Então, eu tô a perigo também, porque o jovem, o jovem ele, ele, ele tá sendo criado com ódio. Com ódio. Não tem mais amor que tinha. O jovem hoje tá com ódio. Ele tá com tanto ódio que ele mente pros pais, mente pra irmã. Isso aí é uma coisa que está preocupando não é só eu não é toda a sociedade. Tá, tá havendo muita displicência da, do convívio familiar. Família. Cadê a família? É Silvio Santos. Olha, não, agora mudando de assunto eu tenho uma rede aí nem tudo tá perdido.

Revolta-se quando faz referência ao programa Big Brother. Ele o considera uma mentira e o povo acredita na mentira. Toda mentira que se vê na TV torna-se verdade, ele reforça. A mídia está explorando os jovens, as meninas. Não se considera moralista, mas entende que a mídia explora sobremaneira a precocidade das crianças.

Que a criança, a criança não faz mal pros outro não. O que faz mal pra criança é o adulto. Criança tem que brincar não tem perigo. Agora o adulto que é perigoso. E que tem de adulto safado, entende, entendeu. Qué dizê que isso que eu sou contra. Isso; eu não, não sou moralista, mas antinatural, isso é antinatural deixa a criança crescer ta certo.

Considera que os principais fatores de risco para as crianças são a pornografia e a violência. Compreende que isso não é democracia e nem liberdade.

Retoma sua trajetória política dizendo sobre a sua filiação automática ao Partido Popular Socialista, em março de 1992 quando houve a alteração da legenda de PCB para PPS. Conta que conheceu Roberto Freire no Rio de Janeiro e problematiza o fato de que as principais lideranças de seu partido no Estado não são comunistas.

Não eu, eu era filiado no PPS automaticamente, mas não se admitia a ação do PPS. O partido, o diretor do governo não tinha partido. Não tinha nem partido. Eu conheci ele no Rio, chama Roberto Freire. Então ele, pra ele autoridade de mudar o mando do meu partido PPS, mas, mas eu não dei autorização nisso a ele. Eu conheci ele no Rio de Janeiro. Agora que, que, com que direito eu vou acompanhar o PPS, porque Roberto Freire tá no PPS. É a roupage. Aí ó, o PPS aí. Blairo, esse Marchetti mais Percival. Ah meu Deus comunista nada. Blairo comunista. Você não vai gostar. Qual é o, qual cargo o PC do B tem no governo de Lula? Como é que é ministro de Esporte e lazer. Mas olha isso aí esporte e lazer é, é pro país de primeiro mundo. Agora um país que, um país que tem a maior densidade do mundo, um partido marxista. Ah isso é cargo para Marxista me aguarde. E digo que não têm mais pé no chão entende. Partido Comunista do Brasil. Você conhece Ivonete? Parece ironia não é mesmo. Olha isso é coisa de vagabundo. Que nome é esse? Comunista nada. Só pra dizer que está participando do governo. Eu não aceitava. Eu não aceitava. Jogava ao sol. Esse cargo não é cargo para comunista de jeito nenhum.

Comenta ter amigos no PC do B como a professora Janete Carvalho, e o Olírio Souza dirigente municipal do partido, mas diverge dos mesmos em algumas posições. Segundo ele a religião é uma delas. Ele faz uma comparação entre Freud e Marx no que concerne a religião.

Tanto Freud como Marx tem uma opinião. É iguais, sobre religião. O ópio do povo. Porque a, enquanto a pessoa pensa no outro mundo ele tá sofrendo aqui tanto que quer ir pro céu. Quer dizê tudo isso, mas o, o cara que pois isso na cabeça da gente ele não pensa assim não. Ele não é doido. Ele sabia muito bem o que queria.

Não há possibilidade de se crer em Deus quando se é materialista histórico, diz ele:

Agora a um cara que acredita no Cristo glorificado ele não pode ser comunista. Porque é, a dialética é materialista entende. Materialismo. Toda a base da natureza é de matéria. Agora a base ideologia, ideológica é, é ilusão. É, é, é desvio da realidade. É a, a matéria é a base de tudo que existe. Não é a idéia não, é a matéria. Agora quem inventou isso aí foi o homem. Foi uma coisa tão bem, foi uma coisa tão bem inventada que até o Cristo entrou nessa. Até, até Cristo foi nessa. Aquele cara. O povo; que deu nesse meu Deus. No PC do B têm esse pessoal mesmo que acredita no Cristo glorificado. Você vê a diferença da, da ideologia da pessoa. Porque o comunismo é ateu. É ateu. Não é, não é contra Deus, é contra a religião. Porque que religião é ópio do povo. Entende. Religião é ópio do povo. A religião é o ópio do povo.

Diz ainda ver muita contradição entre os religiosos, muita demagogia. Critica a emissora de TV do bispo Edir Macedo e os programas de TV da Legião da Boa Vontade do jornalista Paiva Neto.

A situação está tão feia que se você ver a pessoa falando muito graças a Deus cuidado com ele. Não é eu que to dizendo não porque tá demais. Tá, não é pra dizê não né; demais. Tá demais. Não se é milagre aquela né. Uma emissora aí tem, um bispo aí Edi Macedo. É um bispo da Igreja Universal, tem o Paiva Neto né. Negócio de alunos que ajuda as creches e por ai vai. E tem o cara que é crente aí ele fala parece que é Reino de Deus. É, é tem esses e tem outro também. Eles tem uma audiência terrível. E ali, e a gente nota que é, é bem orquestrado entende. É bem orquestrado que dizê que a, está havendo um; vê, vê, óia só a contradição. Contradição as pessoas ficam ali rezando chorando e levando o dinheiro para a Igreja é o ópio não tem jeito.

Ele conta que não nasceu ateu, logo, conhece todos os mandamentos da bíblia e acha que é impossível segui-los:

Eu sei os mandamentos, todos eles. Porque eu, não nasci ateu. Eu não nasci ateu. O quê eu nasci. Óia primeiro, amar a Deus sobre todas as coisas; Segundo, não tomar seu nome em vão, Terceiro, guardar domingos e festas; Quarto honra pai e mãe; Quinto, não matar; Sexto, não pecar contra a castidade; Sétimo, não furto; Oitavo, não da falso testemunho. Nono, não desejar a mulher do próximo, Décimo não cobiçar as coisas alheias. A única coisa que eu acho que é pecado é o homem. O resto não é.

Foi membro do MDB até a vinda do PCB para a legalidade. É dele a primeira ficha de filiação do PCB em Mato Grosso quando este partido foi legalizado em 1985. Segundo ele sua atuação política se dá de forma mais intensa após ter vindo viver no Mato Grosso. Participou junto com o ex-governador Carlos Gomes Bezerra do processo de resistência democrática a ditadura:

Agora aqui foi a mais intensa da minha vida foi aqui. Aqui, aqui em Rondonópolis foi o, o lugar que eu tive mais participação política. Que eu peguei uma eu, eu, eu, eu sou teimoso. Muito terrível. Então eu quando, eu quando a peguei a política aqui eu, eu, eu acompanhei Carlos Bezerra. Doutô Carlos Bezerra. E foi um; aprendi muita coisa aqui em Rondonópolis na política. E fui aqui que eu tive a felicidade de encontrar gente igual Manoel [professor Manoel F. V. Motta da UFMT] igual Máximo [professor Antonio Carlos Máximo da UFMT] entende? Igual Tonin Soldas [Oriovaldo Tonin jornalista e comerciante em Rondonópolis]. Pessoas de esquerda mais pé no chão. Então, a minha participação política aqui em Mato Grosso foi muito rica. Aprendi muito aqui. Aprendi mais aqui que no Rio de Janeiro. É por isso que eu tô aqui até hoje.

Relata que foi candidato a vereador pelo PCB na cidade de Rondonópolis, no ano de 1988 tendo obtido 52 votos. E também nós relata sua participação no sindicato e como levava os operários para as greves.

No duro. Manoel falou assim esses 52 doido aqui votou no Carioca. Inclusive eu e a Neide. Não é. Ah, eu gostei. Eu gostei foi uma boa experiência pra mim. Conheci muita gente.

Diz que durante sua candidatura, ele e seus companheiros de partido, sofreram uma série de dificuldades por serem comunistas.

Agora o Percival (Percival Muniz ex-prefeito de Rondonópolis-MT) nunca esqueço disso, ele tomou o microfone. Porque? Medo. Medo do comunismo. Porque medo primeiro assim que vê, é a idéia subjetiva é assim, o cara vê um pobre igual eu ele pensa assim. Ele pensa igual da forma que ele é, aí ele projeta em mim. Eu não vô usá esse carro não que ele vai lá e vai roubar. Isso tudo é projeção pessoal do cara. E, e os cara da classe pobre igual eu tem essa; A gente sente isso aí na pele não tem. É boicote. A não ser do cara seja massa de manobra, isso jamais na minha vida. Aí entende. Então eu jamais deixarei de ser comunista.

Ele alega que o Partido Comunista é o partido que tem mais história no Brasil. Ele relata então a história de Carlos Prestes e Olga Benário:

Agora a história do Partido Comunista é tão, eu tem a letra, é tão complexa, que quando o Prestes né. Prestes não nasceu comunista. Prestes não era comunista. O quê que o Prestes era? Ideologicamente? Nesse aspecto. Ele não era comunista. O quê que ele era? Ele era positivista. Diz ele, diz, dizem que positivista, agora não sei disso, é, é quem era típico... Agora que se viu o positivismo. O Prestes era positivista. Agora na Coluna Prestes, Prestes é o seguinte ele tem a ideologia dele, ele era fraco fisicamente, mas ele em matemática ele era cobra. Cobra em matemática. E ele, ele a Coluna Prestes né, a Coluna Prestes no tempo de Arthur Bernardes foi aonde. Qual foi a tática de Prestes? Ele, ele aprendeu a tática, prática de Aníbal. Quem foi Aníbal? Aníbal um guerreiro que ele, ele atacou Roma. Aníbal. Prestes seguiu a mesma. O quê que Prestes fez? Ele, ele fez a tática da, do movimento. Ele correu o Brasil inteiro. Brasil inteiro. Chegou na Bolívia ele foi trabalha lá na estrada de ferro e, e lá ele. Que é isso? Lá ele escreveu uma carta pro Juarez Távora né. Que nunca mais ele seria o mesmo. Ele viu tanta miséria no Brasil que ele achava que foi em vão aquela, aquela, aquela rebelião. Aí o João chegou e falou assim “isso é comunismo seu besta”. Ele não sabia o que era comunismo. Aí ele foi pra Uruguai de lá foi pra Moscou. Lá você vê como que Prestes era; Qué vê foi ele nasceu em 98. Ele em trinta, trinta e seis ele, ele era virgem. Ele era virgem. Acontece que Olga Bernardes era anarquista, alemã. E, e, e ele pra vim com ela como esposa dele ele dormiu com ela no navio. Ela, ela que tirou a virgindade de Prestes. Óia esse Prestes ele foi preso, né, foi preso. Agora a filha dele Leocádia tá viva até hoje. A Olga mulher dele foi pra Alemanha. Getúlio mandou pra lá. Esqueci uma coisa. Olha o, olha o retorno, ó o retorno aí. Esqueci uma coisa. Ele mandou ela pra Alemanha, então a, a menina a Leocádia só nasceu por causa da, da, da mãe de Prestes e a irmã dele, Lidiane. Agora quando ela veio, quando; agora tinha um alemão chamado Ari Presly ele foi preso. Ele foi preso, foi humilhado, foi violentado na cadeia. Aí o Sobral, a gente fala Sobral Sobrinho? Sobral Filho é aquele que tinha Sobral né [Sobral Pinto advogado católico no Rio de Janeiro] ele falou assim sabe onde ele apelou Sociedade Protetora dos Animais. A

polícia de Getúlio Vargas, de Filinto Müller humilhou tanto esse homem que o homem ficou louco. E isso a ditadura de Getúlio Vargas. E essa, essas imagens dos comunistas ela a, ela é, é um exemplo, de, de... Deus? [interroga com ironia]. Agora eu jamais deixarei de ser comunista. Porque eu, eu vejo aquilo com muita valentia.

Fala com admiração de João Amazonas – dirigente comunista do PC do B falecido recentemente:

Tinha muita gente que não; era mais romântica, era mais fascinante. Hoje, hoje; que vê o caso do. Olha só, é olha só aqui o exemplo João Amazonas. Ó que exemplo subjetivo é do homem. João Amazonas.

Para ele, a influência política que sofreu não teve nada a ver com a escola, mas sim, com o convívio que teve de outras pessoas envolvidas com o movimento político no meio em que vivia. Outro fator de contribuiu para a formação de sua consciência política, foi o fato de gostar de história, geografia e política. Os livros, revistas e a leitura autodidata foram outra fonte de formação. Conta que fez curso de formação política também, tão logo entrou no partido e começou a organizar as bases do partido.

Óia eu, agora posso falar isso daí, eu ai fazer um curso do Stálin estágio; que foi assim eu, eu, eu ia nas reuniões do partido, mas como sindicato né. Aí eu comecei a lê. Comecei a lê né lá no sindicato. Aí comecei a conversar com os caras lá, lá na sacaria. Rio de Janeiro, cais do porto. E eu era novo na presidência. Aí falô assim “moço o senhor sabe isso tudo aí?” Sei. Aí ele falou assim ‘óia você agora vai formá uma base lá onde você mora do Partido Comunista, já tomou um monte de providências. Agora ali eu tive grande; eu ganhei muito. Aprendi muito. Aprendi muito a; porque é, é fascinante você esclarecê. Esclareci entendeu. Eu, eu sou esclarecido. Eu sou esclarecido eu não me engano mais. Sabia. Eu li O Capital, e li psicologia também. Li psicologia.

Dentre os diversos títulos e autores que afirma ter lido mais recentemente destaca alguns que considerou mais interessante: *Conflitos interiores: uma teoria construtiva das neuroses, Evangelho Segundo Jesus Cristo, Não verás país nenhum e Os Sentidos da Morte*. Cita também, um livro sobre a questão Zen. Diz que a curiosidade o levou a ler tantos livros assim. E mostra o seu acervo constituído de vários volumes em que se pode constatar que José

Balbino a diversidade de seus interesses de leitura sendo que em sua maioria eram títulos de Literatura, Política e Psicologia.

Retoma a conversa dizendo que a vida no partido ao qual a sua trajetória de vida esta intimamente ligada era intensa.

Agora é gostoso né. É fascinante. (risos). Uma briga ali; Não sabe como é que é né. O; muita; óia o cara falou assim estava; mudei de assunto né. Aí eu, eu tava conversando com um saqueiro né, Zacaria. Aí ele falou assim, o, o Partido Comunista né; foi em 64 você ainda não era nascida. Depois da, do Vargas no poder. Aí ele falô assim o, aí o Rosano falô assim “eu não, eu não, eu não acredito nesse diabo do comunismo nada. Isso é coisa de cabra safado”. Eu falei “cala a boca Rosano”. Eu falei ‘cala a boca filho da puta.” Que nada. Aí o, aí o, aí o cara foi pegá ele assim pra dar um pau nele aí ele falou assim quem tá falando não é Rosano, não é, não é o Rosano que tá falando. Não é o que rapaz. A voz e minha não é a sua voz não, é voz da ignorância. Esse cara virou comunista, esse Rosano. E virou bravo. Não é você que tá falando, é a voz da ignorância. (risos). Eu não esqueço disso. Porque tem cara que fala as coisas, mas nem nós tá falando. Então ele sentiu esse cara mais tarde foi companheiro de greve sabe. Mas teve que; é tem fatos que a gente guarda lacrado. Não é; agora, não é; mas você pensa que tá com fulano, uai, você pensa que tá falando, mas não é você que tá falando, é a voz da ignorância. Porque grande se você vai falá comigo, você não sabe o que tá falando. Qué, qué dizê isso pra mim foi uma cara igual eu falei pra ele; quando o Fidel, você não era nascida ainda. O Fidel tomou o poder em Cuba né, e lá no Interlagos tinha um tal de Aroldo né ele, ele não saía do comunismo. Mas ele, ele tinha a imagem, tinha a imagem nada, nem tinha a imagem era assim em branco Aí o, houve greve lá aí os portugueses de Araçatuba comprar a empresa. Aí ele falou assim vem, vem o padre reza aí, a missa. Falei eu não vou não, vai sim, se vai lá. Eu disse eu não vou não, você sabe que eu não gosto de padre. Ele me tirava porque eu era bom de sacareiro. Ele me tirava eu era bom de serviço. Aí vocês vão lá, pra você vê; aí o padre disse assim meus filhinhos, o padre gosta de chamar a gente de filho né, filhinho. Meus filhinhos, óia vocês não, vocês não fazem igual o, os comunistas não, porque lá em Cuba o pessoal tá cortando cana armado de metralhadora. Porque é obrigado trabalhá armado? Porque é o Fidel Castro que, que tá mandando. Aí eu falei assim ‘o seu vigário dá licença. Esses, esse povo tá armado?’ Tá ué. Porque que eles não mata Fidel. Aí botou eu pra fora. Qué dizê essa, essas coisas, essa pergunta que; eu não esqueço. Mandaram embora dá; Como é que o, como é que pode o, o cara sê diretor do presídio com os preso armado. É que eu, eu gosto dele né. (risos). E o Fidel tava pegando’.

Diz que sempre participou de passeatas e dos comícios, mas, nunca gostou das baixarias que acontecem ali. Pessoas falando mal da vida pessoal da outra. Acha isso desnecessário, uma vez que o bom político não precisa de nada disso, só de uma boa

elaboração. Sempre se sentia feliz quando via as pessoas batendo palmas, a importância do seu grupo; nestes momentos, ele considera que conseguiam transmitir algo as pessoas, fazer propaganda de suas idéias.

Coisa que eu não suporto na política e as baixarias, essa coisa de ficar falando mal da vida pessoal do outro candidato, acho isso desnecessário, por quando é um bom político que tem conteúdo não precisa disso eu acho né.

Apesar de tudo, o que o fascina mesmo é o estudo, a possibilidade do sonho:

Olha era a, a questão que sempre, sempre me, me fascinou são os estudo de classe. Estudo de classe. Olha só que bacana. Eu tenho, eu fazia gosto na vida no dia que esse povo tomasse o poder eu sonhava em vê o, o mundo melhor socialista. (silêncio). O, o mundo, eu achava o mundo, eu achava assim, eu, eu vô, antes deu morrê, eu vô vê tudo igual. Eu sonhava. Já sonhei muito de vê o socialismo. Socialismo. Mas é o socialismo literalmente utópico.

Sua trajetória pode ser considerada um exemplo de um tipo de militante que obteve sua educação política na luta social, nas organizações de trabalhadores (partidos e sindicatos) e com sua curiosidade de leitor autodidata. Sua formação política obtida deste modo aponta para o que a tradição marxista considera como possuidor de uma consciência política de classe. Coerente em suas posições, mesmo aquelas mais contraditórias. As adversidades que enfrentou durante sua vida de trabalhador negro não impediu que desenvolvesse o gosto pela leitura e uma grande curiosidade em compreender o mundo. Considera-se uma pessoa politicamente consciente. E nem poderia ser diferente depois de toda uma vida de sonhos, luta e formação.

CAPÍTULO 6

CONSCIÊNCIA ÉTNICA E RACIAL

Esses trabalhadores negros pertencem a uma geração em que a discriminação era sentida, mas ao mesmo tempo tendia se a negar sua existência. Seja como José Balbino que a negava pelo argumento da condição de classe ou dos outros três que a negavam pelo ocultamento das discriminações sofridas. Suas trajetórias porem mostram que os mesmos foram discriminados e excluídos e que suas negritudes tiveram um papel decisivo nesse processo. É importante ressaltar que todos eles têm clareza de sua negritude. Condição essa que é afirmada e assumida com orgulho por todos eles.

6.1 José da Silva

Assumindo-se como negro diz ter consciência de sua negritude desde que nasceu. *Eu, eu me considero. Eu sempre nasci preto nunca fiquei branco.* Não se recorda de ter se sentido discriminado em sua vida escolar, profissional ou mesmo socialmente. Admite, porém ser um “*cara-de-pau*”; ou seja, em outras palavras, alguém que procura sobrepor-se a intencionalidade de preconceitos de outros. Sua fala também, leva-nos a um outro

entendimento que está relacionado à discussão mais geral deste trabalho que relaciona à condição racial a condição de classe social:

[...] nunca me senti discriminado por causa da cor, nunca porque eu sou meio cara de pau, o cara que se sente discriminado é o que não foi pra frente mesmo né, se é vai embora, mete as cara, você ta conversando com eles ali eles tem que falar com você, não tem problema né (pausa), se tem alguém falando com eles, você, eu também posso falar. Não é porque sou negro que não posso falar com o cara.

Emocionado, revela nunca ter tido a oportunidade de participar do movimento negro e afirma que se fosse convidado participaria. Essa sua observação nos mostra que muitas vezes o movimento negro não consegue mobilizar essas pessoas que aparentemente estão distantes do círculo de relações de seus dirigentes. Observa que em Rondonópolis a visibilidade dos negros vem diminuindo gradativamente.

[...] nunca participei de manifestação de movimento negro nem de branco, nunca tive esta oportunidade (pausa). Não, pouco, esta ficando pouco, aqui em Rondonópolis esta ficando muito pouco, parece que estão matando os negros tudo, esta ficando pouquinho eu quase não vejo mais.

Reflete que a vida do negro não é fácil, uma vez que ele tem que lutar com muito mais dificuldades para sobreviver e para criar os filhos.

Da cultura afro, o que lhe desperta o interesse são as rodas de capoeira que acompanha pela televisão e o samba. Afirma gostar muito também de:

Eu gosto de todo tipo de musica, samba, forró, valsa, bolero, tudo eu gosto e muito. Sempre ouvi musicas, em casa, em algum bar por ai.

Nos conta que a culinária afro conheceu na Bahia, onde comeu: [...] *acarajé e o cuscus que são pratos da casa.*

Sobre as religiões afrodescendentes, ele nós diz que acredita que elas sejam uma religião como outra qualquer.

Eu nunca tive contato com a religião afro, mas acredito que é uma religião como outra qualquer.

Ainda que nunca tenha tido a possibilidade de envolvimento com o movimento negro de todos os nossos sujeitos é José da Silva é o único que afirmou que gostaria de ter uma militância mais específica nesse movimento. Curiosamente esse trabalhador negro é o que mais em suas colocações afirma sua negritude.

6.2 Fernando Souza Brito

Afirma que é negro devido à cor de sua pele. Sabe que outros são considerados negros em razão do *cabelo pixaim*.

Tem o moreno, o povo fala assim que nós não somos uns falá nação. A nação brasileira é uma sozinha. Ó baiano, goiano, cearense nós tem uma nação brasileira não é. Agora de estado eu li no 4º livro, não sei se é o 4º livro que o dicionário fez, que ele é mentiroso. Ele tá escrito raça. Raça negra, a cor é amarela, é parda. Assim eu li umas página no 4º livro né antigo. Agora não sei se é o dicionário fez ele certo. Eu não sou formado eu não posso te explicar. E sei desse tanto. Mas ser negro, a cor negra, né porque diz que o negro mesmo ele tem um cabelo pixaim. Não tem cabelo fino. Eu não visto mais cabelo, mas meu cabelo é liso, não é, não; Mas se tá no negro é porque a cor é preta né. A cor. Porque tem a parda, tem a morena.

Sempre teve consciência de sua negritude em virtude de tratamentos diferenciados que recebeu ao longo dos tempos. Tem consciência também de que atualmente existe uma lei que proíbe o racismo e que permite que a vítima de racismo dê parte da pessoa agressora.

Olha desde que nós foi crescendo no meio dos, dos branco né igual fala os índio a, Então vem aqueles desfazendo, ah são negro né, você é isto aquele é negro. Então a pessoa; ele já tá tendo entendimento ele põe na mentalidade né. Ele põe na mente. Pôxa fulano tá desfazendo né. Mas como hoje não tá tendo mais raça né. Você é racista, ou seja, eu sou racista se maltratasse ir lá no fórum e da parte ele é processado. Não é verdade? Hoje se não deve chamar o outro por abuso, existe né. Então nós se torna a cor negra né. Não pode ter racismo aqui todo mundo e nego e só processar se fazer abuso né.

Ele diz que a própria família discrimina o negro. No seu caso, ele conta que sua tia o tratava por “nego”. Nunca reagiu aos insultos por morar na mesma casa e trabalhar com ela.

A gente não põe na mente não é na, mas as vezes até alguma vez quando é menino, as vez até um parente fala, ah nego, você é um nego né. Então aquilo é de família eu tinha, tinha um tia meu ela falava isso. Era ela parecida da tua cor e falava aquele negro, cansei da falar aonde eu morei, casado na casa trabalhando com ela. Mas eu não ponho ela aqui na mesa não, essa velha é louca certo. Ela não era louca de jogar pedra, mas ela jogada. Tudo isso acontece com a gente né. Quando nós tamo sobre a terra moça não pode falar, desse pão eu não como e nem dessa água eu não tomo. E o baiano fala eu não bebo né. Quer dizer que se conhecer direito é ter raciocínio então ele não é tão estúpido certo. Se ele for estúpido ele é, ele não dá de viver com pessoas. Mas a família ele mesmo nos discrimina chama de nego safado né, e isso não é certo.

Ele entende que nunca foi discriminado no trabalho por ser amigo dos seus superiores. Na escola, durante o curto período em que lá esteve, também não se sentiu discriminado; até por que todos eram negros, inclusive a professora e seu marido. Para ele a discriminação na escola acontece hoje por que a comunidade escolar é composta por filhos de pobres e ricos.

Que é o Armando Pereira que era o dono de lá, que é o pai do Isaias homem mais rico também da cidade. Então a gente não, não teve distinção. Eles fala que tem distinção nessa escola de hoje na escola la que você ensina, que minha filha ensina né. Vai filho de rico é de pobre aí sim tem separação chega lá põe essa aqui aquele ali né. Difícil. Hoje é mais difícil.

Reflete sobre o racismo e diz que segundo o entendimento de alguns o negro é mais racista que os brancos. Nunca se sentiu discriminado na sociedade em geral, nas lojas, filas de banco ou outros.

Mas a gente com gente próprio as vez né, porque diz que todo negô é racista. Fala todo preto é racista, por isso que eles fala que o preto é mais racista que o branco, né. Mas o pessoal que é estudado, o pessoal a cor branca né. Fala que o nego diz que ele se sente mais racista. Mas o nego sofre mais né.

Diz nunca ter discutido essa questão racial e nem participado de movimentos negros, pois, como já assegurou anteriormente, sempre trabalhou muito para sobreviver e nunca teve tempo ou oportunidade para tal. Nem mesmo dos eventos da 3ª idade pode participar. Conta também que está tendo dificuldades em se aposentar em virtude que houve uma fraude na empresa em que trabalha.

Porque a gente não é um cara assim, como é que fala? Sem moral, um cara que não tem modos é que a gente não tem tempo tem que trabalhar né. Não é, não é, é porque não tem, não tinha tempo mesmo. (...) Então como é que uns homens desse tem tempo, pra ir participar de uma reunião? Não tem condições. Agora hoje que eu já tô velho se eu tivesse aposentado não tivesse trabalhando hoje, eu não vou, não vou pra casa da patroa que hoje é minha folga não é. Já vou em julho, na foi agora esse julho passado agora fez três ano que eu durmo lá todos os dias menos as quartas-feiras. Até hoje não aposetei, fui agora aposentar mas falou que não pode porque a patroa não depositou. Ai eu não vou falar nada pra ela nem pó ela no pau né, porque ela foi muito boa comigo me ajudou muito ela e doutora se precisa ela consulta então vou vê o que vou consegui né um homem dessa idade ainda não conseguiu aposenta. Vai ser escravo o resta da vida não é mesmo.

Conta que sempre foi muito trabalhador tendo trabalhado desde a infância quase que como um escravo. Não teve a oportunidade de se divertir muito, mas que, gostava de jogar rasteira com os amigos. Nunca praticou a capoeira, mas sempre trabalhou duro.

Na juventude gostava de cantar modinhas e de fazer serenata pras mocinhas. Nunca aprendeu a dançar; mas isso não era tão importante pra ele que gostava mesmo era de participar das rodas de cantoria.

Era, nós saia assim a noite nós ia, falava, o baiano falava cantar mudinha né. Uns fala modinha né. O baiano falava mudinha né, cantar mudinha. Mas mudinha é uma muda. Cantar modinha. Eu não, não nunca aprendi foi tocar, mas a gente ia pra cantar assim, assim no tempo que aqueles rapaz que gostava daquelas moça né. (...) então reunia né. Aí chega lá pandeiro, violão, os que tocava. E outros que não tocava era canta né. Aí, aí ficava por ali no outro dia ia pra outro setor era sempre essa; que tinha aquelas moda que é apaixonada né. A gente gostava. Então hoje em dia não. Não aprendi capoeira não tinha tempo mas olha e muito bonito vê o povo dançando né.

Conta que já freqüentou religiões afro-brasileira, quando vivia na Bahia, chegando inclusive a bater tambores. Fala que participava mais por empolgação dos amigos e pela oportunidade de ver moças bonitas; sempre que ia ao candomblé, vestia-se com esmero. Atualmente diz só freqüentar o curador. Entende que o candomblé é uma religião como qualquer outra. Entretanto, acredita que tudo é uma forma de se ganhar dinheiro. *Entendimento? Não gente ia porque o pessoal dizia fulano tem uma pessoa que ta com problema. Ai a gente ia lá pra ajudar resolver.*

Afirma que estes problemas que afetam as pessoas e que as fazem procurar esta ajuda espiritual são problemas relacionados à depressão.

Não encabula? É igual a depressão. A depressão quando a pessoa fala depressão tem vez que não pode nem vê gente né. Mas aí tem que batalhar, levar aquela pessoa prum lazer. Passear pra divertir pra ele até ele acabar a depressão né. E também tem que tomar remédio pra memória né. Então se torna mesmo; igual mesma coisa do candomblé, feitiçaria. Eu acompanhei tudo isso, mas nada disso eu sigo. Não sou ateu, não sou um incrédulo, porque né. Porque o ateu só crê no que vê né. Então a pessoa que não ter; se você me conta eu falo assim, óia a menina me contou, a moça me contou isso e isso. Eu não vou falar, eu ouvi. Aí se eu falar eu ouvi eu estou mentindo, concorda? Não é certo?

6.3 Sebastião do Nascimento

Considera-se negro. Por diversas vezes em seu entendimento foi alvo de preconceitos. Afirma que os negros não são tratados de forma igual na sociedade. Conta que quando machucou a perna, numa partida de futebol, teve de submeter-se a uma fisioterapia. Na clínica, apesar de ser sempre um dos primeiros a chegar, o médico o deixava na espera, atendendo outros pacientes.

Olha eu sou negro. Quando eu maschuquei essa perna minha jogando futebol, eu tive que fazer fisioterapia. Eu chegava cedo primeiro que os outro as vezes, eu já fazia ficha lá. O médico chegava passava 02, 03 na minha frente né. Sendo que eu tinha feito a minha ficha primeiro. Que eu era chegar, era o primeiro a ser atendido não era? Ele me passava, me deixava. Igual eu não sei reclamar, porque eu não gosto de confusão. Maneira alguma né, mas você pode crer que existe preconceito, que existe mesmo.

Outro exemplo de preconceito utilizado por ele, se refere a acontecimentos da atualidade e que repercutiram no Estado, em função de terem ocorrido durante a campanha eleitoral no município de Rondonópolis-MT, quando o então candidato a vice-prefeito, hoje vice-prefeito, sofreu com o preconceito.

[...] pessoal fala que o homem gosta da cor preta, mas existe preconceito, sabe. Muito mesmo. A..., até esse candidato vice-prefeito do Sachetti. É um vice-prefeito que ele é bem moreno né. Bem morenãõ mesmo. E fala até o vice-presidente, o vice-prefeito de fulano é muito bom, muito é bom, mas é preto.

Acredita que nunca tenha sido discriminado na escola e nem profissionalmente, tendo em vista que sempre procurou desenvolver seu trabalho com seriedade e competência. Sempre foi tratado com respeito por seus empregadores, nas mais diversas funções exercidas tratorista, vaqueiro, operador de maquina:

Olha no meu trabalho eu nunca fui discriminado sabe porque eu fazia o serviço direito é o pessoal tratava bem sempre bem; na fazenda que eu trabáei eu era tratorista, todo dia sabe. Eu trabalhei muito tempo de trator. Nós era 4 tratorista. Então é bom minha profissão. E além disso eu sempre assim faço, faço bico assim. Tratorista, vaqueiro, operador de máquina. Faço tudo um pouco.

Na escola, acredita que todos os alunos eram tratados iguais, ou seja, com a mesma severidade por parte dos professores. Não consegue se lembrar também de ter sofrido tratamentos diferenciados por parte de seus colegas. *No meu tempo de estudo todo mundo era tratado igual não tinha essa diferença igual hoje.*

Na associação, nunca se sentiu discriminado. Nas lojas é tratado como um bom cliente, sendo que procura pagar suas contas até adiantado.

Não, não. Loja também não. Loja também eu chego na loja pessoal vê que eu sou freguês dele, qué vender pra gente né. Então você é um cliente; eu sô um cliente bom porque nunca deixei de pagá, nunca deixei das minhas obrigação. Eu sempre cumpria com a minha obrigação direitinho. Pago a prestação até às vezes até adiantado. Então essa parte aí você é bem recebido. Não tem problema nenhum.

Conta que quando trabalhava nas fazendas, sempre procurou estar próximo das pessoas negras, que alias, era maioria:

Eu, bom, eu já tive um sempre tinha a fazenda, uma fazenda que eu trabáia no Biro sabe. Eu gostava mais assim de tá junto com as pessoas da minha igual. Que é assim o que ela tinha na fazenda tudo era pretinho né. E eu gostava de fazer isso, eu adorava sabe. Até hoje. Eu gosto muito dessa coisa, muito mesmo de ficar com pessoa igual a mim.

Revela que mesmo tendo essa predileção, nunca teve a oportunidade de participar do movimento negro, nunca foi convidado, se o fosse, iria com certeza. *“Olha Eu nunca participei de movimento negro, mas eu fosse convidado eu iria, mas é difícil participar né.”*

Sua lembrança sobre a situação dos negros ao longo dos anos é nítida e crítica. Ele revela que as primeiras informações sobre os negros que assimilou estão relacionadas à

escravidão. Depois, recorda-se que em sua cidade natal, negros e brancos não se misturavam, tendo, inclusive, espaços para negros e outro para brancos.

Até mesmo lá em Araguari sabe tinha um lá um cinema sabe preto não entrava. De jeito nenhum. Pra entrar só mesmo a parte branca assim de gravata. Podia tá bem arrumado mesmo ia mio que o branco, mas você não entrava. Era separado. Só que tinha também o clube, o clube também que é o dos negros né.

Mesmo com todo o preconceito vigente, Sebastião afirma que sempre foi um homem correto, digno de confiança e merecedor da fé nele depositada por seus empregadores. Ele avalia que tal fato está relacionado à sua educação familiar e ao cumprimento de seus deveres profissionais. Este fato elevou a sua auto-estima e sempre lhe fez muito bem.

Minha situação assim toda vida que eu fui assim, assim um negro, mas um negro separado dos outro sabe. Porque eu, eu, eu fiz muito bem minha obrigação, então é aquele pessoal que eu fui criado, que eu fui criado pelo próprio pai. Também os fazendeiro eles adora eu sabe faço todo meu trabalho bem certinho. Tinha uma moça lá que foi criada numa família filha de fazendeiro também ela só saia comigo sabe. Tinha uma confiança grande comigo. Então o outro rapaz não saia com ela porque não servia. Tô confessando porque ela lá em Araguari fazer compra no mercado sempre eu era a companhia dela sabe. De confiança mesmo. Então essa parte aí eu sentia muito bem.

Acredita que Rondonópolis possua um grande contingente de afrodescendentes e um pequeno percentual de brancos:

Tem muitos moradores negro. Eu acho assim em Rondonópolis tem a base de 5; tem muito mais não. Fica 10% brancos né, têm uns negros, mas não é negro da África não é assim filhos de brancos com negro. Negro puro, puro aqui não tem não né. É misturado né

Afirma contente, gostar de ouvir e dançar uma música sertaneja e um bom forró. Conta possuir um gravador em seu quarto que sempre utiliza quando está deitado. Não gosta das músicas de hoje, música popular.

Não, dançar eu adoro até hoje adoro dançar. Mas uma dança normal né. Não é a dança de capoeira, nem também dança de Candombe. Eu gosto de samba e música sertaneja eu gosto muito até hoje.

Religioso, afirma ter fé em Deus e ser católico. Tem conhecimento das religiões afro-brasileiras, mas não gosta de espiritismo, umbanda e todas essas religiões.

6.4 José Balbino

Ao falar sobre sua negritude seus argumentos sobre essa questão, são marcados por um entendimento comum aos marxistas de sua geração. Para ele as relações sociais devem ser explicadas a partir das relações de classe. É com ironia que começa sua reflexão sobre a questão da negritude afirmando ser contrário à utilização do termo negro:

Óia movimento negro, essa palavra negro ela me, ela tem muitas, tem muitos defeitos né. Então essa, essa palavra negro eu acho ela errada. É negro, movimento negro né. Eu não acho; que pra mim não existe isso. Agora é o seguinte eu, eu, eu, eu nunca fui racista. Eu não acredito em raça assim. Eu acho que raça é o ser humano. Então, nunca gostei assim de movimento negro. Porque eu não sou negro não, sou igual aos outros. É, é negro mesmo pra mim é, é, é essa gato aí ó. É diferente dos outros só; é a mesma coisa que seres humano. Eu, eu penso assim. Então esse movimento negro que tá falando, ele não, ele nunca me, assim me é, ele nunca me, me agradou porque eu gosto mais de mulher branca né. É demagogia da minha parte dizer que... (risos). Agora não e vandalismo eu gosto mais de mulher branca. No olho de vista eu acho mais a gente é negro. Na vista né, porque é preto.

Para ele não há diferença, o que pode dividir os seres humanos, negros e brancos é justamente argumentos e posições políticas como as do movimento negro. Principalmente por que está ocorrendo, de fato, uma integração das raças. Comenta também que o negro e o índio são uma raça pura e que nós somos apenas mestiços:

Então esse movimento afro eu acho que divide. Eu acho que havia; eu contei pra ele a cor da, da mulhé do Kese, porque ele é branco e nasceu na África.

Isso é um bom sinal que tá havendo integração de raças. E é chato esse negócio de movimento negro. É ele uma coisa que cria muito problema entende racial. O negro que tinha que tê raça, o índio. Nós somô mestiço. Agora o negro é puro. E o índio é. Esse, que tem raça pura né. Já dizem, os grandes cientistas que o índio é descendente de chinês. Agora o negro não porque o negro tá provado que o primeiro, cientificamente, a primeira raça que existia no mundo foi a negra. A pele negra por causa, até elevações. Qué dizê que então, esse a raça negra pra mim que é a pura, porque nois somos a mistura não somo da África entede.

Ele considera-se um mestiço, mestiço de cor marrom, mas não negro. Suas explicações para essa posição serão encontradas em Marx que, segundo ele, considera o racismo um tipo de *projeção* do sujeito.

Óia eu, sou um ser mestiço, eu sô mestiço aí ó. Eu sou marrom. Aí minha cor marrom. Pronto agora assim oia a; segundo Marx é racismo é projeção do cara. É, é qué vê aí tu vai dizê assim duas, contrária, duas máximas de Marx né aqui. Duas, coisas que ela vai tá tomando conta na mente das pessoas e qual é a opinião de Marx. Duas contradição social. Homossexualismo contenção biológica. Digo mas não são puritanos, mas é contradição entendeu. Nós não temos Deus, nem pai, nem família. Mas qué vê ó. Agora o que é pessoa não; anarquista? Ele qué uma companheira. O que clone. Clone é a, é mão-de-obra no capitalismo, proletário entende. É, é essa é a consciência do comunista ele, ele não tem religião, ele não tem pátria, não tem Deus, nem raça. Um ser humano maduro assim. Todo esse conflito que tem é puro defeito do cara. Mas isso é velho demais, isso é preconceito que tem que ser superado. E tá sendo.

Não acha que tenha sido discriminado em algum momento de sua vida, porque nunca forçou a barra em lugar nenhum. Diz só andar em lugar que é bem aceito. Ele não se considera negro, reafirmando sua condição de mestiço, mais um cruzamento de raças. Isso leva a assumir uma posição não favorável à política de Cotas, pois considera o acesso à formação escolar universitária um direito que deve ser garantido a todos:

Eu nunca me senti discriminado não, porque não; a discriminação, ela não me atingi. Porque eu não, eu nunca forcei a barra em lugar nenhum. Eu só ando em lugar que eu sou bem aceito entende. Entendeu. A pessoa não é obrigado; agora você chegar né num bar ou, aí o cara tem que servir. Mas eu, se eu vejo assim é proibida a entrada de negro. Eu sei que eu não sô negro, mas eu sou cruzamento eu não sou loiro então eu não vou naquela porra lá tem cara que força a barra. Mas pra que? Da motivo. Agora isso aí é não, eu acho ridículo pra mim não é acomodação não. Não é acomodação,

porque de uma coisa que eu acho ridículo, eu acho ridículo. Talvez você não vai concordar comigo. Pra que cota pra negro? Negro. Pra que cota? Cota é uma porra. Esse negócio de cota é favor ou não? Então o, o governo, o governo dá uma cota de, de número de pessoas de cor numa universidade, isso não é favor não, é obrigação. Mas, então tem pessoa da minha cor que tá achando que isso aí é um favor não é não. Isso é um direito adquirido que o cara tem. Todos nós somos iguais. Então é por isso que eu não me considero negro. Eu acho que depende de você é só não forçar a barra.

Afirma nunca ter sido discriminado, mas, alega que em lugares onde se exigem boa aparência, ele nem vai. Considera a discriminação e o discriminador uma ignorância.

Eu, eu acho ignorância do discriminador. O cara é idiota, como é que ele vai discriminar o outro porque, pela uma coisa que ele não é culpado. É discriminação, a discriminação de cor é mesma coisa que discriminar um velho, um cego, um aleijado. Mas a cor é uma coisa que a pessoa não é culpada que a cor tem. Entende. Então eu acho que a pessoa que discrimina é uma pessoa assim não tem. É a um não sei. Porque, porque, vô discrimina essa cachorra porque ela é preta. Então eu que tenho a discriminação dentro de mim. Eu não gosto da cor preta. Agora então; agora a criatura o homem que tem aquela cor ele é um ser humano igual eu. Agora, agora é culpado se eu. Agora se eu, se eu culpar ele porque ele tem aquela cor eu tô, eu tô sendo um idiota. Então eu acho que racismo é uma sei lá. É uma coisa que não me atingi não. Isso pra mim já está superado pelo menos pra mim. Eu quero vê, eu quero vê quem discrimina o Pelé. Quem discrimina o Pelé.

Com esta afirmação ele traz duas questões para o debate. Um diz respeito a questão de classe social e a outra ao *embranquecimento* daqueles que ascendem socialmente no Brasil. *O problema é que o dinheiro embranquece no Brasil. Então o que manda é o dinheiro não é a raça.*

Critica a mentalidade, que ele considera *escravagista*, do ex-jogador de futebol Pele. Sua justificativa e de que essa mentalidade deve ter sido adquirida por conta das diversas humilhações sofridas em sua infância:

O Pelé ele tem mentalidade escravagista. E o senhor que é o senhor de escravo mais perverso com o escravo é um cara que não é branco. É o que ele tem, ele o Pelé ele, ele foi é uma questão criança sabe, ele foi, foi muito humilhado. Se rebaixou muito era negro bem pequeno. Então, a única maneira dele evoluir foi o dinheiro. Agora vem cá, que mérito tem essa menina que tá com ele aí? Uma mulhé feia que nem o diabo. Qué dizê que

não sabe desejá mulhé branca, o negro sempre se interessa por mulher branca e a projeção dele entende. É tudo isso é questão subjetiva. É uma porra que racismo é uma farsa. É uma coisa que, é, uma coisa assim que não tem como a gente aceitar né.

Diz não ter participado do movimento negro por discordar politicamente do mesmo, considerando-o desnecessário para fazer avançar a luta social:

Eu não sou racista. Pertença à raça humana. Esse gato aqui, ele não é um gato igual os outros. O homem a mesma coisa. Somos seres humanos e isso basta. Eu acho que é. É aparência que se vê né. Agora vem cá, olha bem. Uma mulher né, aquela, um exemplo de racismo Qual é o branco que não acha aquela Naomi bonita? Aquela Naomi Campbell aquela negra. Ali é negra. Aí, aí vê. Quem não é? Qué dizê quem não fica com mulher branca é isso aí. Racismo é isso aí ó. Tá na cara. Agora porque é bonita, porque é uma mulher que tem prestígio, tem propaganda. Se ela fosse uma cozinheira nego não qué. Racismo é isso.

Sobre a cultura negra suas considerações vão no sentido de demonstrar como ela esta integrada, faz parte da cultura nacional. Cita como exemplo a língua portuguesa que tem uma serie de palavras oriundas da África:

Ó um exemplo, a cultura negra ela nossa língua, nosso idioma. Tem muitas palavras que o branco fala, cabaça, cachimbo, miçanga, mandinga, isso tudo é palavra africana. E tá no nosso vocabulário de português né. Quantas palavras que veio do negro, lá dos africanos. Qué dizê que é isso aí a gente viu; O nosso idioma ele tem influência de, de pessoa de cor preta. Qué dizê que isso prova que o racismo, o racismo é uma projeção do cara. Mas isso tá acabando.

Em seguida reflete sobre o significado da capoeira explicando que ela é uma briga de fuga e como ela se tornou uma prática cultural e esportiva:

O que era a capoeira? Os escravos que fugia da senzala eles, ele, ele brigava muito com o pé, pancada, capoeirista. Quando terminô a escravidão no Rio de Janeiro todos aqueles capangas lutaram capoeira. Tem branco, negro. Tem branco que usam a capoeira, mas a capoeira é uma, é, é, é o cara brigá na mão. É que nem judô. É que nem o boxe.

Outra contribuição que ele ressalta e a da culinária de origem africana:

Tem uma comida que remeda a africana. Comida baiana. Cuscuz, acarajé, moqueca, camarão foram os negros da África que trouxeram. Tudo isso aí é comida africana, mas baiana, comida baiana, apimentada. É gostosa né, quente. Mas se tem; quem não tá acostumado aí queima. É gostoso africana. É bem, quente, apimentada.

Afirmou que freqüentou o candomblé, apesar de não acreditar, com a intenção de arrumar namorada. Ele diz que as religiões afro-brasileiras foram trazidas pelos escravos negros africanos, que sua obrigação é respeitar estas culturas. Coerente com sua posição laica assegura não acreditar nas mesmas:

A verdade. Eu ia no candomblé pra arrumá muié. O lugar gostoso mas não acredito naquilo não. Óia, eu cansei; você sabe aqueles trem que põe na encruzilhada? Aquilo não mata ninguém não. Eu só não comia. Mas bebia o que botava lá eu bebia. Cerveja, cachaça entende. Você não come porcaria, porque aquilo que eles fazem é pra santo, é pra pessoa, comer mesmo, mas é pessoa que já morreu. É uma cultura nativa aquilo lá. É uma cultura a religião afro né. Primeiro a religião afro ele, é o africano é umbanda, quimbanda e jeje-nagô né. Agora foi trazido para o Brasil pelos escravos. Agora os escravos eles qué vê, por exemplo, Oxalá é Deus. Ogum, São Jorge. Xangô, São Jerônimo. Oxossi, São Sebastião. Qué dizê que os africanos eram tão massacrado pelos branco, que ele escondiam. Éles reciclaram a religião africana misturaram com cristianismo. Aí misturou o que? Surgiu assim, por exemplo, feitiçaria, é encantamento. ó minha opinião - ela não é fingimento. Porque eles vence com a natureza entende. As coisa naturais. É pra chuva, é pra criação, é pra casamento, é pra briga, é pra guerra entende. Agora o Ocidente, o cristianismo ele vai; ele corrompe. Ele corrompe, por isso eu não acredito em religião. Que eles não tinham um; eles queriam vive na natureza. De amor. Essas coisas de encantamento é primitivo, mas entrou dinheiro no meio aí não é mais, é comércio. É isso que eu vejo em religião. Então eu acho que a, a maior maneira do homem vivê em paz com ele mesmo. Sem precisá nem de Deus, de nada. Ele não querê pros outro o que não qué pra ele. Isso que eu procuro sê. Eu não desejo pros outro o que eu não quero pra mim. Mas, isso não é religião não, é que eu não ganho nada com isso. Pra mim sê respeita você, respeita ele eu não preciso acreditar em Deus não. É minha obrigação, é o meu dever de ser humano é respeitá o limite dos outro. E a religião o cara ultrapassa isso aí. Ele influi muito na vida particular dos outro. Isso aí não, é abuso. É o que eu vejo

Mesmo alegando nunca ter sido discriminado, José Balbino diz já ter sido apelidado de diversos adjetivos como tiziu, lamparina, azeitona, negão. Antes reagia com valentia, agora já nem tanto.

Óia minha consciência racial eu, eu já tive muitos adjetivos que já foram usado comigo. Qué vê, e tiziu, lamparina, azeitona e negão eu reagia com a força bruta. Eu achava isso assim um negro, como pau de fumo. Aí eu, eu reagia o que é branco safado. Isso aí é uma, é uma, é uma coisa que choca a pessoa. Questão racial. Eu senti isso aí quando era novo, mas depois que eu vi que eu era maior do que isso não me prejudicava mais.

Diz que o não forçar a barra a que ele se referiu anteriormente é não tentar mudar a opinião das pessoas:

É mudá a opinião das pessoas. Se a pessoa não gosta de negro, que dane pra lá. Agora ele é obrigado a gostá de negô? Eu não tô na África do Sul, tô no Brasil. Qué dizê esse o racismo pra mim sofre mais o, cara que diz que ele é afro. Sofre nós somo brasileiro, que é afro e eles qué imitá aquele Luther King. O racismo dos Estados Unidos é diferente do nosso. A cultura americana é, protestante. Não é católica igual nós. Porque lá o, o protestante é racista mesmo, entende. É, é, o vem cá, que segundo a Bíblia qual foi o, a origem do homem ficar negro? Quem foi o cara que pecou fez isso? Heim? Caim matou Abel né. Aí, aí Deus mandou ele pra Etiópia e lá surgiu o negro. Né qué dizê que até nisso o negro é discriminado. O Caim; Deus fez Adão e Eva de barro né. E Adão e Eva tiveram dois filho né era Caim e Abel. E Caim matou Abel. Matou Abel, aí Deus falô assim, pra ele cadê teu irmão? Você matou seu irmão, mas vô mandá você prum lugar que ninguém vai fazê mal pra você. Aí ficou preto. É assim que a escritura fala. Até nas escrituras o negro já é discriminado. Ele matou o irmão isso é demagogia, isso é racismo pra justificar a escravidão negra. E quem, vendia aos brancos os escravos da guerra. Quem? Que cor ele era? Que cor os cara, os mercador de escravo era na África? Beduíno, negro.

Por sua formação e posições políticas esse tipo de entendimento que Jose Balbino têm da questão racial é compreensivo. Ele entende que muito das questões raciais estão relacionadas às questões econômicas. Essa ênfase no econômico para explicar os fenômenos sociais faz parte da cultura política dos militantes comunistas de sua geração. Em que as mudanças na sociedade estavam subordinadas as mudanças do plano econômico. Tinha que se primeiro fazer a revolução e só então questões como essa das relações raciais poderiam ser superadas.

CONCLUSÃO

Com base nos estudos realizados e na pesquisa desenvolvida com trabalhadores negros, com pouca escolarização, nascidos nas décadas de 30 a 40, imigrantes de outras regiões do Brasil e que vivem hoje na cidade de Rondonópolis, podemos apontar algumas conclusões:

Todos os sujeitos entrevistados valorizam a escola e ressentem-se por não terem tido condições para se manterem nela, devido à necessidade de trabalhar. Fato este que pode ser compreendido se levarmos em consideração que:

[...] a maior parte desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia e trabalho (RIBEIRO, 1996, p. 27).

Sentem orgulho dos filhos que estudaram e por possuírem profissões definidas. Talvez até, por seus filhos serem resultado desse esforço histórico de superação das desigualdades que atravessam gerações:

Mas a maioria das pessoas não se dá por vencida apesar dos inúmeros exemplos de racismo elas vasculham sua memória na tentativa de encontrar outros exemplos que contradigam a existência de preconceito e discriminação racial (VALENTE, 1994, p. 57).

Na sua infância não tiveram muito tempo para estudar e brincar. Pois entraram muito cedo no mundo do trabalho. Mas quando tinham tempo não perdiam a oportunidade de estarem com amigos e envolvidos em brincadeiras pertinentes as suas faixas etárias. E é desde este momento de suas trajetórias que podemos identificar a dualidade de classe social e racial

em suas vidas. Em diferentes níveis todos eles valorizam o conhecimento e a necessidade de qualificação e formação.

Conforme pudemos perceber ao longo dessa exposição, a participação e a ação política estiveram diretamente vinculadas às condições sociais vividas por esses trabalhadores. É justamente a partir da esfera de suas relações sociais, que envolvem aspectos econômicos, culturais e políticos que as manifestações de suas consciências política surgem. Estes trabalhadores negros em suas trajetórias expressam manifestações de consciência política e de consciência racial. Em algum momento de suas vidas foram discriminados por sua negritude e excluídos socialmente. É possível perceber que todos eles de algum modo possuem, ainda que em níveis diferenciados, consciência política e racial.

Se considerarmos o que é pensando pela tradição marxista, como consciência política como sendo consciência de classe o único que demonstra, devido a sua militância política, que está próximo dessa consciência é José Balbino. Esse militante comunista em relação à questão racial consegue perceber a existência do preconceito e da discriminação. Mas ainda que manifesta uma consciência de sua negritude não considera a questão da cor como fator determinante, uma vez que para ele a questão não é de cor, mas sim de classe.

[...] Olha era a, a questão que sempre, sempre me, me fascinou são os estudo de classe. Estudo de classe.

Os outros entrevistados, ainda que afirmem não possuírem um envolvimento direto com organizações políticas, sejam partidos ou sindicatos, participam de movimentos religiosos e comunitários. Os que os distanciam do ponto de vista da tradição marxista de uma possível consciência política.

Todos os entrevistados já foram vítimas de preconceito e discriminação, ainda que alguns o neguem. José Balbino nega a discriminação racial porque considera que a discriminação é uma questão de classe e não de cor.

O problema é que o dinheiro embranquece no Brasil. Então o que manda é o dinheiro não é a raça. (risos)

A condição de vida dos sujeitos desta pesquisa, as condições sócio-econômicas e materiais expressam a condição dos trabalhadores negros na sociedade brasileira. Ainda que suas trajetórias não evidenciem uma relação direta com as lutas sociais do negro, pode se perceber que eles estão incluídos nessas lutas.

O Brasil teve que lidar depois da abolição com o 'problema' posto pelos ex-escravos e descendentes de africanos, que não encontrando espaços na sociedade dos brancos, se viram excluídos e marginalizados, destituídos de oportunidades de trabalho e de socialização (HANSEBALG, 1990, p. 02).

Portanto, compreendemos que a exclusão escolar e essas manifestações da consciência política e racial desses velhos trabalhadores negros residentes na cidade de Rondonópolis deve ser compreendida concomitantemente entre classes sociais e questões raciais.

Os fatores classe social e raça foram trabalhados associadamente, no sentido de desvendar como estes sujeitos foram construindo sua consciência política e racial. O que vai levar-nos a concluir que os sujeitos pesquisados apresentam uma rica trajetória de origem popular, com migração para o Centro Oeste. Nessa trajetória vivenciaram a exclusão escolar, se firmaram como trabalhadores, constituíram famílias, adquiriram respeitabilidade na comunidade. Afirmam-se e se compreendem como negros. Finalmente possuem a consciência de terem sido, por diversas ocasiões, excluídos e discriminados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, 1888-1988**. Tradução Magda Lopes, revisão técnica e apresentação Maria Ligia Coelho Prado. Bauru-SP: EDUSC, 1998.
- ANTUNES, Ricardo. **Classe Operaria, Sindicatos e Partido no Brasil**. São Paulo: Cortez e Editora Ensaio, 1988.
- BACELAR, Jéferson. **A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BRANDÃO, Ana Maria. **A Revolução de 1930 e seus antecedentes**. FGV/CPDOC. (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 12º Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, preconceito e Discriminação na Educação Infantil**, São Paulo: Contexto, 2000.
- CARVALHO, Marília Pinto. **Itinerário de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CHAGAS, Conceição Corrêa das. **Negro Uma Identidade Em Construção: Dificuldades e Possibilidades**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1995.
- COSTA E. Viotti. Estrutura Versus experiências. **Novas tendências da história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina**. Rio de Janeiro: BIB, 1990.

COSTA, Candida Soares da. **O Negro no Livro Didático de Língua Portuguesa: Imagens e Percepções de Alunos e Professores.** 2004. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso – Instituto de Educação, Cuiabá-MT, 2004.

COSTA, Marilane Alves. **A Pequena Burguesia Negra Cuiabana.** Um Estudo Sobre a Formação de Sua Consciência Política. 2004, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá-MT, 2004.

D´ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e Multi-culturalismo: racismos e anti-racismo no Brasil** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

ENGEL, Fredrich. **A Origem da Família, da propriedade Privada e do Estado.** 15. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** Recife: Record, 1992.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classe.** São Paulo: Dominus, 1965, 393p.

_____. **A análise sociológica das classes sociais.** São Paulo, 1948.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-Descendente - Identidade em Construção.** São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Palhas, 2000.

FREIRTAS, Sonia Maria de. **História Oral, Possibilidades e Procedimentos.** São Paulo: Imprensa Oficial.

FIGUERREDO, Ângela. **Novas Elites de Cor: estudo sobre os Profissionais Liberais Negros de Salvador.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Instrução, Centro de Estudos Afro-Asiaticos, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** 1. ed., São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classe, Raça e Democracia.** São Paulo: Fundação de Apoio á Universidade de São Paulo; ED, 34, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder.** O movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988), tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdade raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HASENBALG e Nelson do Valle. **Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil.** Desigualdades Raciais no Brasil Contemporâneo. CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1992.

HASENBALG, Carlos Nelson do Valle. **Relações Raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1992.

HANSEBALG, Carlos Nelson do Valle. **Notas sobre Relações de Raça no Brasil e na América Latina.** São Paulo, 1990.

HARRIS, Marvin. **Padrões raciais nas Américas.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

IANNI, Octavio. **As Metamorfoses do escravo: Apogeu e Crise da Escravatura no Brasil Meridional.** 2. ed., Hucitec Curitiba: Sciencia et Labor, São Paulo, 1988.

IASI, Mauro Luiz. **O Dilema de Hamlet.** O Ser ou não Ser da Consciência. 1. ed., São Paulo: ed. Ivana Jinkings, 2002.

JORNAL A Gazeta, 12.02.05 – Caderno 7 A – Política. Cuiabá-MT.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 3. ed., Campinas - São Paulo: UNICAMP, 1994.

LÊNIN, V. I. Que Fazer. São Paulo: HUCITEC, 1985.

MARX, Karl. **Ideologia Alemã.** Trad. José C. e Marco A. 7. ed., São Paulo: Hucitec, 1989.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Negro.** São Paulo: Anita Garibaldi, 1994.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silencioso. In: Schwarcz, L. M. & Queirós, R. S. (Orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

NASCIMENTO, Abdias. **Combate ao Racismo** - Discursos e Projetos (separata de discursos, pareceres e projetos, nº 57). Brasília, Câmara dos Deputados, 1983.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto Preto Quanto Branco: Estudo das Relações Raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

OLIVEIRA, Dennis de. Relações raciais e poder. In: **PRINCIPIOS** n. 34, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA Iolanda de (organizadora). **Relações raciais e educação: temas contemporâneos**. Niterói: EdUFF, 2002. Artigo Perspectivas dos estudos negro e educação. BROOKE Nigel.

_____. **Desigualdades Raciais – construções da infância e da juventude**. 1. ed., Rio de Janeiro: Intertexto, 1999.

PINTO, Regina Pahim. **A educação do negro: uma revisão da bibliografia**. Caderno de pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, N. 62, P. 3 – 34, Ago.1987.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas Fronteiras São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, R. **Alma Africana no Brasil-os iorubas**. São Paulo: Ed. Oduduwa, 1996.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ROSEMBERG, Fúlvia. Relações Raciais e Rendimento Escolar. In: PINTO, Regina Pahim. **Raça Negra e Educação**. Caderno de Pesquisa. São Paulo, Nº 63. Novembro, 1987.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Educação e Ações Afirmativas: Entre a Injustiça Simbólica e a Injustiça Econômica**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2003.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “Ser Negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros, São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: Da Ancestralidade aos Dias Atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SCHWREZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**: São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco – Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

TELLES, Edward Eric. **Racismo à Brasileira: Uma nova perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros na Universidade: Identidade e Trajetória de Ascensão Social no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

THOMPSON, Eduardo P. **A formação da Classe Operaria**, Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Livro I, II e III.

TESORO, Luci Lea Lopes Martins. **Rondonópolis – MT: Um Entroncamento de Mão Única – A Visão do Processo Histórico Pelos Pioneiros**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. 16. ed., São Paulo: Moderna, 1994.

VOLPATO, Luiza R. R. **Cativos do Sertão – Vida Cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: Marco Zero, 1993.